

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Pós-graduação em Linguística

Aline Bisotti Dornelas

CONSTRUÇÕES DE MOVIMENTO FICTIVO EM PORTUGUÊS DO
BRASIL: COGNIÇÃO E *CORPUS*

Juiz de Fora
2014

ALINE BISOTTI DORNELAS

**CONSTRUÇÕES DE MOVIMENTO FICTIVO EM PORTUGUÊS DO BRASIL:
COGNIÇÃO E *CORPUS***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

Juiz de Fora
2014

Aos meus pais, Maciel e Adriana,
por todo amor, cuidado, presença e
incentivo durante toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre iluminar meu caminho.

Aos meus pais, por me apoiarem em todas as minhas decisões e fazerem de tudo para que meus sonhos se tornem realidade.

À minha família, pelo interesse e pela preocupação.

Ao André, pelo amor e pela compreensão.

À minha amiga Lívia, por todos esses anos de amizade e conselhos.

Ao meu orientador Luiz Fernando Matos Rocha, pelas inúmeras discussões, revisões e trocas enriquecedoras.

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo conhecimento fundamental, construído de forma conjunta.

À professora Fernanda Meireles, pelo apoio contínuo e por me apresentar à Linguística Cognitiva.

Às amigas Gabriela Pires e Julia Gonçalves, pela ajuda e pelo companheirismo.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever e analisar Construções de Movimento Fictivo do Português do Brasil (CMF), do tipo “*A estrada vai até a praça...*” e “*A veia percorre toda a extensão do braço...*”. Tais construções utilizam um verbo de movimento associado a um tema estático. Como base teórica, utilizamos pressupostos da Linguística Cognitiva (TALMY, 2000; LANGACKER, 1987, 1999, 2008; FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002) e dos Modelos de Gramática Baseados no Uso (LANGACKER, 1987, 1999, 2008; GOLDBERG, 1995, 2006; GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004). Como aporte metodológico, elegemos instrumentos da Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004; SILVA, 2008), que forneceram condições para a formação de um *corpus* específicos das CMF, com 536 ocorrências. A análise subsequente revelou dois padrões formais mais produtivos: (1) [X_{SNE} Y_{VM} (Z_{SP})] (...o cabelo(SNE)ia(VM)até o pé(SP)) e (2) [X_{SNE} Y_{VM} Z_{SN}] (A artéria vertebral(SNE) (...) percorre(VM)o restante da coluna(SN)). O padrão (1), com variações, apresentou 34 tipos e 372 ocorrências; o padrão (2), com variações, 16 tipos e 164 ocorrências. Postula-se que a motivação cognitiva das CMF advém do processo de mesclagem conceptual entre um domínio de experiência de movimento e outro relacionado visualmente à extensão, o que promove um escaneamento visual da extensão. Essa motivação faz com que, no polo semântico-pragmático, as CMF evoquem uma matriz dominial caracterizadora de espaço físico, focalizando domínios conceptuais de área, dimensão, localização, formato, posição e direção. Pragmaticamente, possuem função descritiva, possibilitando a reconstrução mental da cena estática em questão. Quanto ao ambiente discursivo, as CMF se encontram em maior número nos gêneros ficção e acadêmico e estão relacionadas a tópicos conversacionais como anatomia, turismo, geografia, urbanismo, construção, vestuário e explicação de rotas, que têm como centro a descrição de trajetórias ou outros objetos que são conceptualizados como trajetórias. Assim, nossa análise coloca as CMF como mais um nóculo na rede de construções do PB e procura contribuir com a descrição de nova rede – a rede construcional do movimento. A análise das CMF traz à tona a atuação da mesclagem conceptual na formação de novas construções. Atesta, ainda, a relevância da abordagem da linguagem corporificada proposta pela Linguística Cognitiva e a visão da língua como inventário de construções moldadas pelo uso discursivo.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Fictividade. Movimento Fictivo.

ABSTRACT

The present work aims at describing and analyzing the Fictive Motion Constructions of Brazilian Portuguese (FMC) such as “*A Estrada vai até a praça...*” and “*A veia percorre toda a extensão do braço...*”. These constructions use a motion verb with a static theme. As theoretical basis we use the constructs of Cognitive Linguistics (TALMY, 2000; LANGACKER, 1987, 1999, 2008; FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002) and the Usage-based Models of Grammar (LANGACKER, 1987, 1999, 2008; GOLDBERG, 1995, 2006; GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004). For methodology, we chose *Corpus Linguistics* instruments (SARDINHA, 2004; SILVA, 2008) that provided conditions for the construction of a specific *corpus*, containing 536 examples of FM constructions. The analysis led to two main formal patterns: (1) [X_{NPs} Y_{VM} (Z_{PP})] (...o cabelo(NPs) ia(V_M) até o pé(PP)) e (2) [X_{NPs} Y_{VM} Z_{NP}] (A artéria vertebral(NPs) (...) percorre(V_M) o restante da coluna(NP)). The first one and its variations presented 34 types and 372 occurrences; the second one, and its variations, 16 types and 164 occurrences. It's assumed that CMFs cognitive motivation comes from conceptual blending processes which integrate an experience of motion domain to a visual domain related to the extension described. This integration promotes a visual scanning of this extension. The conceptual motivation allows the FMC to evocate, in its semantic-pragmatic pole, a space qualifier conceptual matrix which focuses on area, dimension, location, shape, position and direction domains. In pragmatic dimension, FM constructions have descriptive function and make possible the mental reconstruction of static scenes. About discursive environment, we found great number of FMC in genres academic and fiction. They are also related to conversational topics such as anatomy, tourism, geography, urbanism, construction, clothing and routes explanations, because these topics have, as its central subject, trajectories or extensions conceptualized as trajectories. Therefore, our analysis locates FMC as a specific construction standard inside the construction network of Brazilian Portuguese. Besides, our work aims at contributing for the description of a new construction network, related to movement verbs. The analysis of FMC brings out the role of conceptual blending at new constructions building. It also attests the relevance of Cognitive Linguistics embodied language approach and the vision of language as an inventory of constructions shaped in discourse.

Key-words: Cognitive Linguistics. Fictivity. Fictive Motion.

“(...)
Ai, palavras, ai, palavras,
Que estranha potência a vossa!
Todo o sentido da vida
princípia à vossa porta;
O mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
(...)”

(Cecília Meireles, em *Romanceiro da Inconfidência*)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1– Esquema imagético FONTE–PERCURSO–META	30
FIGURA2–Representação do <i>frame</i> de referência intrínseco	31
FIGURA3– Representação do <i>frame</i> de referência relativo	32
FIGURA4– Representação do <i>frame</i> de referência absoluto	32
FIGURA5– Diagrama representativo do processo de mesclagem conceptual	38
FIGURA6– Estrutura simbólica da construção	42
FIGURA7– Interação entre tempo e aspecto	50
FIGURA8– Movimento literal e movimento fictivo	59
FIGURA9– Grade de Hermann	54
FIGURA10– Interface do RStudio	71
FIGURA11– Interface do programa TextStatistics	78
FIGURA12– Esquema FONTE–PERCURSO–META completo	83
FIGURA13–Mesclagem conceptual na formação das CMF	85
FIGURA14– Diagrama representativo da metáfora TEMPO É ESPAÇO	86
FIGURA15–Representação das matrizes dominiais dos exemplos (1), (2) e (3)	112
FIGURA16– Representação das matrizes dominiais dos exemplos (4), (5) e (6)	114
FIGURA17– Representação das matrizes dominiais dos exemplos (7), (8) e (9)	115
FIGURA18– Representação das matrizes dominiais dos exemplos (10) a (14)	116

LISTA DE TABELAS

TABELA1– Classificação dos <i>corpora</i> quanto ao tamanho	67
TABELA2– Distribuição quantitativa por gênero das CMF encontradas no <i>Corpus</i> do Português	74
TABELA3– Tipos verbais das CMF encontrados no <i>Corpus</i> do Português	74
TABELA4–Distribuição quantitativa por gênero das CMF encontradas no NILC/São Carlos	75
TABELA5–Tipos verbais das CMF encontrados no NILC/São Carlos	75
TABELA6–Tipos verbais das CMF encontrados no NURC–RJ	76
TABELA7–Tipos verbais das CMF encontrados no C–ORAL Brasil	77
TABELA8–Distribuição das CMF por gêneros no <i>corpus</i> específico	78
TABELA9–Extensões percorriíveis e não percorriíveis das CMF do PB	91
TABELA10–Extensões de maior frequência no <i>corpus</i> específico das CMF	91
TABELA11–Divisão quantitativa do <i>corpus</i> quanto aos padrões (a) e (b) das CMF	98
TABELA12–Listagem dos tipos verbais e exemplos das CMF Direcionais	99
TABELA13–Listagem dos tipos dos SVcomplexos e exemplos das CMF Direcionais	101
TABELA14–Número de ocorrências e porcentagens das CMF Direcionais e variações	106
TABELA15–Listagem dos tipos verbais e exemplos das CMF Transitivas	108
TABELA16–Número de ocorrências e porcentagens das CMF Transitivas e variações	109
TABELA17–Tempos verbais e formas nominais das CMF	110
TABELA18–Números e porcentagens da interação entre as CMF e orações adjetivas	119
TABELA19– Tipos e ocorrências verbais as CMF Direcionais	122
TABELA20–Tipos e ocorrências verbais as CMF Transitivas	123
TABELA21–Divisão das CMF por gênero no <i>Corpus</i> do Português	125
TABELA22– Divisão das CMF por tópicos discursivos no CETENFolha	127

LISTA DE QUADROS

QUADRO1– <i>Script</i> utilizado no R para busca de padrões textuais em <i>corpora</i>	72
QUADRO2–Definição do frame <i>Área_de_percurso</i> , seus elementos e exemplos no PB	117
QUADRO3–Relações entre Construções de Movimento Literal e Construções de Movimento Fictivo	121

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

CMF – Construções de Movimento Fictivo	14
CMFD – Construções de Movimento Fictivo Direcionais	96
CMFT – Construções de Movimento Fictivo Transitivas	104
SN – Sintagma nominal	44
V – Verbo	44
SP – Sintagma preposicional	45
S _{NE} – Sintagma nominal – tema estático	97
V _M – Verbo de movimento	97
SP _X – Um ou mais sintagmas preposicionais	97
S _{Adv} – Sintagma adverbial	102
SX – Sintagma preposicional ou adjetival ou adverbial	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2– A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM	17
2.1– O PAPEL DO SIGNIFICADO NA FORMAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES LINGÜÍSTICAS.....	18
2.2– CATEGORIZAÇÃO, CONCEPTUALIZAÇÃO E OS DOMÍNIOS DO CONHECIMENTO.....	19
2.2.1– Conceptualização	20
2.2.1.1– <i>Construal</i>	21
2.2.2– Categorização	22
2.2.3– Domínios do conhecimento	23
2.2.3.1– Frames e Modelos Cognitivos Idealizados.....	23
2.2.3.2– Domínios.....	25
2.3– A CORPORIFICAÇÃO DA LINGUAGEM.....	27
2.3.1– Esquemas imagéticos	28
2.3.1.1– O esquema FONTE–PERCURSO–META.....	29
2.3.2– <i>Frames de referência</i>	31
2.4– PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL.....	33
2.4.1– Espaços mentais	33
2.4.2– Metáfora e metonímia	34
2.4.3– Projeção e mesclagem	36
2.5– MODELOS DE GRAMÁTICA BASEADOS NO USO.....	40
2.5.1– Construções	41
2.4.2– Construções Resultativas	44
2.4.3– Complementos e Adjuntos	45
2.4.5– Orações adjetivas	48
2.5.5– Verbos: interação entre tempo e aspecto	48
3– MOVIMENTO FICTIVO E FICTIVIDADE	51
3.1– FICTIVIDADE.....	51
3.2– MOVIMENTO FICTIVO: ABORDAGENS TEÓRICAS.....	55
3.3– PESQUISAS SOBRE MOVIMENTO FICTIVO.....	60
3.3.1– Experimentos psicolinguísticos	61
3.3.2– Estudos baseados em corpora	62
3.4– CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	63
4– METODOLOGIA	65
4.1– LINGÜÍSTICA DE <i>CORPUS</i>	65
4.1.1– A caracterização de um corpus	66
4.1.2– A adequação da Linguística de Corpus como metodologia auxiliar	67
4.2– PROCESSO DE FORMAÇÃO DO CORPUS ESPECÍFICO.....	68
4.2.1– Aplicação da linguagem R	69
4.2.2– Descrição dos corpora utilizados	73
4.2.3– O corpus específico das Construções de Movimento Fictivo do PB	77
5–CONSTRUÇÕES DE MOVIMENTO FICTIVO EMPORTUGUÊS DO BRASIL	79
5.1– A MOTIVAÇÃO CONCEPTUAL DAS CMF	81

5.1.1– O esquema imagético FONTE–PERCURSO–META e a mesclagem conceptual.....	82
5.1.2– O <i>frame</i> de referência relativo.....	86
5.2– FORMA E SIGNIFICADO NAS CMF.....	93
5.2.1– Os padrões formais das CMF.....	95
5.2.1.1– Construção de Movimento Fictivo Direcional.....	98
5.2.1.1.1– Sintagmas verbais complexos.....	100
5.2.1.1.2– Sintagmas adverbiais.....	101
5.2.1.1.3– Sintagmas preposicionais não lexicalizados.....	103
5.2.1.2– Construção de Movimento Fictivo Transitiva.....	106
5.2.1.3– Tempo e aspecto dos verbos nas CMF.....	109
5.2.2– O polo da significação das CMF.....	111
5.2.2.1– A matriz dominial das CMF.....	111
5.2.2.2– O <i>frame</i> Área_de_percurso.....	116
5.2.2.3– A motivação pragmática das CMF.....	118
5.2.3– O lugar das CMF na rede construcional do movimento.....	120
5.2.4– Produtividade e convencionalização.....	121
5.3– O AMBIENTE DISCURSIVO DAS CMF.....	124
5.4– CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	128
6– CONCLUSÃO.....	129
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXO A: Construções de Movimento Fictivo Direcionais.....	137
ANEXO B: Construções de Movimento Fictivo Transitivas.....	151

INTRODUÇÃO

“Era uma vez um menino triste, magro e barrigudinho, do sertão de Pernambuco. Na soalheira danada do meio-dia, ele estava sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um gordo vigário a cavalo:
__ Você aí, menino, para onde vai essa estrada?
__ Ela não vai não: nós é que vamos nela.
__ Engraçadinho duma figa! Como você se chama?
__ Eu não me chamo não, os outros é que me chamam de Zé.” (CAMPOS, 1989)

Em *Continho*, de Paulo Mendes Campos, ao perguntar para onde ia a estrada, o vigário obteve a seguinte resposta do menino: “Ela não vai não, nós é que vamos nela”. Desfazendo a fictividade existente na pergunta, o menino leva o diálogo à literalidade, e o objetivo discursivo do vigário não é atingido.

De fato, numa abordagem totalmente composicional, diríamos que estradas, ruas e avenidas não vão a lugar algum, pois, fisicamente, não saem de onde estão. Ao mesmo tempo, é difícil, na fala espontânea, encontrar melhores termos para explicar a localização de determinada rua do que “...é a rua que passa em frente a minha casa...” ou “...é uma rua que vai até a saída da cidade...”.

Quais seriam as razões cognitivas e motivações semântico-pragmáticas e discursivas para que essas estruturas sejam formadas e utilizadas dessa maneira? Essas construções são produtivas e frequentes? Essas foram as questões iniciais motivadoras da presente pesquisa.

Assim, conseguimos delimitar nosso objeto de estudo e situar as Construções de Movimento Fictivo (CMF) na rede construcional do movimento. Nessa rede, verbos de movimento são utilizados em diferentes padrões com objetivos de descrever, desde o evento de movimento mais literal até as situações temporais, que usam esses verbos metaforicamente. As CMF são nós nessa rede, apresentando um padrão formado pela mesclagem, não de um domínio literal e outro abstrato, como no movimento metafórico, mas de dois domínios literais: a experiência de movimento e a experiência visual relacionada à extensão tema. Os exemplos abaixo ilustram as CMF:

- (1) A avenida Ascendino Reis, que corre às margens da Rubem Berta, vai estar aberta.

- (2) O caminho, com cerca de 60 centímetros de diâmetro, atravessa por baixo do pavilhão 7, passapelo pátio do presídio e atinge muralha, após percorrer cerca de 40 metros.
- (3) (...) a fila de pessoas com ingresso dava a volta completa quadra do Olympia.

Nos exemplos acima, extensões são conceptualizadas como trajetória e visualmente escaneadas, o que permite o uso de verbos de movimento. Tal processo evidencia a fictividade presente nessas construções ao utilizar a ideia de movimento para descrever as extensões.

A presente pesquisa faz parte do projeto “A construção discursiva da fictividade: sociocognitivismo e *corpus*” (ROCHA, 2011), que pretende descrever, por meio da associação do discurso a abordagens construcionistas, as diferentes instâncias da fictividade na linguagem. A descrição e a análise da construção discursiva da fictividade são realizadas em contextos diafasicamente distintos, porém diatopicamente similares em *corpora* do português brasileiro, com vistas ao mapeamento de padrões específicos que compõem a multimodalidade do fenômeno (ROCHA, 2013).

Portanto, o que pretendemos aqui é investigar os aspectos das Construções de Movimento Fictivo que as fazem ser parte da rede de construções do Português Brasileiro. Esses aspectos são referentes à sua motivação conceptual, seus padrões formais e às dimensões pragmáticas e discursivas, bem como sua produtividade e frequência na língua.

Para tal, utilizamos, como escopo teórico, autores da Linguística Cognitiva, para a definição de esquemas mentais, domínios conceptuais (TALMY, 2000; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1999; LANGACKER, 1987, 1999, 2008), processos de integração conceptual e a dinâmica dos espaços mentais (FAUCONNIER; TURNER, 2002; FAUCONNIER, 2006) e semântica de *frames* (FILLMORE, 1982). Ainda, para uma abordagem construcionista associada a esses pressupostos, recorreremos aos Modelos de Gramática Baseados no Uso (LANGACKER, 1987, 1999, 2008; GOLDBERG, 1995, 2006; GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004; CROFT; CRUSE, 2004).

Quanto à escolha metodológica, utilizamos a Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004) como metodologia auxiliar, baseando-nos nos pressupostos de Silva (2008), que ressalta a aproximação da Linguística Cognitiva com a Linguística de *Corpus*, pelo fato de que a Linguística de *Corpus* propicia uma análise quantitativa e probabilística, bem como o

estabelecimento de padrões de uso na língua que ajudam a comprovar os pressupostos dos modelos de uso da gramática, aqui utilizados, em associação à Linguística Cognitiva.

Dessa forma, o texto se organiza como descrito a seguir:

O segundo capítulo se destina à apresentação dos pressupostos gerais da Linguística Cognitiva, com foco naqueles que se encaixam mais especificamente às necessidades da presente pesquisa. O capítulo aborda também visão construcionista da linguagem, aliada aos pressupostos da LC e as respectivas justificativas de escolha teórica.

O capítulo três abrange o fenômeno da fictividade, suas principais instâncias na linguagem e as abordagens teóricas que são referência nesse campo. Posteriormente, há uma descrição das principais definições cognitivas do movimento fictivo na linguagem e as tipologias estabelecidas por Talmy (2000). Temos ainda, um resumo dos estudos baseados em experimentos psicolinguísticos e também pesquisas realizadas em *corpora*, para que sejam confrontados na análise.

O capítulo quatro apresenta a escolha e a justificativa metodológica, o processo de formação do *corpus* específico desse estudo e um resumo dos achados em cada um dos *corpora* utilizados.

O quinto capítulo é a principal parte do trabalho, contendo análise e discussão dos dados encontrados. Com o objetivo de comprovar as hipóteses de que as CMF constituem um nóculo na rede de construções do PB, que possuem motivação semântico-pragmática em esquemas formados através da experiência e processo de integração conceitual, ambientação discursiva correspondente e padrões formais produtivos com *types* frequentes, esse capítulo faz uma descrição detalhada de cada um dos aspectos mencionados, com base nas análises quantitativas e qualitativas das construções que fazem parte do *corpus* específico.

Por último, a conclusão se destina à apresentação das considerações relacionadas aos acréscimos teóricos proporcionados pelo presente trabalho, como a análise das CMF pode contribuir com a comprovação dos pressupostos da LC e dos modelos de gramática utilizados a partir dos achados referentes à coerência entre padrões, motivação cognitiva e uso discursivo. Pretendemos elucidar, através das conclusões dessa pesquisa, que a linguagem emerge dos usos linguísticos, ou seja, os padrões gramaticais são moldados pelas necessidades pragmáticas e discursivas, surgindo para servir à comunicação.

2- A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM

A perspectiva sociocognitiva em Linguística, adotada no presente trabalho, caracteriza-se por evidenciar o caráter experiencial da linguagem. Acreditamos que, ao invés de uma faculdade cognitiva autônoma, a linguagem encontra-se em constante interdependência com outras habilidades cognitivas não linguísticas, com os esquemas mentais adquiridos por meio da experiência física e perceptual e com as estruturas socialmente convencionalizadas no cotidiano da vida humana. Juntos, linguagem, cognição, experiência e engajamento social possibilitam aos indivíduos participar ativamente do vasto universo simbólico, exclusivamente humano, em que o mundo é de fato compreendido e interpretado.

Assim, a visão construcionista, apresentada pelos Modelos de Gramática Baseados no Uso (LANGACKER, 1987, 1999, 2008; GOLDBERG, 1995, 2006; GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004) é a que melhor se adequa aos pressupostos adotados nesta pesquisa. Tais modelos baseiam-se também nos pressupostos da Linguística Cognitiva, trazendo uma visão de gramática como rede de construções que se instancia no âmbito discursivo e a partir de processos de integração cognitiva de conceitos sócio-historicamente compartilhados.

No presente capítulo, será exposta uma revisão dos pressupostos teóricos das abordagens citadas que são pertinentes ao estudo das Construções de Movimento Fictivo do Português do Brasil. Primeiramente, será apresentada uma explanação sobre os processos cognitivos de categorização, integração conceptual e conceptualização, envolvendo as estruturas cognitivas formadas por meio da experiência, de esquemas imagéticos e domínios conceptuais (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1999; LANGACKER, 1987, 1999, 2008; FAUCONNIER; TURNER, 2002; FAUCONNIER, 1997; FILLMORE, 1982). Ainda, serão expostos os principais pressupostos e conceitos dos modelos de gramática utilizados: a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1999, 2008) e a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004; CROFT; CRUSE, 2004). Além disso, a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003) será também apresentada como teoria complementar à análise dos dados na perspectiva sociocognitiva da linguagem.

2.1- O PAPEL DO SIGNIFICADO NA FORMAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICAS

A busca pelo entendimento dos processos de construção do significado e de suas relações com os constructos linguísticos teve e tem grande representatividade nos estudos em Linguística Cognitiva. Inicialmente colocada em segundo plano nos estudos linguísticos, a questão do significado protagonizou grandes discussões sobre a origem das estruturas das línguas, fomentadas por dissidências teóricas e a formação de novos campos de estudo.

Nos primórdios dos estudos linguísticos no século XX, o significado e os usuários das línguas foram pouco considerados no binômio linguagem-mundo. Com o advento da Gramática Gerativa, de Chomsky (1957, 1980), os estudos se voltaram para a cognição e para a importância dos processos mentais na formação da estrutura linguística. Porém, numa visão formalista, o significado continuou subfocalizado, dando lugar à primazia do significante e à formação sintática da língua. O sujeito foi incluído, mas como idealizado, portador de uma faculdade de linguagem inata, alvo das pesquisas na área.

Com o avanço das pesquisas na tradição gerativista, a concepção de um falante ideal e da significação apenas como estrutura profunda da forma tornavam-se, para alguns, insustentáveis frente ao reconhecimento de ideias como os pressupostos da pragmática e estudos semânticos, que trouxeram à tona a inegável associação direta entre estrutura linguística, significado e comunicação.

De acordo com Salomão (2009b), a dissidência teórica que gerou o campo hoje conhecido como Linguística Cognitiva, ocorreu, principalmente, devido à questão da importância da significação e também ao reconhecimento da insuficiência da composicionalidade. Essa insuficiência se deve ao fato de que as formações sintáticas por si só não dão conta da intencionalidade presente nas interações, que contam com expressões idiomáticas e construções encontradas somente no uso linguístico.

Assim, na perspectiva sociocognitiva, o significado vem à figura da cena, a linguagem é considerada um sistema integrado a outros sistemas cognitivos e advinda de um processo de construção que relaciona esses sistemas a experiências físicas e sociais. É dessa forma que ocorre o processo de conceptualização: as estruturas linguísticas são associadas a cenas em que a experiência se constitui. Segundo Croft e Cruse (2004), essa dinâmica conceptual da estruturação linguística vai ao encontro dos conceitos da *gestalt*, teoria da psicologia que

defende a construção realizada pela mente humana de sistemas e objetos complexos por meio de uma experiência fragmentada.

Dessa forma, a abordagem sociocognitiva enxerga a cognição e a linguagem como resultados da corporificação, um processo que forma o inconsciente cognitivo nos moldes da experiência física e sensorial. A cognição é o exercício do conhecimento numa ação engajada e situada no ambiente, emergindo, assim, de padrões sensório-motores recorrentes na percepção e na ação (THOMPSON, 2007).

Tais padrões recorrentes da experiência são construídos na mente humana em forma de esquemas de imagem, sensoriais, proprioceptivos, domínios conceptuais ou *frames*, mais ou menos básicos, de acordo com seu grau de especificidade e complexidade. Segundo Tomasello (2005), as construções linguísticas representam padrões de uso da língua que se tornam mais abstratos se utilizados com frequência e produtividade significativas nos vários *frames* e *scripts* sociais durante o processo comunicativo.

Ainda de acordo com Tomasello (2005), a aquisição e compreensão das construções linguísticas dependem de capacidades exclusivas dos seres humanos de estabelecerem causas subjacentes a eventos e de compreender a si mesmos e seus co-específicos como agentes intencionais em *frames* de atenção conjunta. Ao reconhecer o Outro como co-específico, conseguimos inferir seus estados mentais e, assim, somos capazes de, por um lado, moldar o discurso que produzimos de modo a atingir as expectativas de compreensão dos interlocutores e, por outro lado, compreender seus enunciados a partir da leitura de suas intenções comunicativas.

Por meio dessa breve introdução sobre os pressupostos da Linguística Cognitiva, observamos as intrínsecas relações entre eventos comunicativos e formação das construções de uma língua. Com base numa visão de linguagem como resultado de negociação em contextos comunicativos e ação no meio histórico e social, é que se desenvolve a análise realizada neste trabalho.

2.2- CATEGORIZAÇÃO, CONCEPTUALIZAÇÃO E OS DOMÍNIOS DO CONHECIMENTO

Ao adotarmos uma visão de linguagem como uma construção sócio-histórica e um processo de corporificação da experiência, somos levados a refletir sobre como ocorrem tais processos. É necessário pensar ainda sobre quais são os mecanismos cognitivos utilizados pela mente humana para fazer com que eventos interacionais sejam internalizados e integrados na formação dos polos conceituais e estruturais das construções linguísticas. De acordo com autores como Lakoff (1997), Fillmore (1982), Langacker (2008), Kövecses (2006), entre outros importantes nomes da Linguística Cognitiva, os processos de categorização e conceptualização são ferramentas cognitivas primordiais à compreensão do mundo simbólico que nos envolve, sendo responsáveis, assim, pela emergência da linguagem.

Segundo Tomasello (2005), a conceptualização de referentes é uma etapa necessária para que a aquisição de linguagem se inicie de fato, pois, para isso, é imprescindível que a conceptualização do mundo passe de uma condição direta a uma mais abstrata e flexível. De acordo com o autor, a conceptualização motiva os processos de categorização de objetos, de aspectos dinâmicos e relacionais daquilo que é vivenciado pelo aprendiz. Juntas, essas duas ferramentas cognitivas promovem a organização da experiência em esquemas mentais e domínios básicos e complexos do conhecimento.

2.2.1- Conceptualização

É por meio da habilidade cognitiva de conceptualização que identificamos os significados das expressões que emergem e se desenvolvem no discurso. A conceptualização é de natureza dinâmica e possibilita a compreensão, em vários níveis, da experiência física e mental: concepções novas e também as já estabelecidas; experiência emocional, motora, sensorial; processamento temporal e todos esses conceitos em relação a seus contextos linguísticos e sociais. Esse processo permite que os usuários da língua consigam criar uma base conceptual para a negociação de significados que ocorre no ambiente discursivo (LANGACKER, 2008).

A conceptualização consiste em modos alternativos de experienciar cognitivamente objetos e situações, o que é realizado por capacidades cognitivas gerais de perspectivação conceptual – *construal* (SILVA; BATORÉO, 2010). O significado linguístico é construído cognitivamente com a conceptualização dos eventos, que é realizada pelos indivíduos a partir

de suas várias possibilidades de perspectiva. Assim, nota-se que a abordagem em questão não concebe o significado como uma relação direta entre linguagem e mundo, mas, sim, como fruto de operações cognitivas que envolvem, de acordo com Langacker (2008): especificidade, foco, proeminência e perspectiva, relacionados aos eventos sociais e discursivos conceptualizados e que servem de base para a emergência do significado sociocognitivamente construído.

2.2.1.1- *Construal*

O significado de uma expressão não é apenas o conteúdo conceptual que evoca, mas também a construção desse conteúdo. O conteúdo é construído cognitivamente, por meio de formas diferentes de observar e focalizar a “cena” evocada pelo significado. Ao presenciar determinada cena, observadores em posições diferentes provavelmente irão enxergá-la cada um a seu modo (LANGACKER, 2008). Esta é a metáfora utilizada pelo autor quando descreve a noção de *construal*, destacando quatro componentes dessa construção: especificidade/esquematicidade, foco, proeminência e perspectiva.

A especificidade/esquematicidade diz respeito ao nível de precisão com que uma “cena” é caracterizada. A noção de especificidade é o inverso da esquematicidade, fundamental para a construção do significado, já que ocorre em todo e qualquer âmbito da experiência. A esquematicidade diz respeito às primeiras generalizações do mundo, das experiências corporais, das relações humanas entre inúmeras outras coisas e situações. É essa capacidade humana que permite a categorização e também a especificação (LANGACKER, 2008).

A focalização seleciona o conteúdo conceptual dentro da cena visualizada para apresentação linguística. O foco permite o acesso a porções particulares de conceitos por meio da linguagem. Esse aspecto envolve a noção de figura-fundo, que se torna evidente na forma em que um item lexical é compreendido no contexto de uso da linguagem. O foco é utilizado para selecionar conteúdo conceptual para a apresentação linguística. O item lexical, por sua vez, dá acesso direto a domínios cognitivos numa matriz de significados (LANGACKER, 2008).

Dentro da proeminência é importante a noção de perfilamento, que se refere a um recorte conceptual de uma expressão em uma base conceptual mais ampla, ou seja, todo conceito está ligado a uma sentença, que está dentro de um contexto, gerado por uma intenção (LANGACKER, 2008).

Outro aspecto do *construal* é a perspectiva, entendida como a disposição da cena, como ela é vista, de que ângulo é observada. De acordo com Langacker (2008), nesse aspecto da construção do significado, está envolvido o ponto de vantagem assumido pelo observador. Assim, uma mesma cena se diferencia em significados quando há diferentes pontos de vantagem.

2.2.2- Categorização

No que diz respeito às teorias de categorização, Lakoff (1987) ressalta que a pesquisadora Eleanor Rosch (1978) deu início a uma abordagem que excedeu a visão aristotélica de categorias com fronteiras fixas. Por meio de pesquisas com povos de diferentes línguas e culturas, Rosch (1978) percebeu que as categorias cognitivas linguísticas e não linguísticas apresentavam fronteiras variáveis, “melhores exemplos” – protótipos - e uma relação interdependente com as experiências socioculturais. Essa interdependência faz com que as categorias, na verdade, sofram efeitos prototípicos de assimetria, ou seja, a categoria se adequa ao modelo socialmente convencionalizado para determinado conceito.

Os significados das palavras de uma língua estão inteiramente ligados à noção de prototipia, já que a compreensão do significado de determinada palavra ocorre por meio da aproximação do conceito ao protótipo da situação contextual em que ela surge. Assim, são formadas as categorias com sua assimetria, motivadas pelo contexto das cenas a que estão atreladas (FILLMORE, 1982).

Dada a natureza sociocognitiva da representação categorial, é possível inferir que o processo de categorização envolve vários níveis de organização e complexidade. Há categorias de nível básico, referentes a conceitos genéricos, mais representativos da categoria e os esquemas de imagens, referentes à categorização das experiências corporais mais básicas. De acordo com Lakoff (1987), esses dois exemplos dizem respeito à categorização pré-

conceptual da experiência. Já as formações categoriais mais complexas apresentam-se em forma de estruturas organizadas ou domínios do conhecimento (SALOMÃO, 2009b).

Podemos observar que categorização e conceptualização são processos interligados, bases da cognição e da linguagem, e que juntos são responsáveis pela compreensão do mundo. Ao mesmo tempo em que fazem parte da formação de modelos cognitivos mais complexos, Lakoff (1987) coloca que os processos de categorização e conceptualização são subprodutos de modelos cognitivos preexistentes.

2.2.3- Domínios do conhecimento

As estruturas do conhecimento sócio-historicamente convencionalizadas são difundidas pela Linguística Cognitiva e associadas ao surgimento dos diferentes usos linguísticos em cada sociedade. Permeando as principais teorias da LC, encontramos os conceitos de domínios, Modelos Cognitivos Idealizados e *frames*, dentre outros.

2.2.3.1- *Frames* e Modelos Cognitivos Idealizados

Os Modelos Cognitivos Idealizados são estruturas complexas, resultantes da organização do conhecimento promovida pela cognição humana na experiência com mundo. Essas estruturas incluem estrutura proposicional, esquemas de imagens e mapeamentos metafóricos e metonímicos (LAKOFF, 1987).

Tomando o exemplo dado por Lakoff (1987), o conceito relacionado à palavra “terça-feira” só pode ser definido com relação ao conhecimento do sistema de contagem de tempo que chamamos semana, ou seja, a semana é um modelo idealizado, um todo organizado linearmente, em partes, correspondentes a cada um dos dias de uma semana, que não existe de fato, senão na idealização que compartilhamos na sociedade. Prova disso é que nem toda cultura conceptualiza a contagem do tempo da mesma forma; outros povos usam tipos distintos de calendários, pois compreendem a categoria tempo de forma diferente, tendo outras necessidades quanto à sua contagem.

O termo *frame*, na concepção de Fillmore (1982), também se refere a categorias complexas da experiência estruturadas e organizadas em enquadres cognitivos. O autor expõe que a compreensão de um termo relacionado a um *frame*, ou de uma de suas partes implica a compreensão de seu todo, dada sua formação contextual dentro de uma comunidade de fala.

Essa noção de *frame* aparece, no campo da Linguística, na gramática dos casos de Fillmore (1968), em que, para a caracterização de um verbo, faz-se imprescindível a definição dos papéis temáticos de seus argumentos, a noção de valência. De acordo com Fillmore (1982), para compreender a estrutura semântica de um verbo, é preciso conhecer e entender as pequenas situações caracterizadas pela junção dos casos de seus argumentos. O verbo e os argumentos, entendidos dessa forma, formariam então uma cena esquematizada. Segundo Petruck (1996), os *frames* são vistos como dispositivos de estrutura cognitiva, evocados pelas palavras, a fim de efetivar a compreensão. Assim, a compreensão do significado do material linguístico depende do domínio da experiência social convencionalizada e prototípica a ele associada.

As ideias relacionadas ao conceito de *frame* como estrutura cognitiva, socialmente organizada e contínua com a linguagem, foi desenvolvida por Fillmore e colaboradores, na Universidade de Berkeley, como Semântica de *Frames*. Foi então que, segundo Salomão (2009a), na década de 1990, ocorreu uma junção colaborativa entre a Semântica de *Frames* e a lexicografia que deu início ao projeto lexicográfico computacional FrameNet (<https://framenet.icsi.berkeley.edu/>).

No Projeto FrameNet, é realizada a extração de informação semântica associada a propriedades sintáticas de um *corpus* eletrônico, apresentando *online* os resultados. Nesta apresentação há a descrição de um *frame*, sentenças anotadas como exemplos de ocorrências, evidência dos elementos de *frame*, a descrição de elementos nucleares e não-nucleares, bem como as relações existentes entre aquele determinado *frame* e outros *frames* (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003).

Os *frames* são evocados por unidades lexicais, que seriam o significante. O *frame* evocado por elas é considerado então o significado. Cada uma das unidades lexicais evoca um único *frame* e, por essa razão, uma mesma palavra pode ser associada a diferentes unidades lexicais, como o verbo *pegar*, por exemplo, que pode evocar o *frame* de manipulação, se estiver numa sentença em que alguém pega um objeto, ou pode evocar também o *frame* de compreensão, se estiver se referindo ao fato de alguém ter entendido algo (SALOMÃO, 2009a). Na FrameNet, o conceito de valência evidencia-se nos elementos de *frame*; as

propriedades semânticas de valência do verbo mostram-se em termos de entidades permitidas a fazer parte do *frame* evocado por ele. Os *frames* se organizam de forma hierárquica, se interligando de forma assimétrica e por meio de relações de herança.

Os *frames* descritos na FrameNet, então, vão contar com uma definição de seu *status* como *frame*, a descrição de cada um de seus elementos e exemplos de sentenças que emergem nele. O *frame* História_Individual, por exemplo, possui a seguinte definição:

Um cenário que descreve uma série de eventos associados a um único participante, que ocupa um período de tempo e não necessariamente precisam formar um todo coerente. Em muitos casos, o relato é limitado a fatos importantes e significantes para a história contada¹ (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal>).

Possui os elementos nucleares: EVENTOS vivenciados e relatados pelos PARTICIPANTES; e os elementos não-nucleares: DESCRIÇÃO, DOMÍNIO, DURAÇÃO, TEMPO_INÍCIO, TEMPO_FIM. Tais elementos descrevem a valência do verbo e permitem uma visão mais clara da relação entre o contexto social reiterado, gerador do *frame* e as expressões linguísticas a ele associadas.

Por meio dessa breve descrição, podemos observar que os conceitos de *frame* e MCI são muito próximos e utilizados na literatura de forma compatível, com o conceito de *frame* sendo mais desenvolvido nos estudos atuais com a teoria da Semântica de Frames e suas aplicações na FrameNet.

2.2.3.2- Domínios

O conceito de domínio por ele apresentado é análogo aos de *frame* e de Modelos Cognitivos Idealizados, mas não totalmente equivalentes, já que sua abordagem traz um foco maior nos esquemas mais básicos da experiência além de abranger os domínios mais complexos (LANGACKER, 2008).

¹ Tradução nossa.

Individual_history

This scenario describes a series of Events associated with a single Participant. The Events do not necessarily form a coherent whole, but merely occupy a period of time. In many cases the history is limited to what are considered the important or significant events.

O termo *Domínio* foi adotado pela Gramática Cognitiva para se referir ao conteúdo conceptual a que as operações do *construal* se impõem. Assim, os domínios se configuram como tipos de concepção e também como os vários domínios da experiência utilizados na linguagem. Dessa forma, as expressões linguísticas utilizadas pelos falantes evocam, em sua maioria, uma matriz complexa de domínios que podem variar entre os que envolvem conceitos básicos da experiência e aqueles que envolvem conceitos não básicos. Esses, por sua vez, podem apresentar diferentes níveis de organização conceptual.

Os domínios básicos, de acordo com Langacker (2008), são domínios irredutíveis, no sentido de que não são analisáveis por meio de outros conceitos. Exemplos desses domínios são: espaço, espectro de cores, frequências sonoras, temperatura, entre outros. Com essa base, a conceptualização tem um “terreno firme” para operar e, dessa forma, fazer emergir conceitos mais específicos.

Os domínios não básicos são, justamente, domínios conceptualizados a partir da experiência básica que se tornaram mais específicos por meio de situações novas de cunho social, sensorial, emocional, intelectual e/ou temporal. Como já foi dito acima, esses domínios variam de acordo com o seu grau de organização, desde conceitos mais simples, passando por conceitos mais elaborados, até a representação de sistemas inteiros de conhecimento de dado modelo cognitivo (LANGACKER, 2008).

Os domínios formam uma matriz cognitiva complexa, com múltiplos domínios. Essa matriz dominial, evocada pelas palavras, não se constitui meramente numa lista de domínios, mas, sim, numa sobreposição deles para que o conceito seja de fato compreendido. Assim, para descrever a matriz dominial correspondente a determinado conceito é necessário que se estabeleça quais os domínios envolvidos em sua formação e como esses domínios se relacionam. De acordo com Langacker (2008), na matriz dominial, há domínios que são mais centrais, essenciais à atividade de determinada expressão no contexto comunicativo; outros são menos consistentes e não tão essenciais a tal conceito.

Para ilustrar a dinâmica cognitiva dos domínios, temos, em Langacker (2008), o exemplo da palavra “copo”, que evoca a seguinte matriz dominial: (1) espaço, (2) formato, (3) orientação espacial típica (verticalidade), (4) função de contêiner, (5) função no processo “beber”, (6) material, (7) tamanho, (8) preço, (9) processo de lavagem, (10) posição na mesa de jantar, (11) métodos de produção, entre outros. É possível observar como os sete primeiros domínios citados fazem parte de uma constituição intrínseca do objeto, sendo que é praticamente impossível imaginar um copo sem visualizar esses domínios concretizados. Já

do oitavo domínio em diante, sabemos que são características secundárias do objeto. Assim, presença e consistência de tais domínios vão depender muito mais do contexto de uso variável do termo. Concluímos, então, que os domínios de 1 a 7 são mais centrais, e de 8 a 11, mais periféricos.

Nesta dissertação, serão utilizados os conceitos *frame* e domínio: o primeiro, na adequação das construções ao *frame* já existente no projeto FrameNet; e o segundo, com o intuito de descrever a complexidade dominial gerada pelo fenômeno cognitivo do movimento fictivo.

2.3- A CORPORIFICAÇÃO DA LINGUAGEM

A relação entre linguagem, corpo e espaço é um dos pontos centrais desta pesquisa, já que as construções em questão envolvem ligações intrínsecas entre os domínios cognitivos gerados pela experiência de movimento e visualização espacial e a forma como tais experiências são utilizadas para descrever objetos no espaço. Portanto, será feita uma explanação de alguns dos pressupostos da Linguística Cognitiva que defendem essa ligação.

Lakoff e Johnson (1999) trazem à tona uma questão filosófica básica às discussões nas ciências cognitivas. Trata-se da questão da corporificação da cognição e da linguagem. Os autores argumentam que não há faculdade cognitiva separada da experiência corporal que nos distinguiria crucialmente das outras espécies de animais, mas, sim, uma contiguidade com relação a elas, apoiando a teoria evolutiva. A experiência de nossos corpos com o meio em que vivemos seria então responsável pela construção de um inconsciente cognitivo motivador da conceptualização que realizamos do mundo. Assim, ressalta-se a importância da interação do ser humano como um todo – corpo, movimento, percepção e emoção - com o ambiente físico e simbólico que o cerca para a forma como compreendemos e organizamos esse ambiente a fim de que seja refletido e (re)elaborado pela da linguagem.

A tese da linguagem corporificada tem tido cada vez mais apoio em pesquisas no campo das neurociências. Pelos resultados de tais pesquisas, é possível assumir que, ao imaginar, observar ou compreender uma ação, o substrato neural ativado é o mesmo de quando praticamos a ação (GALLESE; LAKOFF, 2005).

Os resultados de um estudo relacionando compreensão de expressões de movimento – literal, fictivo e metafórico - e atividade neural, de Cacciari (2011) e colaboradores, corrobora essas afirmações. O estudo demonstrou, por meio de técnicas de neuroimagem aplicadas em indivíduos que expostos a construções com verbos de movimento, que o substrato neural ativado na compreensão de tais expressões é correspondente à área cerebral ativada pelo movimento dos músculos das pernas como gastrocnêmio e tibial anterior.

Levinson (1996) ressalta que pensar espacialmente é uma das principais estratégias da cognição humana. Por meio desse tipo de pensamento, os seres humanos conseguem tratar de questões abstratas das mais diversas, desde medidas geométricas até questões sobre o posicionamento de classes sociais. Na literatura sobre o tema da corporificação da linguagem, encontramos descrições de estruturas fundamentais para a organização de experiências mais básicas relacionadas aos nossos sistemas motores, perceptuais e sinestésicos. Essas estruturas são chamadas de esquemas mentais. Dentre eles, ressaltamos os esquemas imagéticos.

2.3.1- Esquemas imagéticos

Os esquemas imagéticos, assim como domínios e *frames*, são estruturas cognitivas formadas a partir da experiência. Essas estruturas, porém, estão diretamente ligadas à relação de nosso corpo com o espaço físico, mais especificamente aos movimentos, experiências perceptuais que repetidamente vivenciamos ao interagir com o ambiente. A sistematicidade dessas interações provoca a formação de memórias inconscientes que ficam disponíveis para o uso da conceptualização (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Para que a conceptualização do mundo ocorra de forma efetiva por meio da linguagem, é preciso que cognição humana esteja munida de estruturas de organização pré-conceptuais, ou seja, estruturas que possam ser utilizadas como base na dinâmica dos processos de integração conceptual. Os esquemas imagéticos fazem parte dessa base pré-conceptual, não como imagens mentais, mas num nível mais abstrato, formando, assim, esquemas de estruturação de percepções, imagens e eventos recorrentes. Os esquemas imagéticos são estruturas cognitivas imprescindíveis para que a experiência humana se torne tão significativa ao ponto de permitir que a mente crie formas ainda mais abstratas pela mediação da

linguagem e possa assim compreender as complexidades que permeiam os campos da comunicação e do conhecimento (JOHNSON, 1987).

A lista de esquemas imagéticos que utilizamos no processo de formação das expressões linguísticas é extensa, podendo ser referentes a experiências estáticas, como CONTÊINER, CENTRO-PERIFERIA, PARTE-TODO, LIGAÇÃO, SUPERFÍCIE; dinâmicas, como PERCURSO, ESCALA, ATRAÇÃO, ANTAGONISTA, entre outros (JOHNSON, 1987).

Neste trabalho, daremos especial atenção para o esquema de TRAJETÓRIA ou PERCURSO (JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999), fundamental na estruturação das construções descritas. O mesmo esquema é também referido como FONTE-PERCURSO-META (KÖVECSES, 2006).

2.3.1.1- O esquema FONTE-PERCURSO-META

A configuração das Construções de Movimento Fictivo, objeto deste trabalho, envolve um domínio de experiência motora e visual com o movimento, a vivência de sair de uma fonte, percorrer uma trajetória, visualizando-a, e chegar ao alvo. Tal experiência é reiterada em nossa sociedade e no estilo de vida humano. Vivenciamos e conceptualizamos trajetórias em inúmeros momentos do cotidiano. Como ressalta Johnson (1987), de um objeto até outro dentro de casa, de uma cidade a outra, da Terra à lua, entre muitas outras, percorremos trajetórias de forma real ou imaginada.

Por meio de vivências reiteradas, da consciência de sua necessidade e efetividade, a cognição humana transforma os movimentos e as percepções em um esquema imagético abstrato e significativo da experiência, pronto para ser utilizado pela mente em diferentes níveis de compreensão linguística e não linguística. O referido esquema – FONTE-PERCURSO-META – possui uma estrutura interna bem definida, apresentando os seguintes componentes, segundo Johnson (1987):

- (1) fonte: ponto de partida;
- (2) meta: ponto de chegada;
- (3) percurso: sequência contínua de pontos conectando fonte e alvo;

- (4) marcos ao longo do percurso: para sair da fonte e alcançar a meta é preciso passar por todos os pontos que formam o percurso;
- (5) direção: a noção de direcionalidade está ligada ao percurso pela imposição das necessidades humanas de chegar ao ponto final das trajetórias, o que seria mais complexo sem a noção da orientação de (a) com relação a (b).
- (6) dimensão temporal: uma linha do tempo é integrada ao percurso pelo fato de que o objeto sai da fonte (a) do percurso no tempo t^1 e chega à meta (b) no marco de tempo t^2 . Assim, se (b) está à frente de (a) no percurso, t^2 é maior que t^1 , ou seja, houve uma passagem de tempo entre (a) e (b).

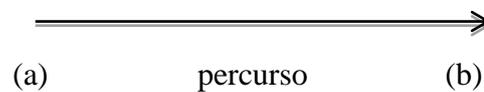


Figura1 – Esquema imagético FONTE-PERCURSO-META (JOHNSON, 1987, p. 28)

O esquema FONTE-PERCURSO-META é base na formação de expressões metafóricas relacionadas a situações mais abstratas como a noção de temporalidade, objetivos de vida e a conceptualização da própria vida. Kövecses (2006) discute o exemplo da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, que tem como domínio-fonte o esquema da trajetória e domínio-alvo a ideia de vida como um todo, os acontecimentos que a permeiam. Essa metáfora seria responsável por enunciados como “Ela chegou aonde queria em sua profissão” ou “Agora que ele fez isso, não tem mais volta”. Johnson (1987) exemplifica a utilização do esquema como domínio-fonte da metáfora PROPÓSITOS SÃO DESTINOS. De acordo com o autor, desde as primeiras experiências autônomas com a trajetória, na aprendizagem do engatinhar, a criança associa a meta física a ser alcançada – o ponto de chegada da trajetória que pretende fazer – a seu objetivo real na vida, seu propósito, que naquele momento coincide com a meta do percurso realizado. Essas associações mentais perduram durante o desenvolvimento da linguagem e podemos compreender com clareza, enunciados que as exemplificam como “Ele percorreu um longo caminho para se formar”.

Podemos observar o quanto os esquemas estruturados mentalmente são responsáveis pelas abstrações presentes nas construções de uma língua. Levinson (1996) sustenta que, a orientação espacial é também de imprescindível relevância no processo de integração conceptual de domínios da experiência relacionada à visão a ao movimento no ambiente.

2.3.2- *Frames* de referência

Em sua concepção da conexão existente entre linguagem e espaço, Levinson (1996) explana sobre a importância de considerar os *frames* de referência na interpretação das diferentes construções que têm como base as relações espaciais, como as expressões de passagem do tempo, marcos num dado período de tempo, *status* social e até mesmo expressões de movimento fictivo.

Os *frames* de referência consistem em estruturas cognitivas construídas por meio da experiência que estabelecemos com o ambiente de que dispomos associada à conceptualização da cultura em que estamos inseridos, com relação ao senso de direcionamento e localização espacial. Essas estruturas presumem a noção de sistemas de coordenadas e a forma como os utilizamos para nos orientar espacialmente e, conseqüentemente, falar sobre espaço e tempo. De acordo com Levinson (1996), existem três tipos de *frames* de referência:

- (a) *Frame* de referência intrínseco: contém um ponto de referência e um objeto. O sistema de coordenadas tem sua origem no objeto, que representa a base da orientação. Como um exemplo, a figura abaixo ilustra o possível enunciado “O homem está na frente da casa”.

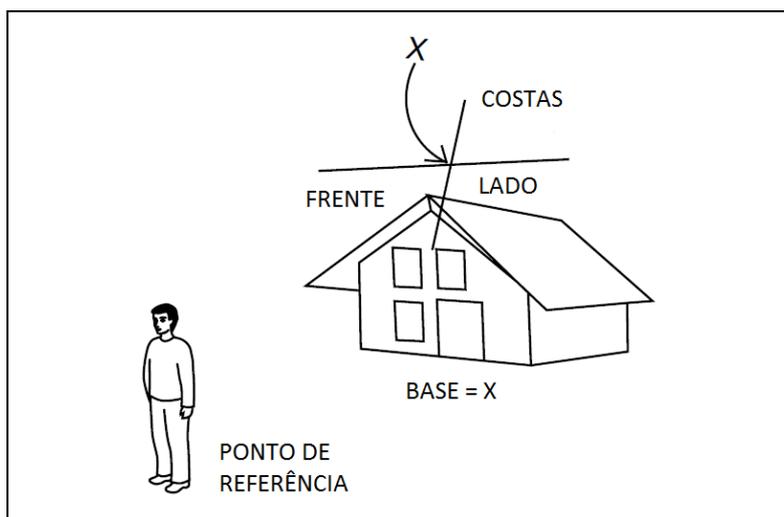


Figura2 – Representação do *frame* de referência intrínseco (LEVINSON, 2003, p. 40)

- (b) *Frame* de referência relativo: contém um ponto de referência, um objeto e um observador. Há dois sistemas de coordenadas, um no observador e um no objeto, o

que possibilita diferentes pontos de vista dependendo da posição do observador, como podemos observar a seguir na representação do enunciado “O homem está à esquerda da casa”. De acordo com Levinson (2003), o *frame* de referência relativo está intimamente ligado à cognição visual e à direção do olhar.

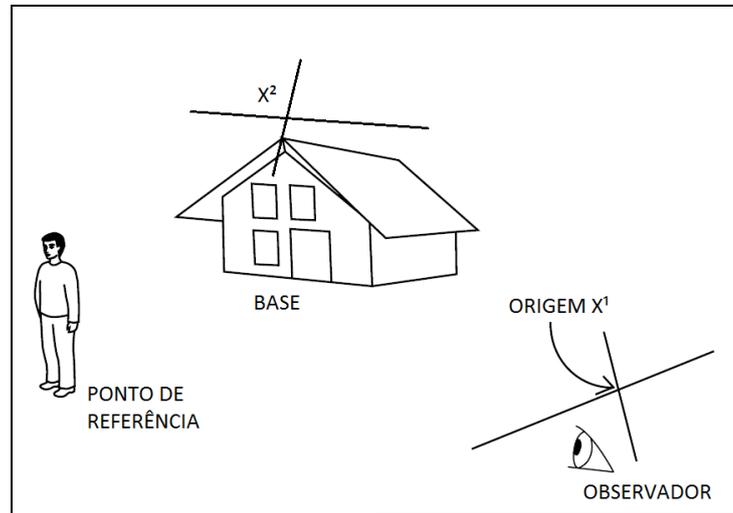


Figura3 – Representação do *frame* de referência relativo (LEVINSON, 2003, p. 40)

(c) *Frame* de referência absoluto: apresenta um sistema de coordenadas invariável, como pontos cardiais: norte, sul, leste e oeste. As culturas que adotam somente esse *frame* provavelmente constroem seus ambientes culturais com base em aspectos constantes da natureza que não são observados por nosso tipo de descrição cultural. Um exemplo seria o seguinte enunciado “O homem está ao norte da casa”, representado pela figura abaixo:

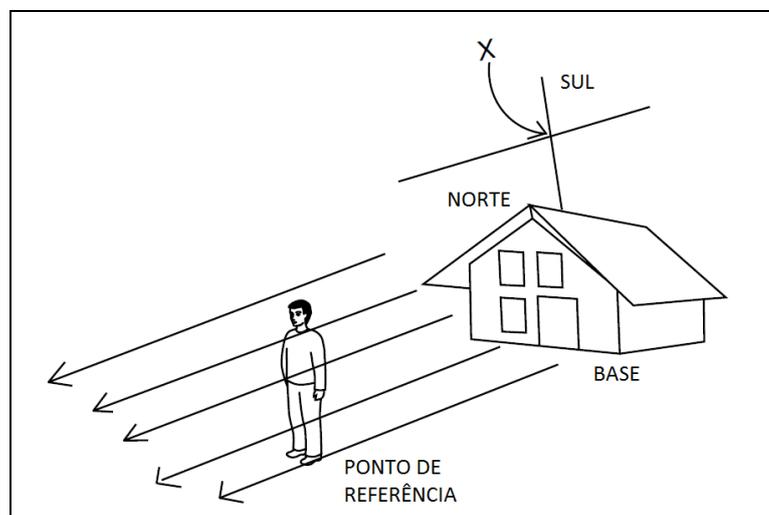


Figura4 – Representação do *frame* de referência absoluto (LEVINSON, 2003, p. 40)

As expressões de movimento subjetivo (fictivo) são possibilitadas pela utilização do *frame* de referência relativo. Com dois sistemas de coordenadas e um ponto de vista, o *frame* de referência relativo torna-se adequado à descrição de experiências visuais relacionadas ao movimento. Ao escanear visualmente e memorizar cenas estáticas ou extensões quando se encontra em movimento, o observador é capaz de manter um ponto de vista constante e referir-se à cena observada, e não a si mesmo, como estando em movimento (LEVINSON, 2003). Essa capacidade, gerada pela abstração da experiência, é responsável pela produção de construções de movimento fictivo tais como “A cadeia de montanhas segue ao longo da estrada”. Observa-se, portanto, a importância desses *frames* no processo de referenciação. Os *frames* de referência no domínio espacial estão à mercê da subjetividade (fictividade).

2.4- PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL

Os domínios do conhecimento e os esquemas imagéticos, expostos nas seções anteriores, são domínios estáveis, pois possuem estrutura e padrões definidos e até certo ponto compartilhados na sociedade. Porém, tais estruturas não são estáticas, pois, ao longo do discurso, sofrem processos de “integração conceptual” (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002) motivados pragmaticamente na formação de construções mais abstratas e elaboradas. Por meio dessa dinamicidade, o conhecimento acumulado nas estruturas de armazenamento conceptual e pré-conceptual pode ser difundido e elaborado de acordo com as necessidades da linguagem e do pensamento humano no decorrer da comunicação.

2.4.1- Espaços mentais

A “Teoria dos Espaços Mentais” (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002) apresenta os caminhos percorridos pela mente humana para produzir as analogias e integrações fundamentais para a compreensão da forma como entendemos e enxergamos o mundo para nos expressar. Para isso, lançamos mão dos espaços mentais, estruturas

construídas ao longo do discurso para servir à compreensão e à ação momentânea. Tais estruturas estão conectadas aos *frames* e esquemas imagéticos e se baseiam nesses domínios do conhecimento anteriormente construídos.

Os domínios e os espaços mentais são estruturas são igualmente abrangentes, considerando desde os padrões mais básicos até os mais complexos, porém enfatizam diferentes questões de análise. Os domínios focalizariam a coerência interna do conteúdo conceptual, mais relacionado aos conceitos ligados às unidades lexicais e construcionais. Já os espaços mentais dão maior ênfase às discontinuidades conceptuais geradas pelas necessidades discursivas, apresentando assim, maior dinamicidade (LANGACKER, 2008).

Apesar de serem criados à medida que o discurso impõe a necessidade, os Espaços Mentais são estruturas que já contém informações, retiradas de *frames*, domínios ou esquemas, porém parcialmente representadas nos cenários evocados no contexto comunicativo pela percepção ou pela imaginação. Há sempre uma situação comunicativa imediata, conhecida como base para criação de outros espaços mentais necessários. A partir dessa base, os conceitos mais abstratos vão surgindo à medida que novos espaços vão se acomodando e se conectando aos espaços já existentes (FAUCONNIER, 1997).

Observamos, então, que os espaços mentais são a matéria-prima com a qual os processos de integração conceptual trabalham para a formação das abstrações imaginativas e linguísticas. Existem diferentes processos de integração conceptual, como a projeção e a mesclagem, descritas em Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002) e as projeções figurativas, como metáfora (JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999; FAUCONNIER, 1997; KÖVECSES, 2006) e metonímia (LAKOFF; JOHNSON, 1999; KÖVECSES, 2006).

No presente trabalho, a integração conceptual que mais nos interessa e que servirá à explicação cognitiva das Construções de Movimento Fictivo é a mesclagem, mais especificamente, mesclagem sem metáfora. As CMF são independentes do processo metafórico, como veremos mais adiante na análise. Inicialmente, vamos a uma breve descrição dos outros processos de integração conceptual citados.

2.4.2- Metáfora e metonímia

A metáfora e a metonímia são processos cognitivos atrelados a grande parte das construções linguísticas da vida cotidiana. Porém, essas duas projeções figurativas nem sempre foram vistas dessa forma. A abordagem referencial considera a metonímia uma figura de linguagem que se caracteriza por licenciar o uso de um termo por outro, desde que haja uma contiguidade semântica ou a possibilidade de uma associação semântica entre eles. A metáfora, por sua vez, foi considerada pela mesma abordagem também como figura de linguagem, restrita a poesias e à linguagem literária.

Na perspectiva sociocognitiva da linguagem, autores como Lakoff e Johnson (1999) e Fauconnier e Turner (2002) vêm demonstrando como nossos conceitos mais básicos são conceptualizados metaforicamente, com projeções entre domínios pragmaticamente adquiridos por meio da experiência física e social humana.

De acordo com Kövecses (2006), a projeção metonímica é possibilitada pela organização conceptual em domínios ou *frames*. O que nos faz compreender que, em um enunciado como “A mesa dois pediu para fechar a conta”, “mesa dois” se refere na verdade aos clientes que ocupam essa mesa é o fato de termos um conhecimento já estruturado do domínio *restaurante*; e a mesa é um de seus elementos principais.

A metonímia é um processo cognitivo intradominal, que projeta, do domínio a que pertence um objeto, evento ou propriedade, fazendo papel de um “veículo” que conduz a compreensão ao alvo que consiste em outro objeto, evento ou propriedade relevante dentro do próprio domínio. Portanto, no exemplo “A mesa dois pediu para fechar a conta”, o veículo “mesa” conduz ao alvo “cliente”, elementos do domínio restaurante (KÖVECSES, 2006).

Não apenas uma mera figura de linguagem poética na perspectiva sociocognitiva, a projeção metafórica é tida como uma operação cognitiva fundamental subjacente à linguagem. Com a “Teoria Conceptual da Metáfora” (LAKOFF; JOHNSON, 1999), foi concebida a ideia de que domínios mais abstratos do conhecimento são compreendidos à luz de domínios mais concretos da experiência. Assim, é possível observar, por meio de análises linguísticas, um fenômeno cognitivo em que elementos de modelos cognitivos básicos são projetados para modelos mais complexos a fim de fornecer um caminho para sua compreensão, a metáfora.

Para cada metáfora, podemos identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo. O primeiro refere-se às estruturas mais concretas da experiência e o segundo, ao conceito mais abstrato que se pretende alcançar. Para que a metáfora se concretize, é necessário que haja correspondências entre, no mínimo, dois domínios a serem integrados e, então, ocorrem

projeções parciais entre esses domínios. Assim, por meio de um processo de metonímia, itens são projetados de seus domínios, porém, ao invés de corresponderem a outros itens dentro de seu próprio domínio, esses itens correspondem a itens presente no domínio-alvo.

Um exemplo de metáfora conceptual seria a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM (cf. seção 2.3.1.1), que apresenta correspondências como: o viajante é uma pessoa vivendo a vida; o destino é o propósito que a pessoa tem na vida; os obstáculos pelo caminho são as dificuldades da vida, entre outros. Nem todos os componentes do domínio-fonte são projetados no domínio-alvo nas metáforas como, por exemplo, o fato de viagens envolverem os elementos: reservas de hotéis, organização de bagagens e seguro. Tais elementos não são comumente observados em enunciados que conceptualizam a vida em termos de viagens. Assim, as correspondências entre fonte e alvo existem, porém não são globais.

A Teoria da Metáfora Conceptual e a Teoria da Mesclagem (FAOCONNIER, 1997; FAOCONNIER; TURNER, 2002) – (cf. seção 2.4.3) - podem ser consideradas teorias complementares, pois algumas expressões aparentemente metafóricas não podem ser explicadas somente por meio da projeção entre dois domínios, sendo necessário o acréscimo de outros domínios à estrutura. Em “Aquele cirurgião é um açougueiro”, a compreensão de que na verdade o referido cirurgião não é um bom profissional não se dá se considerarmos correspondências somente entre dois domínios. São necessárias outras inferências, como a incoerência entre o objetivo do cirurgião, que é curar o paciente e os métodos que açougueiro utiliza, com objetivo de deixar a carne pronta para consumo (FERRARI, 2011).

Apesar dessa interdependência, podemos observar casos tanto de metáfora sem mesclagem, quanto de mesclagem sem metáfora. No primeiro caso, segundo Grady (1997 apud FERRARI, 2011), as metáforas mais básicas, chamadas de metáforas primárias, estão altamente convencionalizadas no inconsciente e não precisam de outros domínios para que sejam formadas, como por exemplo: QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL, responsável por enunciados como “O preço da carne subiu”; e DESEJO É FOME, subjacente à seguinte expressão “Temos fome de vitória”. Por outro lado, as ocorrências de mesclagem sem metáfora apresentam conexões em elementos únicos na mescla, o que será exposto na seção seguinte.

2.4.3- Projeção e mesclagem

As ações mentais subjacentes à linguagem dependem de relações entre elementos dos domínios envolvidos na compreensão e produção dos conceitos e expressões. Tais ligações são realizadas por projeções. De acordo com Fauconnier (1997), as projeções consistem em correspondências entre dois domínios que determinam para cada elemento do primeiro uma contraparte no segundo.

As projeções metonímicas são de importância central na capacidade cognitiva humana de construir significado com o auxílio de analogias, metáfora, mesclagem e outras operações cognitivas que se baseiam na integração conceptual. Além disso, são responsáveis pela organização e compreensão de significados linguísticos, ao passo que associam as informações novas aos conceitos pré-estruturados, ao longo do processo comunicativo.

A mesclagem conceptual, trabalhada por Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002), dentre outros, depende crucialmente das projeções para que se estabeleçam as relações de correspondência entre os domínios envolvidos e entre os outros componentes da mesclagem. Segundo Fauconnier (1997), por meio do processo de mesclagem, a mente é capaz de produzir novas conexões e, assim, novos significados e uma conceptualização atualizada. Dessa forma, vai sendo criado um arcabouço mental de significações e construções conceptuais numa rede dinâmica que se amplia e se torna cada vez mais complexa ao longo das interações linguísticas.

O funcionamento da mesclagem se dá de forma espontânea na mente humana, com a utilização dos domínios do conhecimento já internalizados. Esses domínios são utilizados como *inputs* no processo, que, minimamente, requer dois espaços mentais. De acordo com Fauconnier e Turner (2002), as projeções entre os *inputs* selecionados pela mesclagem produzem um terceiro espaço, o espaço mescla, que, apesar de herdar itens dos dois espaços utilizados, possui uma estrutura nova, própria e inédita, chamada estrutura emergente. A estrutura emergente é o resultado da mescla, o novo conceito formulado pelos processos cognitivos.

A mesclagem conta com um quarto espaço mental, chamado espaço genérico. Este espaço reflete características de estrutura e organização que os dois *inputs* relacionados possuem em comum. É uma estrutura mais abstrata e esquemática, que serve de base para a definição das projeções principais a serem feitas entre os *inputs* (FAUCCONNIER; TURNER, 2002).

É importante ressaltar que nem todos os aspectos dos *inputs* são projetados no espaço mescla. Os elementos passam por uma seleção anterior à projeção que privilegia aqueles que interessam à elaboração da estrutura emergente. De acordo com Fauconnier e Turner (2002), os itens que seguirão para a mescla podem estar tanto em dupla com sua contraparte, quanto sozinhos. Um elemento de um *input* que não possui correspondência em outro *input* também pode ser projetado, se for necessário na formação do novo conceito.

Na figura abaixo, estão representados: espaço genérico, *inputs* 1 e 2, espaço mescla, em círculos, e as projeções entre eles, em linhas. As linhas contínuas representam as correspondências entre os elementos no *input*1 e suas contrapartes no *input*2. As linhas pontilhadas correspondem às conexões que ligam os *inputs* ao espaço genérico e ao espaço mescla. E, ainda, o quadrado no espaço mescla representa a estrutura emergente.

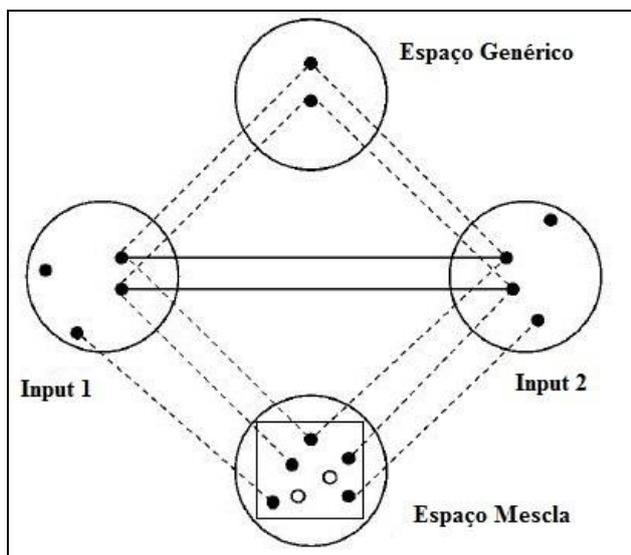


Figura5 – Diagrama do processo de mesclagem conceptual (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 46)

Na figura apresentada, podemos visualizar o papel dos *inputs*, das projeções e do espaço genérico na formação da mescla. No espaço mescla, há uma estrutura emergente, que é a estrutura inédita, apesar de baseada nas projeções vindas dos *inputs* 1 e 2. Três processos inter-relacionados são necessários à emergência do novo conceito: composição, complementação e elaboração (FAUCCONNIER, 1997).

- (a) Composição: refere-se ao modo como, juntas, as projeções entre os domínios produzem novas relações e as disponibilizam para a estrutura emergente. Essas novas relações não existiam previamente nos *inputs* da mesclagem, mas surgiram por meio dela.

- (b) Complementação: a complementação é o que permite que a estrutura projetada seja vista como parte de uma estrutura mais abrangente, anteriormente adquirida e organizada em *frames* e domínios. Como na *Gestalt*, as mínimas composições apresentadas na mescla são inconscientemente tidas como parte de um todo significativo.
- (c) Elaboração: alguns princípios trazidos à mesclagem pela complementação são incorporados às projeções no espaço mescla a fim de elaborar a estrutura emergente. Esse processo representa a performance cognitiva na mesclagem que trabalha de acordo com a lógica do conceito em formação.

Observamos então a complexidade dos processos que culminam na elaboração da estrutura emergente. As mesclagens responsáveis pela formação da estrutura conceptual podem ser ainda mais complexas, contendo múltiplos espaços mentais e projeções. Fauconnier e Turner (2002) defendem que os processos de mesclagem emergem de uma rede de espaços mentais disponíveis à integração conceptual. Esses processos podem ser largamente aplicados, servindo a inúmeros casos de integração de imagens, eventos, emoções, transferências de conceitos, inferências, contrafactualidade, criatividade científica, artística, ou seja, tudo aquilo que nos identifica como seres humanos. Todos esses processos possibilitam a comunicação e elaboração linguística, tornando, assim, integração conceptual e linguagem interdependentes.

Um exemplo utilizado por Fauconnier (1997) é a mesclagem conceptual responsável pela expressão “vírus de computador”. A motivação do processo de formação da expressão surge pragmaticamente, das necessidades discursivas de uma sociedade que adentrou o campo da ciência computacional e a tornou acessível à grande parte das pessoas. Assim, temos “saúde” como *input* 1 e “informática” como *input* 2. O espaço genérico, como já foi dito acima, abrange informações em comum, porém abstratas, entre os dois *inputs*; nesse caso, os esquemas PARTE-TODO e CONTÊINER, que podem se relacionar tanto ao corpo humano quanto ao computador; a noção de benefício e malefício, entre outras. O item “vírus biológico”, contido no *input*1, é então projetado na sua contraparte, “programas de informática prejudiciais”, no *input*2. Essas duas informações encontram-se juntas no espaço mescla, para a elaboração da estrutura emergente. Assim, as relações de correspondência iniciais entre os dois *inputs*, bem como as informações dos domínios do conhecimento relacionados e trazidos inconscientemente ao processo, entram em ação para elaborar a

expressão resultante da estrutura emergente e o novo conceito único e inédito na linguagem, “vírus de computador”.

O processo de mesclagem conceptual é um aspecto importante na formação das Construções de Movimento Fictivo, como será exposto na seção 3.2 no capítulo teórico, bem como na análise. Passemos agora aos pressupostos relevantes da abordagem construcionista.

2.5- MODELOS DE GRAMÁTICA BASEADOS NO USO

A partir dos conceitos apresentados, a visão de gramática adotada não poderia ser diferente de uma formada por modelos baseados no uso, como a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1999, 2008) e a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004). Esses modelos de gramática apresentam diferenças complementares e estão de acordo quanto à natureza das construções. Tais teorias consideram que a língua é, na verdade, um inventário de construções que possuem forma, sentido e usos próprios, advindas de necessidades pragmático-discursivas, relacionadas numa rede que as interliga conceptualmente.

Nesta seção serão abordados os pressupostos que pontualmente interessam para a análise, como o conceito de construção gramatical dos modelos citados, a definição das Construções Resultativas, a visão construcional para complementos e adjuntos, o caso das orações adjetivas e a interação entre tempo e aspecto verbais.

Observamos que os modelos baseados no uso possuem uma visão de língua e de construção linguística claramente divergente da abordagem apresentada pelas versões da Gramática Gerativa. De acordo com Croft e Cruse (2004), o gerativismo considera a linguagem como autônoma, formada por níveis igualmente autônomos. Esses níveis, fonológico, sintático e semântico, encontram-se ligados ao léxico e operam com regras genéricas que geram os componentes das expressões linguísticas. O léxico, por sua vez, é visto como unidade sintática mínima que está ligado aos outros módulos e contém tanto as unidades lexicais, quanto idiosincrasias linguísticas como as expressões idiomáticas.

Dessa forma, se assim consideradas, as estruturas linguísticas disporão de análises puramente composicionais, o que torna uma infinidade de construções que, de acordo com os modelos baseados no uso, possuem padrões e usos próprios, idiosincrasias relegadas ao

léxico. Inúmeras construções que possuem forma, sentido e usos próprios representam para tal teoria um problema de composicionalidade, já que apresentam em sua estrutura algum aspecto aparentemente incoerente se comparado aos padrões sintáticos considerados mais centrais pela tradição gerativa.

Há construções que são mais facilmente identificadas por possuírem um padrão sintático incomum, como os exemplos da língua inglesa “*The more you study, the smarter you get.*” (Quanto mais você estuda, mais inteligente fica.) – comparativa-correlativa - ou “*Day by day, the facts are getting murkier.*” (Dia após dias, os fatos ficam mais sombrios.) – padrão nome-preposição-nome. Outras, por sua vez, podem apresentar grande variação sintática, diferenciando-se pelo significado a elas atrelado, como é o caso das ditransitivas e resultativas (cf. seção 2.5.2) (GOLDBER; JACKENDOFF, 2004).

A Gramática Cognitiva vem fornecer base teórica para a noção do fenômeno da fictividade em si (cf. seções 3.1 e 3.2), como a questão do aspecto verbal se relaciona ao fenômeno do movimento fictivo, como uma matriz complexa forma o polo semântico associado às construções e também traz uma análise cognitiva das orações adjetivas que aparecem em interação com as construções aqui estudadas.

A Gramática das Construções contribui com uma análise detalhada de construções relacionadas à noção de percursos literais e como se relacionam a construções que apresentam “percursos estáticos”, ou seja, extensões associadas a verbos de movimento, como no caso do fenômeno do movimento fictivo. É necessário, então, definir o conceito de construções dos modelos de gramática adotados.

2.5.1- Construções gramaticais

O conceito de construção nos modelos baseados no uso envolve não só enunciados formados por determinadas regras gramaticas, mas também itens lexicais e morfológicos. Não se dá relevo à dicotomia entre padrões sintáticos e palavras. Assim, o conceito abrange desde as formações sintáticas mais comuns até as designações verbais e mesmo as idiossincrasias de uma língua. “*A Gramática das Construções impõe uma visão holística das unidades linguísticas e estabelece uma conseqüente e necessária ruptura com uma lógica estritamente composicional dos processos de significação*” (MIRANDA, 2009, p. 65).

As construções são conceptualmente motivadas, ou seja, por meio das experiências e das necessidades pragmáticas da sociedade ou do meio social em que determinada língua é utilizada, formam-se estruturas cognitivas que se inter-relacionam e subjazem às construções linguísticas embasando-as e permitindo que elas façam sentido. Assim, as construções linguísticas não consistem em padrões simplesmente aprendidos pelos falantes de modo arbitrário, mas adquiridas por trazerem consigo estruturas contendo informações socialmente partilhadas e vivenciadas (CROFT; CRUSE, 2004).

As construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico e da gramática e são constituídas por meio de um pareamento de forma e sentido. Possuem dois polos: o polo da forma, que envolve as dimensões fônica (ou gestual) e escrita e a morfossintática; e o polo do sentido, referente às dimensões conceptual e discursiva. (SALOMÃO, 2009b). Há um laço simbólico interno entre os dois polos da construção, como podemos observar na figura abaixo (CROFT; CRUSE, 2004, p. 258):

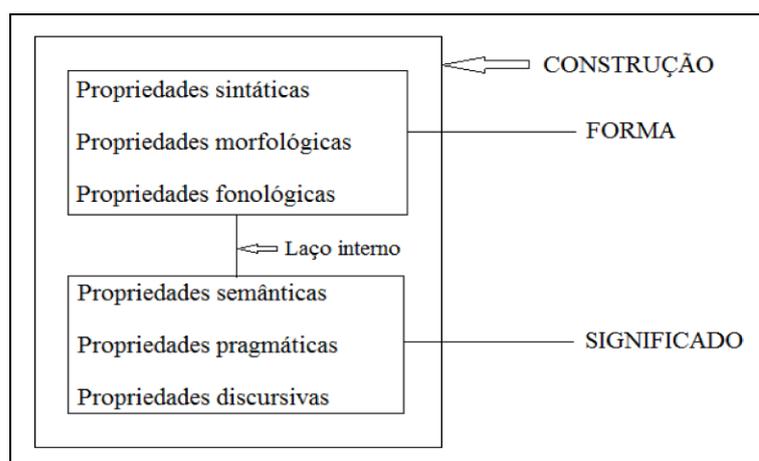


Figura6 – Estrutura simbólica da construção

Esse laço simbólico interno é um dos grandes responsáveis pela visão de construção aqui apresentada, pois em vez de as palavras serem trazidas de um léxico externo à formação dos padrões sintáticos, os diferentes aspectos construcionais conectam-se internamente a partir das motivações conceptuais que dão origem às construções.

Salomão (2009b) descreve a formação das dimensões dos dois polos. A dimensão “física”, do polo da forma, refere-se ao aspecto fônico, no caso da fala, à segmentação de sons, tonicidade, prosódia e ritmo que participam da construção; à sequência de grafemas, no caso da escrita; e à sequência de gestos, no caso das línguas de sinais. A segunda dimensão do polo da forma é a dimensão morfossintática, que abrange classes sintáticas, relações sintagmáticas, relações estruturais entre os constituintes, entre outros aspectos.

O polo do sentido possui dimensão conceptual e dimensão discursiva. A primeira refere-se às estruturas conceptuais e pré-conceptuais já discutidas no presente capítulo, como os esquemas de imagens, sensório-motores, *frames*, domínios, mesclagens, metáforas e metonímias. Já a dimensão discursiva diz respeito à dinâmica em que se encontram tais estruturas (como na teoria dos espaços mentais), como se relacionam, se conectam e se mesclam de acordo com as necessidades do contexto comunicativo (SALOMÃO, 2009b).

As construções possuem sentido próprio, independente dos verbos que as instanciam. Verbo e construção interagem de acordo com a cena humanamente relevante em que surgem e são utilizados. Essas interações são reguladas por duas restrições principais: o princípio da coerência semântica – somente papéis que são semanticamente compatíveis podem ser fundidos – e o princípio da correspondência – cada papel participante expresso deve ser fundido a um papel perfilado pela construção (GOLDBERG, 1995).

Assim, uma construção deve conter: (1) um verbo que focaliza ações específicas dentro de um *frame* pela sua valência, determinando os papéis participantes; (2) uma construção com um padrão oracional básico e estrutura argumental que remete a cenas cognitivas básicas (GOLDBERG, 1995).

De acordo com Croft e Cruse (2004), as construções podem ser: (a) macroconstruções (abertas): complexas, com infinitas possibilidades de preenchimento, como as construções transitivas; (b) mesoconstruções (semiabertas): um tipo particular que admite variações, por exemplo, a construção [Vai que $X_{\text{oracional}}$], como em “Vai que dá certo.” e “Vai que ele consegue.”; e (c) construções cristalizadas: estruturas fixas, como expressões idiomáticas.

Goldberg (1995) postula, ainda, que as construções se organizam em redes, por meio de relações de herança por: (a) polissemia: a construção é uma extensão semântica da construção-mãe, produto de alguns processos de integração cognitiva, como a relação das construções de movimento literal com as CMF (cf. seção 5.2.3); (b) metáfora: extensão metafórica da construção-mãe, como é o caso da relação entre as construções de movimento literal, “Um pássaro passou voando.”, e movimento metafórico, “A semana passou voando.”; (c) instanciação: a construção herdeira é um caso da construção-mãe, por exemplo, a relação entre a Construção Inacusativa, “José morreu.” e a Construção Inacusativa Causal, “José morreu de câncer.” (SAMPAIO, 2007); ou (d) subparte: a construção é uma subparte da construção-mãe, como a Construção Superlativa Causal Nominal, “José morreu de saudade.” com a Construção Superlativa Causal Verbal, “José morreu de estudar.” (SAMPAIO, 2007).

As construções linguísticas se combinam na formação das expressões durante o processo comunicativo. De acordo com Goldberg (2006), os usuários das línguas têm liberdade para formar expressões, de acordo com as necessidades discursivas, que contam com a interação de diferentes construções, contanto que essas construções não entrem em conflito.

2.5.2- Construções Resultativas

Em seu trabalho inicial, Goldberg (1995) focou nas chamadas Construções de Estrutura Argumental, estruturas abertas, capazes de acrescentar argumentos à semântica verbal, o que se mostrou como um bom começo para a concretização de seus *insights*. As Construções de Estrutura Argumental estudadas pela autora foram: Ditransitiva, “*She faxed him a letter.*” (Ela enviou por fax uma carta para ele.), Resultativa, “*He watered the flowers flat.*” (Ele aguçou as plantas amassando-as.), Movimento Causado, “*She sneezed the foam out of the cappuccino.*” (Ela espirrou a espuma para fora do cappuccino.) e Movimento Intransitivo, “*The fly buzzed into the room.*” (O mosquito zuniu para dentro da sala.).

Em artigo posterior, Goldberg e Jackendoff (2004) ressaltam que as Construções Resultativas apresentam grande variação sintática e semântica e representam uma complexa rede de construções, na qual se inserem as construções de movimento, como a de Movimento Causado e Movimento Intransitivo. A partir daí, os autores vão delineando toda a família de construções e trazem à tona novas estruturas como as Construções Resultativas não-Causativas Transitivas e as Construções Resultativas de Percurso Estativas, que são particularmente importantes para a análise subsequente.

As Construções Resultativas de Percurso Estativas como “*The road goes along the river.*” (A estrada vai ao longo do rio.), que apresentam estrutura sintática SN V SP, são paralelas às Construções de Movimento Intransitivo (ou Resultativas de Percurso não-Causativas) como “*The boat goes along the river.*” (O barco vai ao longo do rio.), porém têm uma interpretação estativa, já que seu sujeito é um objeto idealizado como extensão, ou seja, o significado da construção é que, em vez de se mover ao longo de um percurso, o tema ocupa esse percurso, sua localização é determinada a partir do percurso (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004).

Segundo os mesmos autores, as Construções Resultativas não-Causativas Transitivas, do tipo “*The bus followed the coast until Buffalo.*” (O ônibus seguiu a costa até Buffalo.), que apresentam sintaxe SN V SN SP, podem ser uma variante transitiva das Resultativas de Percurso não-Causativas e apresentam significado relacionado a um subevento em que o trajetor vai por um caminho que é especificado pelos participantes correspondentes aos argumentos verbais. Nessa construção, o objeto direto é argumento somente do verbo e não do subevento construcional.

Na língua inglesa, há construções que apresentam sintaxe comparável à das Construções Resultativas de Percurso não-Causativas, porém com semântica relacionada a uma descrição estativa, como o exemplo citado por Fauconnier (1997, p. 177) “*The blackboard goes all the way to the ceiling.*” (O quadro negro vai até o teto.).

As Construções de Movimento Ficitivo do Português Brasileiro apresentam estruturas análogas às estruturas das construções mencionadas acima. Tais estudos apresentam-se como uma base importante para a análise que será realizada no presente trabalho. Entretanto, as CMF do Português Brasileiro possuem características próprias que necessitam de aprofundamento ainda maior em questões como a interação com sintagmas adjuntos e orações adjetivas.

2.5.3- Complementos e Adjuntos

Os verbos possuem papéis participantes distintos dos papéis que compõem a estrutura argumental da construção com a qual interagem (GOLDBERG, 2006). Nesses casos, de acordo com a autora, quatro possibilidades podem ocorrer:

- (1) O argumento provém tanto do verbo quanto da construção, como em: “*She gave him a letter.*” (Ela deu uma carta para ele.), em que o argumento “*him*” é um papel perfilado pelo verbo e também faz parte da construção como um todo.
- (2) O argumento é um papel perfilado pelo verbo somente, como em “*She loaded the wagon with hay.*” (Ela carregou o vagão com feno.), em que “*with hay*” não é requerido pela construção.

- (3) O argumento é proveniente da construção, como no exemplo “*She sneezed the foam off the cappuccino.*” (Ela espirrou a espuma para fora do cappuccino.), em que “*the foam*” e “*off the cappuccino*” são da estrutura argumental e não perfilados pelo verbo “*sneeze*”.
- (4) E ainda, o adjunto tradicional, que não é perfilado pelo verbo e também não faz parte da estrutura argumental da construção, como “*with a hammer*” em “*She broke the window with a hammer.*” (Ela quebrou a janela com um martelo.).

Sobre tais estruturas, Goldberg (2006) ressalta que é importante observar em cada construção as diferentes possibilidades de complementação com adjunto, sua relação com o verbo e/ou com a construção e como os participantes perfilados pelo verbo e os papéis da estrutura argumental interagem na formação das diferentes expressões de uma mesma construção.

Hoffman (2013) aponta que a dicotomia complemento/adjunto, existente na classificação dos sintagmas preposicionais, pode ser superada com o tratamento de tais sintagmas como construções de graus variados de esquematicidade. O autor propõe uma classificação gradual para os sintagmas preposicionais da língua inglesa, baseada em seu grau de obrigatoriedade na construção e seu *status* na grade verbal.

Particularmente interessante para o presente estudo seriam os sintagmas obrigatórios “complementos do sujeito”, no caso de verbos que funcionam como verbos de ligação como no enunciado “*He is in the garden.*” (Ele está no jardim.) e “*She lives happy.*” (Ela vive feliz.) que exigem complemento independente do tipo de sintagma. Essas situações são interessantes, pois alguns verbos de movimento nas CMF, como “estender-se”, comportam-se como verbos de ligação.

Além desses, destacam-se os “sintagmas preposicionais opcionais mistos” como “local afetado” e “fonte/meta” como nos enunciados “*She set on the chair.*” (Ela sentou na cadeira.) e “*They ran to the church.*” (Eles correram para a igreja.), respectivamente. De acordo com Hoffman (2013), tais sintagmas são mistos no sentido de possuir características de complemento e de adjuntos já que apesar de expressarem mudança, não afetam o evento como um todo.

Quanto aos eventos relacionados a movimento, Kay (2005) sugere uma separação entre adjuntos e argumentos adicionados. Os primeiros caracterizariam eventos de movimento

como um todo e os outros modificariam exclusivamente a trajetória feita pelo tema dentro do evento de movimento.

Os eventos nucleares dos verbos encontram-se ancorados em eventos circunstanciais relacionados a aspectos temporais, qualitativos espaciais, entre outros. Assim, geralmente temos como complementos os sintagmas que semanticamente correspondem aos eventos nucleares do *frame* e, como adjuntos, os elementos mais periféricos (FILLMORE, 1994).

Porém, de acordo com o mesmo autor, é necessário observar detalhadamente cada construção e refletir sobre fatores como: o posicionamento do sintagma que pretendemos classificar (mais próximo ou mais afastado do verbo), a presença ou ausência de vírgula, o contexto de uso e as necessidades discursivas. Tais observações se fazem necessárias, pois, segundo Fillmore (1994), o mesmo advérbio poderá desempenhar diferentes funções dependendo do comportamento sintático e motivação conceptual da construção em que se encontra.

Kay (2010) sugere que a adição de novos argumentos a determinadas construções que geram dúvidas sobre sua classificação como parte ou não da grade verbal e da própria estrutura construcional podem ser fruto do que autor chama de “*coinage patterns*” ou, como traduzimos, “padrões de cunhagem”. Esses padrões correspondem à formação, executada pelos usuários da língua, de novos recursos a partir de padrões já existentes. Ou seja, de posse de um determinado padrão construcional e tendo internalizado o domínio conceptual a que esse padrão se atrela na língua, os usuários criam novos padrões. Neles, utilizam elementos mais periféricos, por meio dos quais a construção-mãe pode ser identificada, sendo também possível observar novos papéis. No entanto, ainda não constituem novas construções da língua em questão.

Esse é o caso das Construções de Movimento Causado do inglês como “*She sneezed the foam out of the cappuccino.*” (Ela espirrou a espuma para fora do cappuccino.) em que um sintagma preposicional, mais periférico (*of the cappuccino*), é acrescentado à construção de movimento intransitivo formando um padrão de cunhagem e não um padrão produtivo da língua. Isso significa dizer que os padrões de cunhagem são padrões construcionais que não instanciam muitos tipos, ou seja, são utilizados com poucos tipos verbais, nomes, entre outros elementos, como ressalta Kay (2010) que as Construções de Movimento Causado não são tão produtivas no inglês como outras construções de estrutura argumental.

O que ocorre, então, é uma readaptação de uma construção já existente, cunhada a partir das necessidades comunicativas do falante no momento do discurso, o que pode ser a razão para que esses padrões não demonstrem muita produtividade.

2.5.4- Orações adjetivas

Ao explicar sobre estruturas complexas como orações adjetivas, Langacker (2008) afirma que elas podem ser perfiladas pelo nome a que estão relacionadas e assim fazer com que a construção como um todo se refira simplesmente a este nome (exemplo (a)); ou a oração adjetiva pode perfilar um processo, fazendo com que a construção como um todo acrescente informação nova sobre o nome em questão (exemplo (b)). Neste último caso, a oração se aproxima mais de uma oração coordenada do que de uma subordinada adjetiva. Nos exemplos abaixo podemos observar os dois casos descritos:

(a) A menina que passava deixou cair seu dinheiro na rua.

(b) A menina, que demorou tanto para economizar dez reais, deixou cair seu dinheiro na rua.

A interação de três fatores é importante para definir se a construção acrescenta ou não informação nova sobre o nome: o quanto a oração adjetiva se aproxima de ser uma oração autônoma; o quanto seu conteúdo é novo e importante para o discurso; e o quanto nome e oração adjetiva se distanciam linearmente. Quanto mais a oração adjetiva obedece a esses três fatores, maior é a probabilidade de que ela esteja designando um processo ao invés de somente complementar o nome.

2.5.5- Verbos: interação entre tempo e aspecto

A interação entre tempo e aspecto verbal também se mostra como um fator marcante nas CMF. Apresentaremos aqui a interpretação cognitiva do fenômeno.

De acordo com Langacker (2008), uma distinção verbal relevante é aquela que categoriza os verbos em perfectivos ou imperfectivos. Essa categorização é definível semanticamente, mas também pode variar de acordo com os papéis participantes do verbo.

Verbos perfectivos são aqueles que, perfilando um processo, delimitam para este uma fronteira temporal e constroem, assim, uma situação perfilada heterogênea, ou seja, implicam mudança ou algum acontecimento entre o início e o fim da situação. Verbos como “cair”, “levantar”, “perguntar”, “responder” e “aprender” são verbos que ilustram essa definição. Aprender algo implica mudança entre o início e o fim do processo. Já os verbos imperfectivos perfilam situações estáveis e de duração indefinida, não sinalizando mudança e nem fronteiras temporais aparentes. O autor dá exemplos como “ser”, “ter”, “saber”, “duvidar”, “acreditar”, entre outros. Ao contrário de aprender algo, saber algo não explicita início, fim ou qualquer acontecimento (LANGACKER, 2008).

Podem ocorrer casos em que um verbo inicialmente categorizado como perfectivo torna-se imperfectivo ou o inverso, já que a categorização cognitivo-linguística é flexível e susceptível a vários fatores como a atuação dos papéis participantes do verbo. Um exemplo dado por Langacker (2008) e que funciona também para a língua portuguesa é sobre o verbo “conectar”. No enunciado “Nós conectamos os fios”, podemos observar claramente o aspecto perfectivo. Isso muda no enunciado “Um túnel conecta as duas construções”, em que é possível observar o aspecto imperfectivo do mesmo verbo, possibilitado pelo tipo de argumentos externo e interno tomados por ele.

Ainda de acordo com Langacker (2008), o detalhamento do processo perfilado é manifestado pela interação entre o escopo temporal imediato imposto pelo tempo verbal ao evento de fala e o aspecto perfectivo ou imperfectivo do verbo. Podemos observar na figura abaixo as diferentes possibilidades dessa interação.

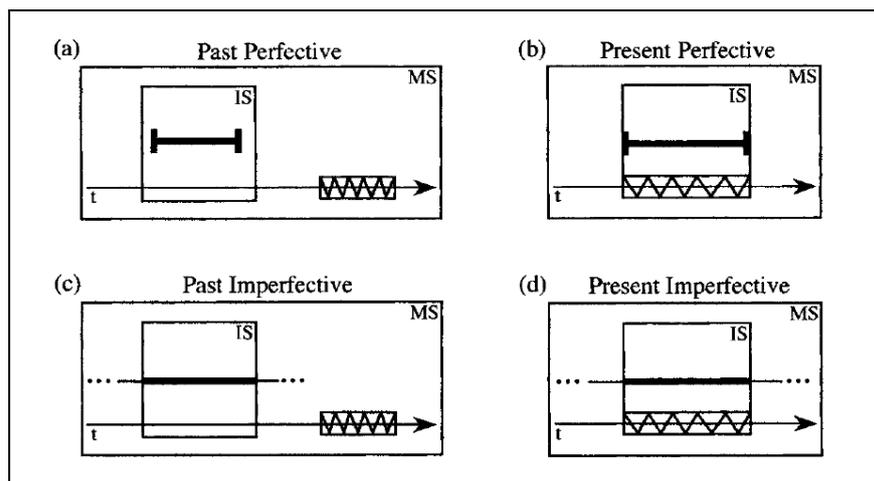


Figura7 – Interação entre tempo e aspecto (LANGACKER, 2008, p. 158)

Na figura 7, as linhas em ziguezague representam o evento de fala; as linhas em negrito, a situação perfilada. O quadrado menor representa o escopo imediato, “a porção diretamente relevante a uma situação em particular” (LANGACKER, 2008, p. 63), que está inserido no domínio da instanciação, o quadrado maior. Temos, então, com relação à figura:

- (a) Perfectivo passado: uma instanciação do processo perfectivo, no tempo passado, incluindo início e fim;
- (b) Perfectivo presente: uma instanciação do processo perfectivo, no tempo presente, incluindo início e fim;
- (c) Imperfectivo passado: uma situação de duração indefinida que se estende para além do escopo imediato, no tempo passado;
- (d) Imperfectivo presente: uma situação de duração indefinida que se estende para além do escopo imediato, no tempo presente.

Tais noções são de grande importância para a análise dos verbos instanciados pelas Construções de Movimento Fictivo, que, além de apresentarem certa regularidade com relação à interação mencionada na presente subseção, demonstram também como a categorização verbal pode ser flexível quanto ao comportamento gramatical.

Foram apresentados, neste capítulo, os principais pressupostos da Linguística Cognitiva e dos Modelos de Gramática Baseados no Uso que dão respaldo à análise sociocognitiva das CMF. Para complementar, o capítulo posterior explanará sobre o conceito de fictividade, as principais abordagens teóricas do movimento fictivo e os estudos relacionados.

3 - MOVIMENTO FICTIVO E FICTIVIDADE

O presente capítulo se destina à exposição das discussões sobre o conceito de fictividade e suas instâncias na linguagem, das teorias desenvolvidas pelos autores da Linguística Cognitiva quanto ao fenômeno do movimento fictivo e dos principais estudos sobre o tema. Será realizada uma breve explanação sobre os estudos psicolinguísticos e a descrição dos estudos baseados em *corpora*.

3.1- FICTIVIDADE

A fictividade consiste num fenômeno cognitivo que se manifesta nas construções linguísticas, analogamente à metáfora e à mesclagem conceptual. Autores que seguem a linha teórica da Linguística Cognitiva como Langacker (1986, 1987, 1999, 2008), Talmy (2000), Matsumoto (1996), Fauconnier (1997), Matlock (2001, 2004, 2010), Pascual (2006), Rocha (2011, 2013) e Rojo e Valenzuela (2003) fornecem suas contribuições para o estudo do conceito, analisando as diferentes instâncias da fictividade, principalmente na linguagem.

Chegar a uma definição completa e eficiente desse fenômeno cognitivo não é tarefa simples, pois a fictividade possui múltiplas facetas e aplicações, tendo uma atuação cognitiva abrangente, que permite a produção e a compreensão de níveis mais abstratos nos contextos comunicativos. O que se pretende, no presente trabalho, é revisar as diferentes explanações sobre o tema e contribuir com mais um passo no caminho a resolução de sua delimitação conceptual.

Porém, como ponto de partida, pode-se começar a entender o fenômeno como sendo instanciado por expressões linguísticas que estão apenas indiretamente vinculadas a seus referentes pretendidos e que cenários não verídicos são frequentemente apresentados pelos usuários da língua com o propósito de obter acesso mental aos cenários efetivos (PASCUAL, 2006). Esse é o caso de Construções de Movimento Fictivo como “A estrada vai até o Rio de Janeiro”, em que um cenário não verídico de movimento é utilizado para acessar a descrição de uma cena estática.

Talmy (2000) defende um modelo de organização cognitiva que dispõe de “Sistemas Sobrepostos”, ou seja, há uma conexão entre os vários sistemas cognitivos. A fictividade seria, então, uma das manifestações dessa sobreposição, já que reúne várias capacidades perceptuais e cognitivas para sua produção e compreensão.

As expressões fictivas são consideradas produtos de uma discrepância entre duas representações de um indivíduo sobre o mesmo objeto ou evento, uma fictiva e outra factiva, que são inconsistentes se tomadas uma pela outra, mas não entram em conflito, podendo assim, servir à geração do fenômeno. A representação fictiva diz respeito à capacidade imaginativa da cognição, mas não objetivamente irreal, e a factiva corresponde à representação que possui maior veridicidade, mas não objetivamente real (TALMY, 2000).

Essas duas representações, na visão de Talmy (2000), indicariam polos opostos e complementares a uma determinada “dimensão”. Essa dimensão pode ser referente ao (i) “estado de ocorrência” – presença ou ausência de uma entidade; (ii) “estado de mudança” – mudança ou continuidade do estado do objeto; e (iii) “estado de movimento” – estaticidade ou movimento do objeto ou entidade. O fenômeno pode apresentar qualquer instância fictiva, supondo a possibilidade de se encontrarem presença e ausência fictivas, estabilidade e mudança fictivas, imobilidade e mobilidade fictivas.

Desse modo, X é Y esquematiza a fórmula fictiva; enquanto X não é Y, a factiva. A fictividade é um fenômeno cognitivo que se instancia na linguagem como produtos de metáfora e mesclagem, de pontos de vantagem imaginários – com relação ao *construal* aplicado à cena -, do conceptualizador invocado por elementos de base ou por meio da invocação de um cenário de ato de fala fictivo (LANGACKER, 2008).

Alguns conceitos são de extrema importância para a compreensão do fenômeno da fictividade. São eles: realidade, efetividade e virtualidade. Para entender as relações entre esses três conceitos, partiremos da “efetividade”, que, segundo o autor, se distingue de realidade, pois é independente de verdade, falsidade, negação ou modalidade. A efetividade traz à tona a forma como a realidade é conceptualizada e compartilhada por meio da linguagem (LANGACKER, 1999).

O conceito de realidade, para Langacker (1999), refere-se a acontecimentos que se desenvolvem através do tempo, a serem conceptualizados pelos usuários da língua. A realidade é tida como uma faceta da efetividade, já que é a efetividade que está diretamente ligada ao mundo conceptualizado pelos indivíduos.

Nesse ponto, é importante ressaltar os vários graus de afastamento possíveis do plano efetivo, que ocorrem a fim de elaborar novos conceitos para uma compreensão mais complexa, abstrata ou específica da própria efetividade, ou seja, do próprio mundo simbólico em que estamos inseridos. Para que esses afastamentos ocorram, torna-se fundamental o conceito de virtualidade (ou fictividade). Os planos virtuais vão sendo acrescidos ao plano da efetividade por meio de operações cognitivas de mesclagem e metáfora, que produzem novas formas de conceptualização e referência para certas experiências (LANGACKER, 1999).

Existe ainda a necessidade de se levar em conta a natureza das representações envolvidas no processo cognitivo que produz fictividade e também a necessidade de se considerar a perspectiva – centrada no conceptualizador ou externa – das noções de fictividade apresentadas (BRANDT, 2009). Para incrementar sua proposta, a autora separa as diferentes instâncias da fictividade em dois grupos: o primeiro abrange exemplos que definem a fictividade sob a perspectiva do conceptualizador; o segundo grupo é definido pelos exemplos de fictividade que consideram o fenômeno sob uma perspectiva externa ao conceptualizador. As instâncias que formam o primeiro grupo, presentes em Brandt (2009), são:

- (1) Movimento fictivo: essa instância representa o movimento subjetivo do conceptualizador por uma trajetória imaginária por meio de um processo de escaneamento mental; é percebido em enunciados como: “A cerca atravessa a fazenda”;
- (2) Mudança fictiva: ocorre quando a mudança é não efetiva, ou seja, ocorre somente na percepção espacial permitida pela integração dos sistemas ocorrida na conceptualização, como no enunciado: “O apartamento ficou menor depois que eles se mudaram”;
- (3) Produtos de enunciação fictiva: estão nesse grupo os atos de fala fictivos, como enunciados irônicos, perguntas retóricas, entre outros.

No segundo grupo, referente aos exemplos de fictividade que possuem uma perspectiva exterior do fenômeno, ou seja, externa ao conceptualizador, encontram-se, segundo Brandt (2009):

- (1) Interação fictiva: essa instância diz respeito aos estudos de Pascual (2006), em que autora descreve a utilização de elementos discursivos autossuficientes que funcionam sintática e semanticamente como um constituinte gramatical como a expressão do inglês “*Yes, I can do it*” (Sim, eu posso fazer isso!) que pode, fictivamente, atuar no nível clausal, sintagmático ou até mesmo no nível lexical, como em “*Develop a “Yes, I can do it” attitude.*” (Desenvolva uma atitude “Sim, eu posso fazer isso!).
- (2) Ilusão: as ilusões que ocorrem quanto à percepção visual do ser humano são comuns e consistem no tipo mais óbvio de fictividade que possui uma perspectiva externa ao conceptualizador. Um exemplo claro desse tipo de fictividade é a ilusão gerada pela Grade de Hermann, em que, quando focamos o olhar em um dos pontos de encontro entre os quadrados, podemos visualizar pequenos círculos nos pontos de encontro que estão subfocalizados.

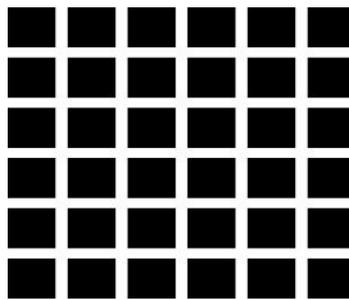


Figura9 – Grade de Hermann (TALMY, 2000)

- (3) Fictividade entendida em termos de existência conceptual: diz respeito a entidades genéricas ou entidades fictivas. Essa instância da fictividade refere-se a enunciados em que é possível encontrar um termo genérico, o nome de uma categoria que não faz referência a um item em especial, como em “Tigres são ferozes.” (ROCHA et al., no prelo).

Brandt (2009) critica o fato de o conceito de fictividade se estender a todo e qualquer tipo de construção mental, percepção mental e cognitiva. Considerando que todos os aspectos do mundo e os eventos cotidianos são conceptualizados e mentalmente construídos por meio da percepção, é tentador considerar que tudo é fictivo e que na verdade o que vivenciamos é uma realidade virtual. Porém, de acordo com a mesma autora, tomar a fictividade como um fenômeno tão generalizado enfraquece e contraria a visão de que conceptualizamos a

realidade para compreendê-la em vez de considerar que cognição e realidade são independentes. Assim, a autora recomenda que o termo fictividade e, conseqüentemente, que o conceito de fictividade sejam utilizados para casos em que algo ou algum evento é representado como fictivo, sob o ponto de vista do conceptualizador.

Há ainda uma instância da fictividade recentemente descrita por Rocha (2006, 2011, 2013), a auto-citação fictiva. Os enunciados que de auto-citação fictiva apresentam o uso do verbo “falar” com significado de “pensar”, o que é produzido pelos seguintes fenômenos cognitivos: (a) a metonímia FALAR POR PENSAR e (b) a metáfora PENSAR É FALAR, como no exemplo “*Eu falei: ai meu Deus! Eu vou ter que falar com alguém!*”.

Em exemplos como esse, os enunciados estão envolvidos em contextos linguísticos que permitem a verificação de que o falante não falou, factivamente, no momento anterior à reportagem, mas pensou. Essa análise leva à definição de características próprias e específicas da auto-citação fictiva como a presença em contextos de reportagem monológica, a subjetificação, a evocação de um *frame* de avaliação, entre outras.

Observamos, então, como a fictividade constitui um tema abrangente e complexo, rico em instanciações passíveis de análise nas dimensões: cognitiva, semântica, sintática, pragmática e discursiva.

3.2- MOVIMENTO FICTIVO: ABORDAGENS TEÓRICAS

Voltando a atenção para a instância da fictividade que será tratada na presente pesquisa, discorreremos sobre as abordagens teóricas e pesquisas que tratam especificamente do movimento fictivo e suas implicações linguísticas e cognitivas.

Talmy (2000) apresenta uma definição e uma divisão tipológica para os diferentes casos de movimento fictivo. De acordo com o autor, o movimento fictivo pode ser percebido em situações linguísticas e não linguísticas. Um exemplo de situação não linguística de movimento fictivo seria a visualização de flashes de luz sucessivos, que, factivamente, estão acendendo e apagando, mas que fictivamente são percebidos como fazendo um movimento linear.

Quanto às manifestações linguísticas do fenômeno, o autor faz uma divisão em seis

subcategorias²: emanação, rotas de padrões, movimento relativo ao *frame*, rotas de eventos, rotas de acesso e “rotas de cobertura”, sendo que, a subcategoria emanação, detalhada por Talmy (2000), apresenta quatro subtipos: rotas de orientação, rotas de irradiação, rotas de sombras e rotas sensoriais. A descrição de cada uma das subcategorias segue abaixo:

(1) Emanação: há uma entidade fictiva que emerge de uma fonte e move-se fictivamente, sem depender da localização do observador:

- a. Rotas de orientação: há um contínuo linear intangível fictivo, que sai de uma fonte e aponta para uma direção como em “*The arrow on the signpost pointed toward the town.*” (A seta no poste de sinalização apontou para a cidade.);
- b. Rotas de irradiação: há a conceptualização de uma irradiação emanando de uma fonte de energia, que forma um feixe linear e atinge um objeto, num movimento fictivo do irradiador, como é possível observar no enunciado “*The sun is shining into the cave.*” (O sol está brilhando para dentro da caverna.);
- c. Rotas de sombras: Nesse caso, a sombra de um objeto é conceptualizada como se tivesse feito uma trajetória fictiva ao se projetar do objeto na superfície em que fictivamente aparece, como no exemplo “*The tree threw its shadow across the valley.*” (A árvore lançou sua sombra através do vale.);
- d. Rotas sensoriais: as rotas sensoriais envolvem principalmente o recebimento de um estímulo visual a certa distância. Entre o experienciador do estímulo e o fornecedor do estímulo, há uma rota fictiva e a conceptualização de um movimento fictivo do estímulo até o experienciador. Esse tipo de movimento fictivo aparece linguisticamente em enunciados como “*The enemy can see us from where they’re positioned.*” (Os inimigos podem nos ver de onde estão posicionados.);

² Fizemos uma tradução da nomenclatura das subcategorias e dos subtipos de movimento fictivo na linguagem apresentada em Talmy (2000).

- (2) Rotas de padrões: envolvem a conceptualização de um padrão factivo estacionário ou de movimento diferente do movimento ao longo da trajetória de uma substância física como um movimento retilíneo horizontal fictivo, o que podemos observar em “*As I painted the ceiling, a line of paint spots slowly progressed across the floor.*” (Como eu pinte o teto, uma linha de manchas de tinta lentamente progredia pelo chão.);
- (3) Movimento relativo ao *frame*: nesses casos, o movimento é relativo a um *frame* centrado no observador que vivencia o movimento. O observador é então conceptualizado como estacionário e conseqüentemente conceptualiza seu entorno como se estivesse em movimento, sendo que na verdade o cenário é factivamente estacionário, como no enunciado “*I sat in the car and watched the scenery rush past me.*” (Eu sentei no carro e assisti o cenário passando por mim.);
- (4) Rotas de eventos: descrevem o posicionamento e/ou a localização de objetos estacionários por meio da conceptualização de sua chegada à situação em que se encontram. Esse “caminho” que fazem para chegar até sua posição é fictivo, como é possível observar em “*The palm trees clustered together around the oasis.*” (As palmeiras se agruparam em volta do oásis.);
- (5) Rotas de acesso: o objeto é representado como estacionário factivamente, porém elementos linguísticos relacionados a trajetórias são encontrados no enunciado denotando uma trajetória fictiva entre o objeto e o ponto de referência de sua localização: “*The cloud is 1,000 feet up from the ground.*” (A nuvem está a 1000 pés acima do chão.);
- (6) Rotas de cobertura: as rotas de cobertura são utilizadas em enunciados que descrevem o formato, orientação ou localização de determinado objeto estendido no espaço por meio da conceptualização da própria extensão do objeto como uma trajetória percorrida por uma entidade fictiva, possibilitada pelo ponto de vista de um observador, como no exemplo “*The fence goes from the plateau to the valley.*” (A fenda vai do platô ao vale.).

A última subcategoria apresentada, “rotas de cobertura”, é a mais difundida pelos autores que discorrem sobre o fenômeno do movimento fictivo, como será observado no decorrer do capítulo, e que será também o recorte feito para a coleta de dados no presente trabalho.

Em “*Abstract Motion*”, Langacker (1986) ressalta que as expressões de movimento literal são assim, pois contêm um verbo de movimento perfectivo que perfila uma mudança através do tempo e do espaço. As expressões de movimento fictivo se diferenciam das de movimento literal, pois apresentam geralmente um verbo de movimento imperfectivo, perfilando uma situação que é fisicamente estável, mas que ao mesmo tempo apresenta continuidade através do tempo, sem fronteiras temporais explícitas. Apesar de se configurarem na conceptualização como descrições de cenas estáticas, as expressões de movimento fictivo não abandonam totalmente a ideia de movimento, já que é possível identificar ainda a direcionalidade sobre a qual o percurso é mentalmente construído.

Langacker (1987) sugere que, construções do tipo “*That road leads from Reno to Las Vegas.*” (A estrada leva de Reno a Las Vegas.) e “*That road leads from Las Vegas to Reno.*” (A estrada leva de Las Vegas a Reno.), que instanciam o movimento fictivo por meio do perfilamento feito pelo verbo imperfectivo, são produtos de processos imperfectivos direcionais. Isso quer dizer que, em sentenças como as citadas acima, que representam o mesmo percurso, fazendo com que o aspecto da direcionalidade pareça irrelevante, diferentes níveis de organização devem ser levados em conta. Na verdade, a ideia de direcionalidade é mantida, pois, de acordo com o autor, a ordenação de eventos – no caso, ordenação das “partes” da extensão – é possível mesmo em processos atemporais, por causa do envolvimento do escaneamento mental, que conta com o tempo de processamento. Assim, a direcionalidade ainda é válida em tais expressões, pois é advinda da forma como a configuração estativa – a extensão em questão – vai sendo progressivamente construída por meio da conceptualização.

Em trabalho posterior, Langacker (1999) acrescenta ainda que o movimento fictivo é um dos casos mais representativos da não efetividade, já que requer um plano virtual da conceptualização para o estabelecimento do alvo de sua significação no plano da efetividade. Segundo o autor, a explicação para as expressões de movimento fictivo pode ser feita de várias formas, tais como:

- (1) a extensão é construída metaforicamente como um trajetor que se move ao longo de um percurso;
- (2) um trajetor imaginário atravessa o percurso que cobre a extensão;
- (3) o conceptualizador move-se subjetivamente ao longo do percurso da extensão por meio da operação de escaneamento mental.

De acordo com Langacker (1999), com a terceira explicação, é possível destacar o papel da conceptualização com mais clareza. No processo de construção mental do percurso descrito pela expressão de MF, estão envolvidas duas relações temporais: o tempo de processamento e o tempo concebido. O primeiro refere-se ao tempo que servirá de objeto para a conceptualização, ou seja, o tempo vivenciado pelos indivíduos em domínios mais básicos, que de fato se leva para ir de um ponto a outro numa trajetória, aparece no plano da virtualidade. Através do tempo de processamento, o conceptualizador constrói mentalmente a situação perfilada, fazendo emergir, no plano da efetividade, o tempo concebido, que se torna objeto da conceptualização.

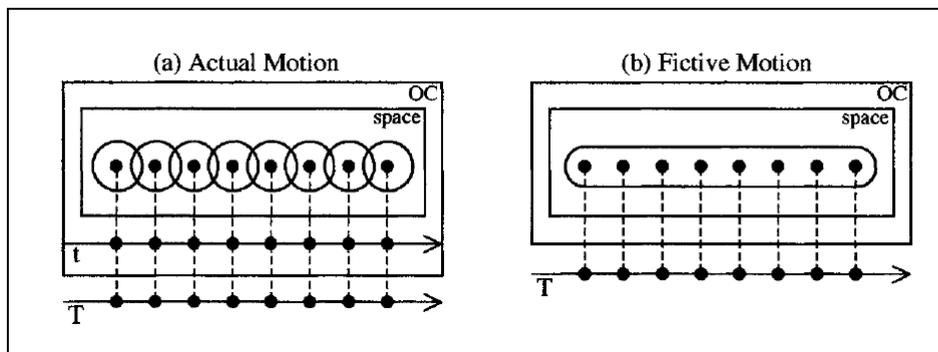


Figura8 – Movimento literal (a) e movimento fictivo (b) (LANGACKER, 2008, p. 529)

Ainda, em um de seus trabalhos mais recentes, Langacker (2008) mostra que o processo de subjetificação é o que possibilita a transferência da dinamicidade presente em eventos de movimento literal para a concepção de cenas estáticas. A subjetificação consiste no fato de que algumas operações mentais começam a se desprender das circunstâncias mais básicas em que surgem e transcendem essas experiências diretas a fim de fazer parte de significações mais abstratas e complexas.

Expressões de movimento fictivo como *“The blackboard goes all the way to the wall.”* (O quadro negro vai até a parede.) podem ser interpretadas como resultados de mesclagem conceptual. A mesclagem apresenta esquema FONTE-PERCURSO-META como *input1* e a cena estacionária relevante - o quadro negro encostado na parede - como *input2*. Uma projeção metonímica faz com que o elemento “trajetor”, presente no *input1*, identifique seu trajetor típico correspondente - o quadro negro - no *input2*. Assim, trajetor e extensão correspondem-se no espaço mescla, formando uma estrutura emergente baseada em movimento fictivo para descrição da cena estacionária (FAUCONNIER, 1997, p. 178).

Discursivamente, os enunciados que contêm construções de movimento fictivo são constituídos de dois polos: executivo e instrutivo. O polo executivo é centrado no falante, que constrói a cena ao descrevê-la por meio da utilização do movimento fictivo na linguagem. O polo instrutivo está no ponto de vista do ouvinte, que é instruído pelo enunciado produzido pela falante ao reconstruir mentalmente a cena descrita para sua melhor visualização (BRANDT, 2009).

Sobre a classificação das construções de movimento fictivo, Matsumoto (1996) sugere ainda que tais construções se dividem em dois casos: movimento simulado (tipo 1) e escaneamento visual simulado (tipo 2). No primeiro caso, é como se o ouvinte/leitor simulasse mentalmente um movimento do próprio corpo ao longo de uma trajetória imaginária. Nesses casos, os argumentos externos seriam trajetórias “percorríveis”, ou seja, extensões que, de fato, servem como trajetória nos eventos cotidianos. Um exemplo de enunciado com movimento fictivo tipo 1 seria “A estrada vai até o Rio de Janeiro”.

Já no segundo caso, movimento fictivo tipo 2, o ouvinte/leitor faz, mentalmente, um escaneamento visual da extensão e assim a conceptualiza como trajetória. Dessa forma, os argumentos externos presentes seriam extensões “não percorríveis”, ou seja, que não servem como trajetória no cotidiano da experiência. Instanciam-se em enunciados como “A cerca atravessa toda a extensão da fazenda.”.

3.3- PESQUISAS SOBRE MOVIMENTO FICTIVO

Estudos experimentais tem sugerido que o movimento fictivo, de fato, possui realidade cognitiva e também que as construções de movimento fictivo estão presentes em várias línguas como inglês, espanhol e japonês.

Matsumoto (1996) realizou um estudo comparativo entre as construções de movimento fictivo em inglês e japonês, encontrando similaridades e diferenças entre as duas línguas. Como semelhanças, descobriu-se que, tanto em inglês quanto em japonês, alguma propriedade física da trajetória é expressa nas CMF, não necessariamente pelo verbo. Além disso, quando verbos que lexicalizam o modo do movimento são utilizados nas construções, o modo expresso por eles se relaciona a uma característica física da extensão descrita.

As diferenças encontradas entre as CMF nas duas línguas estão relacionadas ao grupo semântico das extensões que participam do papel de sujeito nas construções. Em japonês, somente as extensões que são factivamente utilizadas como trajetória podem fazer parte das construções de movimento fictivo. Na língua inglesa, tanto as trajetórias “percorríveis” quanto as “não percorríveis” podem ocupar o papel de argumento externo da construção.

3.3.1- Experimentos psicolinguísticos

No âmbito dos estudos psicolinguísticos, as expressões de movimento fictivo foram pesquisadas principalmente por Matlock (2001, 2004, 2010) e Matlock e Richardson (2004). A pesquisadora Tennie Matlock e sua equipe realizaram uma série de estudos psicolinguísticos com objetivo de mapear a compreensão cognitiva dessas construções. A autora utilizou construções de movimento fictivo – do tipo “rotas de cobertura”, pela classificação de Talmy (2000) – com variados tipos verbais. Os experimentos tinham como objetivo responder questões como:

- (1) os indivíduos constroem cognitivamente a cena referente ao espaço físico descrito pelas construções de movimento fictivo?
- (2) Eles se movem na cena que construíram?
- (3) Esse movimento é cognitivamente análogo ao movimento real?

Para ilustrar, relataremos brevemente o primeiro experimento realizado. Segundo Matlock (2001), os participantes foram expostos ao áudio de histórias, curtas e longas, que relatavam viagens e que continham informações sobre o ambiente físico, a trajetória percorrida e até mesmo sobre o tempo de viagem. Logo depois, ouviam uma construção de movimento fictivo associada a viagens como descrição de ruas e estradas e deveriam decidir se essa construção se relacionava ou não à história que tinham acabado de ouvir.

Ao decidirem se a CMF se relacionava ou não à história ouvida, os participantes deveriam pressionar as teclas “yes” ou “no” do dispositivo utilizado no experimento. A hipótese da autora é que, se de fato as CMF implicam uma reconstrução mental da trajetória, as histórias longas demandariam um tempo maior de decisão dos participantes, e as histórias

curtas demandariam um tempo mais curto de decisão. Os resultados desses estudos forneceram respostas afirmativas a questões inicialmente colocadas, o que sugere uma base experiencial do movimento fictivo.

Os resultados do estudo realizado por Matlock e Richardson (2004) corroboram os primeiros achados dos experimentos de Matlock (2001), demonstrando ainda a interdependência do sistema visual com a compreensão das construções de movimento fictivo. Nesse estudo, os participantes foram expostos a figuras que mostravam cenas espaciais e, ao mesmo tempo escutavam, ora construções de movimento fictivo correspondentes a essas cenas, ora construções que também relatavam características da cena, porém sem movimento fictivo. Os movimentos oculares dos indivíduos ao longo da experiência eram medidos por uma câmera ASL504 com *eye-tracking*.

Os resultados mostraram uma média significativamente maior de duração do olhar nas figuras quando os indivíduos ouviam construções contendo movimento fictivo, em comparação à média de duração do olhar enquanto ouviam construções sem movimento fictivo. De acordo com os autores, esses números sugerem que há uma simulação mental do movimento que se reflete no olhar quando compreendemos enunciados que apresentam movimento fictivo.

3.3.2- Estudos baseados em *corpora*

Com o objetivo de comparar os elementos constituintes das construções de movimento fictivo em inglês e espanhol, Rojo e Valenzuela (2003) realizaram um estudo que contou com a montagem de dois *corpora*, um em português e um em espanhol, baseado no relato de participantes nativos de cada uma das línguas sobre figuras que os levariam a produzir as construções em questão.

Os participantes foram apresentados a sete pares de paisagens, uma das figuras de cada par continha uma estrada, ou uma cerca, ou uma ponte. A outra figura continha somente a paisagem sem qualquer desses elementos. A cada par de figuras, os participantes eram orientados a dar instruções a um suposto artista (que não estaria vendo as figuras) sobre como desenhar o elemento ausente em uma delas. As entrevistas individuais com cada um dos

participantes foram gravadas e transcritas para a formação dos *corpora* comparativos. O *corpus* em inglês contou com 4.394 palavras; e o *corpus* em espanhol, com 4.317 palavras.

Com a obtenção desses *corpora*, foi possível uma análise dos tipos e ocorrências verbais de cada língua, da natureza dos verbos e dos objetos que poderiam participar como argumento externo das construções. Os tipos verbais referem-se à produtividade, ou seja, quantos verbos apareceram no uso da construção; as ocorrências relacionam-se à frequência de cada tipo verbal encontrado e o total de construções do *corpus*.

Os achados demonstraram que as duas línguas utilizavam extensões “percorríveis” ou não como argumento externo do verbo; somente nas CMF em inglês foram encontrados verbos que lexicalizavam a forma do movimento; em espanhol, foram obtidos 18 tipos e 131 ocorrências verbais e em inglês, 22 tipos e 125 ocorrências.

Outra pesquisa baseada em *corpora* da língua inglesa é o estudo Martínez-Losa (2007), em que a autora mapeou, nos *corpora* selecionados, expressões de movimento fictivo utilizadas a fim de estabelecer um padrão sintático/semântico e os aspectos cognitivos que dão origem a essas expressões. Os resultados mostraram expressões de MF de dois tipos, numa classificação sugerida pela autora:

- (a) sujeito + verbo de movimento + um argumento - “*A trail goes through the desert.*” (Uma trilha vai através do deserto.);
- (b): sujeito + verbo de movimento + dois ou mais argumentos - “*The fence zigzags from the plateau to the valley along the property line.*” (A fenda faz ziguezague do platô até o vale ao longo do limite da propriedade.).

Nas seções 3.3.1 e 3.3.2 foram apresentados os resultados de pesquisas que evidenciam aspectos fundamentais das Construções de Movimento Fictivo, como sua base na corporificação da experiência e sua estrutura argumental. Tais informações mostram-se relevantes para comparação realizada no capítulo de análise.

3.4- CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As abordagens teóricas apresentadas nos capítulos 2 e 3 do presente trabalho mostram um breve panorama da situação concernente às bases cognitivas que suportam uma visão experiencial da linguagem e uma abordagem construcionista das expressões linguísticas. A Linguística Cognitiva e os Modelos de Gramática Baseados no Uso se mostram não como solução de todas as questões atuais da descrição linguística, mas como pontos de partida bem fundamentados e potenciais direcionadores para este e futuros estudos.

Quanto às teorias e estudos aqui apresentados sobre os conceitos de fictividade e movimento fictivo, é pertinente ressaltar sua complexidade e abrangência. O conceito de fictividade traz consigo questões fenomenológicas que têm sido aos poucos destrinchadas, mas que ainda não foram total e claramente descritas.

Finalmente, os estudos sobre movimento fictivo têm demonstrado uma concordância geral quanto à realidade cognitiva do fenômeno e sua utilização interlinguística. Esse fato constrói um terreno sólido para o presente trabalho que percorre as vias de utilização dessa construção no português do Brasil. Passemos agora à descrição da metodologia do trabalho e da formação do *corpus* específico que permitiu a análise que será posteriormente descrita.

4- METODOLOGIA

Este capítulo se destina às explicações, descrições e justificativas referentes à escolha metodológica, ao diálogo existente entre Linguística Cognitiva e Linguística de *Corpus*, ao processo de formação do *corpus* específico das Construções de Movimento Fictivo do Português do Brasil e também ao processo de seleção dos *corpora* utilizados e dos exemplos neles encontrados. Portanto, faz-se necessária, primeiramente, um breve histórico da Linguística de *Corpus*, seus principais conceitos e sua adequação como metodologia de pesquisa.

4.1 - LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

A Linguística de *Corpus* é assim chamada por buscar respostas para questões linguísticas em conjuntos de dados textuais coletados seguindo determinados critérios e objetivos. Cada um desses conjuntos é chamado *corpus*, que significa conjunto de documentos.

A existência da Linguística de *Corpus* é conhecida desde a Antiguidade e Idade Média, quando os *corpora* eram manipulados manualmente (SARDINHA, 2004). Atualmente, a Linguística de *Corpus* é um campo completamente interligado ao uso de tecnologias de linguagens computacionais, como a linguagem R, utilizada nesta pesquisa, que será detalhada em seção posterior.

Segundo Sardinha (2004), durante boa parte do século XX, a pesquisa com *corpora* foi amplamente difundida, mesmo sem o uso do computador. Foi com o surgimento da Gramática Gerativa na década de 1950 e sua idealização racionalista, que esse tipo de pesquisa diminuiu consideravelmente, devido também às críticas ao processamento manual de *corpora*. O advento dos computadores e sua popularização nas décadas seguintes exerceram contribuição imprescindível ao campo da Linguística de *Corpus*. Com o acesso das universidades e dos pesquisadores às tecnologias então disponibilizadas, foi possível a realização de armazenamento e manipulação cada vez mais complexos e eficientes dos dados.

Atualmente, a Linguística de *Corpus* é utilizada com mais abrangência na Europa e encontra-se em estágios iniciais no Brasil.

4.1.1 – A caracterização de um *corpus*

De acordo com Gries (2009), um *corpus* consiste em um conjunto de textos computacionalmente legíveis, que foram produzidos em situações espontâneas de comunicação. Essas situações podem ser nas modalidades oral ou escrita, com propostas comunicativas autênticas. A partir da coleta dos dados gerados por tais situações, é formado um conjunto de dados representativo e balanceado, ou seja, deve conter proporcionalmente, o tanto quanto for possível mensurar, os diferentes âmbitos da manifestação da variedade linguística a ser analisada. Ainda, o *corpus* deve ser construído com a intenção de servir à análise linguística pretendida, conseqüentemente, deve envolver preparação específica a tais intenções.

Sardinha (2004) corrobora a definição de Gries ao postular quatro pré-requisitos para a formação de um *corpus* computadorizado:

- (1) o *corpus* deve ser autêntico, composto por textos gerados em contextos de linguagem natural;
- (2) os textos devem ser produzidos por falantes nativos, salvo no caso de *corpus* de aprendizes;
- (3) o conteúdo do *corpus* deve ser coletado de modo a conter quantidade e variedade satisfatórias com relação ao seu objeto de estudo, sendo heterogêneo;
- (4) o *corpus* deve ser representativo da língua em questão, tendo, assim, uma extensão suficiente aos objetivos a que se propõe.

Sobre esse ponto, Sardinha (2004) ressalta que o critério para estabelecer se uma amostra é representativa vem do conhecimento da dimensão da população da qual foi retirada, o que é impossível no caso da linguagem, já que a produção linguística e sua variedade são imensuráveis. Assim, quanto maior a extensão do *corpus*, melhor para sua representatividade,

tanto com referência ao número de palavras, quanto ao número de tipos e gêneros textuais. O autor sugere a seguinte classificação quanto à extensão do *corpus* (SARDINHA, 2004, p. 26):

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Tabela 1 - Classificação dos *corpora* quanto ao tamanho

Mesmo sendo representativo, um *corpus* possui limites, necessitando, acima de tudo, ser adequado. De acordo com Sardinha (2004), um *corpus* adequado é aquele que se mostra afinado com os objetivos da investigação a ser realizada por meio dele, intencionalmente construído com potencial para satisfazer os interesses do pesquisador em determinada questão linguística.

4.1.2 – A adequação da Linguística de *Corpus* como metodologia auxiliar

A partir do histórico e descrições apresentados, é possível notar que a Linguística de *Corpus* é uma disciplina de caráter empírico, já que estuda os diferentes fenômenos linguísticos por meio da observação de sua ocorrência em dados espontâneos. O foco dessa disciplina é justamente descrever e verificar empiricamente os fenômenos que também são estudados por outros campos da linguística, como semântica, pragmática e sintaxe. Em Sardinha (2004), é discutida a questão de que a Linguística de *Corpus* se mostra como uma base metodológica coerente para esses diferentes campos de estudos linguísticos.

A Linguística Cognitiva, aporte teórico do presente trabalho, é uma das correntes teóricas que se beneficiam dessa base oferecida pela Linguística de *Corpus*, pois se trata de um modelo de língua baseado em como as várias construções linguísticas emergem em contextos sociais de comunicação.

De acordo com Silva (2008, p. 57), nos primórdios da Linguística Cognitiva, os estudos eram de caráter introspectivo, não apresentavam análise sistemática de *corpus*, o que

pode ter influenciado pesquisas posteriores. Além disso, a relação de proximidade entre cognição e linguagem imposta pela Linguística Cognitiva, a ênfase na construção cognitiva do significado, também pode ter contribuído com a tradição introspectiva dos estudos iniciais neste campo. Porém, na visão do autor, é necessário que haja uma “operacionalização empírica das hipóteses linguísticas” (SILVA, 2008, p. 58), que pode ser realizada, pela Linguística Cognitiva, por meio de diferentes métodos como os experimentos vindos da psicologia e da neurofisiologia, trabalhos de campo e análise de *corpora*.

Segundo Silva (2008), a Linguística Cognitiva possui características específicas que a aproximam de uma análise metodológica baseada na Linguística de *Corpus*, tais como sua natureza de modelo de linguagem baseado no uso e seu caráter contextualizado, que implica a valorização de aspectos sociais da linguagem:

[...] não se pode ter uma linguística baseada no uso se não se estudar o uso efectivo da língua, e o uso efectivo da língua manifesta-se em dados espontâneos e não-eliciados de um corpus ou em dados eliciados de inquéritos, tarefas de resolução de problemas ou outras experimentações (SILVA, 2008, p. 56).

Sobre a Linguística de *Corpus* como auxílio metodológico, Silva (2008) ressalta ainda a necessidade de utilizar os *corpora* para uma análise de fato estatística, baseada em métodos quantitativos de análise linguística e não somente como ilustração do aporte teórico. Tal afirmação concorda com os pressupostos dos modelos de gramática utilizados no presente trabalho que focalizam a frequência de ocorrência dos padrões linguísticos como intimamente relacionada à sua convencionalização, à frequência dos tipos da construção e à sua produtividade na língua.

Por meio das afirmações acima, ressaltamos que, para análise dos dados referentes a esta pesquisa, serão utilizadas técnicas quantitativas e qualitativas, realizadas por meio de processos manuais e computacionais. As análises a partir da base metodológica apresentada e das ferramentas utilizadas tornam possíveis as considerações sobre os padrões linguísticos que são objetos deste trabalho.

4.2- PROCESSO DE FORMAÇÃO DO *CORPUS* ESPECÍFICO

O *corpus* específico das Construções de Movimento Fictivo do Português do Brasil foi montado a partir de dados coletados de quatro *corpora* eletrônicos tratados do português. A seleção dos textos foi realizada com a intenção de formar um *corpus* autêntico, heterogêneo, representativo e adequado aos objetivos da pesquisa, abrangendo as modalidades oral e escrita, contextos públicos e privados e situações formais e informais de uso, em variados gêneros, tipos textuais e tópicos discursivos.

Para isso, buscamos *corpora* que apresentassem variedade e extensão significativas. Os *corpora* utilizados foram:

- 1) *Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>);
- 2) *Corpus* NILC/São Carlos - Núcleo Institucional de Linguística Computacional/São Carlos (<http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>);
- 3) *Corpus* NURC-RJ - Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>);
- 4) C-ORAL Brasil - *Corpus* de Referência do Português Brasileiro Falado Informal (RASO e MELLO, 2012).

O processo de busca foi iniciado por meio de um estudo piloto com dados da internet, a partir dos quais delinearíamos uma lista de verbos e uma lista de extensões que potencialmente apareceram como instâncias da construção. Após o estabelecimento dessas listas, foi feita uma busca pelos verbos e pelas extensões isoladamente nos *corpora* que possuem suas próprias ferramentas de busca: *Corpus* do Português e NILC/São Carlos. Nesses *corpora*, foram encontrados novos verbos e novas extensões, que incrementaram as listas para uma nova busca, incluindo, agora, o NURC-RJ e o C-ORAL Brasil.

No *Corpus* do Português e no NILC/São Carlos, os dados foram buscados e coletados com as ferramentas de busca oferecidas pelos próprios sites. No caso do NURC-RJ e C-ORAL Brasil, as buscas foram realizadas por meio da utilização da linguagem R de programação, descrita a seguir.

4.2.1. Aplicação da linguagem R

A linguagem R é um ambiente de programação computacional, comumente utilizado para manipulação estatística de dados e que oferece possibilidades interessantes e eficientes para o trabalho com dados textuais. Não é objetivo deste trabalho descrever detalhadamente a linguagem e aprofundar suas funções, pois são inúmeras e complexas. Nesta seção, será feita uma breve descrição da linguagem R e principalmente como e com quais objetivos foi aqui utilizada.

De acordo com Jensen (2008), a linguagem R é uma implementação livre e de código aberto - no sentido de que pode ser acessada, baixada e programada livremente por qualquer usuário - da linguagem S-plus. Esta última é a linguagem utilizada para os *scripts* do programa SPSS, de compilação estatística.

Em se tratando de manipulação textual, o R também pode ser utilizado como ferramenta de busca, com o download do *corpus* e utilização adequada de suas funções. Como um ambiente de programação de código aberto, o R permite que os usuários montem *scripts* de acordo com as suas necessidades de manipulação de dados. Esses *scripts* são “textos” compostos pelos algoritmos formados por combinação das funções do R arranjadas de forma a possibilitar a apresentação dos resultados requeridos. A montagem do *script* depende: do estabelecimento prévio de variáveis, que vão posteriormente conter os resultados; da utilização de funções adequadas aos resultados desejados e; no caso deste trabalho, de Expressões Regulares.

As chamadas Expressões Regulares são métodos formais, que combinam metacaracteres e caracteres literais na formação de uma expressão específica, para encontrar padrões textuais computacionalmente. Os metacaracteres são os símbolos - por vezes letras - que fazem parte das Expressões Regulares e representam uma função específica na busca textual. Uma Expressão Regular como “`\\bmovimento\\b`”, por exemplo, possui um conjunto de caracteres literais - as letras da palavra “movimento” - e dois metacaracteres “`\\b`” nas extremidades. O metacaracter “`\\b`” indica que deve haver um espaço antes e outro depois da palavra “movimento” na busca. É utilizado então quando é preciso fazer fronteiras de palavras ou padrões com relação às palavras vizinhas no texto.

Depois de estabelecida a expressão que vai abarcar a busca desejada, ela deve ser implementada como uma das componentes da função do R apropriada. Essa função será, então, atribuída a uma variável e processada pelo R.

Para este trabalho, foi utilizado o RStudio, uma interface do R que permite a visualização de quatro telas representando: o console, abaixo, à esquerda, onde são

processadas as funções do *script*; logo acima há um espaço para a escrita do *script*, antes que seja processado; acima à direita, uma tela que corresponde ao histórico de *scripts* e variáveis utilizados e; abaixo, à direita, uma tela auxiliar, em que poderão ser acessados os arquivos e visualizados os gráficos produzidos. Há também, nessa tela, a explicação de funcionamento de cada uma das funções do R. A configuração do RStudio pode ser observada na figura abaixo:

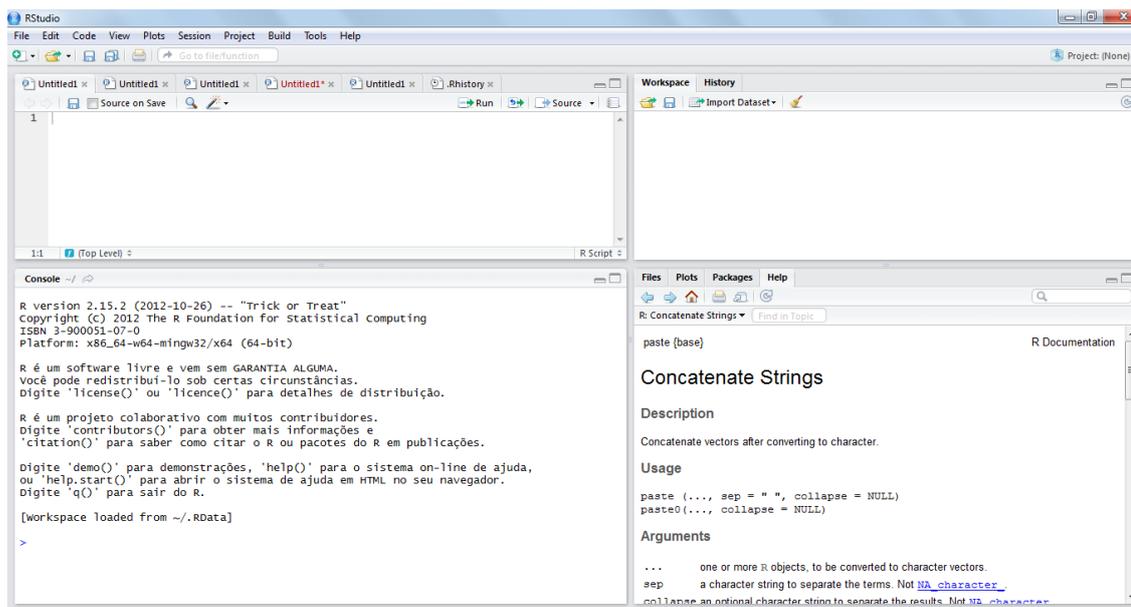


Figura10 - Interface do RStudio

Para a formação dos *scripts* necessários às buscas da presente pesquisa nos *corpora* NURC/RJ e C-ORAL Brasil, foram estabelecidas quatro variáveis:

- (1) corpus: para conter o diretório com os textos a serem importados para o R;
- (2) resultado: para a qual iriam os resultados finais das buscas em cada texto;
- (3) textos: contendo os textos importados;
- (4) busca: à qual foram atribuídas as buscas dos padrões da construção;

Para os mesmos *scripts*, foram utilizadas as seguintes funções do R, com seus respectivos objetivos:

- (1) setwd (): para que o R trabalhe somente com os textos que estão no diretório específico do *corpus* (em formato txt);
- (2) dir (): para atribuir todo o diretório a uma mesma variável;

- (3) `character ()`: para que o resultado seja apresentado em caracteres;
- (4) `for ()`: é uma função de *looping*, utilizada para que a mesma busca fosse realizada em todos os textos do diretório;
- (5) `scan ()`: para importar os textos do diretório para serem processados no R;
- (6) `grep ()`: para realizar a busca pelo padrão expresso por meio das Expressões Regulares;
- (7) `paste ()`: para que os resultados das buscas fossem acumulados na variável “resultado”;
- (8) `cat ()`: para que o conteúdo da variável “resultado” fosse enviado a um arquivo na pasta “documentos”.

A partir do conhecimento das funções necessárias, bem como de sua utilização, a formação do *script* foi a seguinte:

```
setwd("C:/DIRETÓRIO EM QUE SE ENCONTRA O CORPUS")
corpus <- dir ("C:/DIRETÓRIO EM QUE SE ENCONTRA O CORPUS")
resultado <- character ()
for (i in corpus) {
  textos <- scan (i, what="char", sep="\n", encoding="UTF-8")
  busca <- grep ("EXPRESSÃO REGULAR", textos, perl=TRUE, VALUE=TRUE)
  resultado <- paste (resultado, busca, sep="\n")
}
setwd ("C:/DIRETÓRIO GERAL DOS DOCUMENTOS")
cat (resultado, file="arquivopararesultados.txt", sep="\n")
```

Quadro1 - *Script* utilizado no R para busca de padrões textuais em *corpora*

O conteúdo do quadro 1 representa o padrão geral dos *scripts* utilizados para importação e busca textual em um *corpus* com a linguagem R. As expressões regulares, porém, variam dependendo do padrão a ser buscado. Nesta pesquisa, optamos por buscar os verbos envolvidos nas construções, o que já era conhecido no ponto em que o R foi utilizado, já que os dois *corpora* analisados dessa forma foram os últimos a serem pesquisados. Assim, por meio da lista dos tipos verbais encontrados, foram estabelecidas as Expressões Regulares. As expressões eram formadas a partir dos radicais dos verbos (regulares), seguidos do

caracter “*” (asterisco) e limitados por “\b” (fronteira de palavra). O asterisco, para a linguagem computacional utilizada, significa que o conteúdo literal deve ser combinado a qualquer caracter literal que vier depois, no caso, as diferentes conjugações e tempos verbais. Os verbos irregulares foram buscados em todas as suas formas e tempos separadamente.

Assim, como exemplos de Expressões Regulares utilizadas estão: “\bpass*\b” (passar), “\batravess*\b” (atravessar), “\bpercorr*\b” (percorrer), “\bcort*\b” (cortar), e assim sucessivamente, com todos os verbos previamente encontrados. Essas expressões são posicionadas, uma por vez, no primeiro espaço da função “grep ()”, quinta linha do quadro1, para que a busca seja processada de modo a seguir tais padrões. A cada vez que o R processa uma expressão regular, envia os resultados obtidos para um arquivo na pasta documentos (seguindo este *script*). Logo após, já está pronto para processar outra expressão e encontrar as ocorrências de mais um verbo.

No arquivo para o qual vão os resultados, encontram-se todas as construções instanciadas pelos verbos, movimento literal, metafórico e outras, não só as de movimento fictivo. Isso ocorre pois essas construções apresentam padrões similares. A seleção das Construções de Movimento Fictivo foi feita, então, manualmente, a partir dos resultados conseguidos com o R.

4.2.2. Descrição dos *corpora* utilizados

Nessa seção, serão detalhados: os *corpora* selecionados para presente pesquisa, sua descrição quanto à extensão e heterogeneidade, as justificativas para cada escolha e as particularidades de busca e utilização de cada um deles.

(1) *Corpus* do Português

O *Corpus* do Português é formado por 45 milhões de palavras, em 57.000 textos do Português do Brasil e Português de Portugal, produzidos de forma espontânea, nas modalidades oral e escrita, desde o século XIV até o século XX. Os textos referentes ao século XX encontram-se distribuídos em quatro gêneros: ficção, acadêmico, notícia e oral.

Esse *corpus* foi escolhido devido à sua grande extensão, o que propiciou a busca das CMF em variados tópicos discursivos.

No presente trabalho, utilizamos somente as ocorrências referentes ao Português do Brasil, no século XX, com as ferramentas oferecidas pelo próprio site. A distribuição de ocorrências por gênero³ neste *corpus* foi a seguinte:

GÊNEROS	NÚMERO DE PALAVRAS - PB	TOTAL DE OCORRÊNCIAS
Ficção	3.028.646	116
Acadêmico	2.816.802	98
Notícia	3.346.988	39
Oral	1.078.586	6
Total	10.271.022	259

Tabela 2 - Distribuição quantitativa por gênero das CMF encontradas no *Corpus* do Português

Os exemplares encontrados nesse *corpus* apresentaram produtividade significativa:

Tipos	Ir, partir, curvar-se, avançar, correr, sair, desdobrar-se, levar, penetrar, descer, chegar, subir, vir, passar, seguir, estender-se, entrar, ziguezaguear, serpentear, caminhar, inserir-se, atravessar, cortar, alcançar, cruzar, atingir, recortar, percorrer, acompanhar, debruar.
Total	30 tipos

Tabela 3 – Tipos verbais da CMF encontrados no *Corpus* do Português

(2) NILC/São Carlos

O NILC/São Carlos é um *corpus* do Núcleo Institucional de Linguística Computacional do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo. Sua extensão é de 32.500.000 palavras, em textos escritos do Português do Brasil, e predominância do gênero jornalístico, mais especificamente, textos do jornal Folha de São Paulo do ano de 1994. Apresenta também textos nos gêneros: literário, acadêmico, texto epistolar, texto legal, ensaio e enciclopédia. Esse *corpus* disponibiliza suas próprias ferramentas de busca textual no site do projeto AC/DC. A escolha do *corpus* se deu pela sua

³ A noção de gêneros textuais e tópicos discursivos que adotamos advem da tipologia de cada *corpus* utilizado.

extensão, variedade de gêneros e de tópicos discursivos.

No *corpus* NILC/São Carlos, foram encontradas 225 ocorrências das Construções de Movimento Fictivo, nos diversos gêneros fornecidos, o que pode ser observado na tabela abaixo:

GÊNEROS	NÚMERO DE PALAVRAS	TOTAL DE OCORRÊNCIAS
Jornalístico CETENFolha e outros	29.821.708	167
Texto Didático	426.765	21
Literário	921.365	15
Enciclopédia	286.558	9
Ensaio	2.193.635	7
Revista	153.786	6
Texto Epistolar	3.350	0
Texto Legal	1.111.859	0
Total	32.462.201	225

Tabela4 - Distribuição quantitativa por gênero das CMF encontradas no *corpus* NILC/São Carlos

As Construções de Movimento Fictivo encontradas no NILC/São Carlos apresentaram 27 tipos verbais e, ainda, 2 tipos com verbos suporte, mostrados a seguir:

Tipos	Ir, avançar, correr, sair, levar, penetrar, descer, subir, vir, passar, seguir, estender-se, entrar, serpentear, atravessar, cortar, alcançar, cruzar, atingir, percorrer, acompanhar, mergulhar, elevar-se, conduzir, dobrar, rodear, chegar, fazer curva, dar volta.
Total	29 tipos

Tabela 5 – Tipos verbais da CMF encontrados no *corpus* NILC/São Carlos

(3) NURC-RJ

O *corpus* NURC-RJ é um *corpus* de fala espontânea do Português do Brasil, acervo que faz parte do projeto do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que disponibiliza em seu *site* os arquivos de transcrição e áudio das gravações. Os dados do projeto são gravações de entrevistas realizadas nas décadas de 70 a 90 do século

XX, com falantes cariocas com ensino superior completo. Apresenta grande variedade temática em contextos de fala formais e informais. A escolha desse *corpus* se justifica por sua variedade de tópicos de conversação e pela tentativa de balancear o *corpus* específico das CMF com dados referentes à modalidade oral.

No presente trabalho, optamos utilizar somente o excerto do *corpus* NURC que corresponde aos tópicos discursivos em que as Construções de Movimento Fictivo foram previamente encontradas, já que a configuração do *site* permite fazer esse tipo de seleção. Ainda, é importante ressaltar que, apesar de o *site* disponibilizar os arquivos de áudio, trabalhamos aqui somente com a transcrição da fala.

As transcrições utilizadas foram referentes aos seguintes tópicos discursivos: casa; corpo humano; meteorologia; terreno; transportes e viagens; vegetais e agricultura; vestuário; animais; e comércio. Os textos selecionados foram processados utilizando a linguagem R de programação, com uma pré-seleção de tipos verbais (cf. seção 4.2.1). Esse excerto é constituído de cerca de 370.000 palavras e apresentou 27 ocorrências da construção e produtividade segundo a tabela abaixo:

Tipos	Estender-se, passar, seguir, vir, sair, ir, levar, chegar, atravessar, dobrar, pegar, fazer curva, fazer “t”, fazer “x”.
Total	14 tipos

Tabela 6 – Tipos verbais das CMF encontrados no *corpus* NURC-RJ

(4) C-ORAL Brasil

O C-ORAL Brasil é um *corpus* de fala espontânea informal, constituído por 208.130 palavras e 139 textos, em contextos públicos e privados, com monólogos, diálogos e conversações de diatopia mineira (RASO; MELLO, 2012). Os dados são apresentados em arquivos de áudio, sua respectiva transcrição e metadados referentes a cada texto. Os metadados permitem o acesso a uma descrição detalhada da ambientação discursiva, o principal tópico de conversação, os interlocutores envolvidos, quando e onde ocorre a situação comunicativa. Esse corpus foi selecionado por conta de sua variedade temática e diafásica, de sua acessibilidade a informações detalhadas sobre seu conteúdo e também na tentativa de balancear o *corpus* específico com textos referentes à modalidade oral, já que a maioria dos textos dos *corpora* utilizados era de textos escritos.

A presente pesquisa lançou mão de todo o *corpus*, realizando as buscas por meio da linguagem R (cf. seção 4.1.2). Como dito anteriormente, as buscas no C-ORAL Brasil foram feitas a partir da lista de tipos verbais formada ao longo dos achados do Corpus do Português e do NILC/São Carlos. Os resultados apresentaram 25 ocorrências da construção e 13 tipos:

Tipos	Ir, sair, voltar, passar, desenvolver, vir, chegar, seguir, subir, descer, fazer curva, fazer isso, fazer leque.
Total	13 tipos

Tabela 7- Tipos verbais da CMF encontrados no C-ORAL Brasil

Nas buscas realizadas em todos os *corpora* aqui utilizados, foi necessária uma etapa subsequente à utilização das ferramentas computacionais. Pelo fato de que as Construções de Movimento Fictivo apresentam estrutura argumental análoga às construções de movimento literal e metafórico, foi preciso uma etapa de busca manual para separar as construções CMF das outras construções de verbos de movimento encontradas.

4.2.3 – O *corpus* específico das Construções de Movimento Fictivo do PB

Por meio da execução das etapas de busca de dados acima descritas, foi possível realizar a montagem do *corpus* específico das Construções de Movimento Fictivo do Português do Brasil (anexos A e B ao final desta dissertação), constituído por 536 exemplares da construção e 14.456 palavras, nas modalidades oral e escrita e gêneros diversos. A temática apresenta certa variação, porém, em geral, limita-se a tópicos relacionados à descrição de objetos, o que será discutido no próximo capítulo.

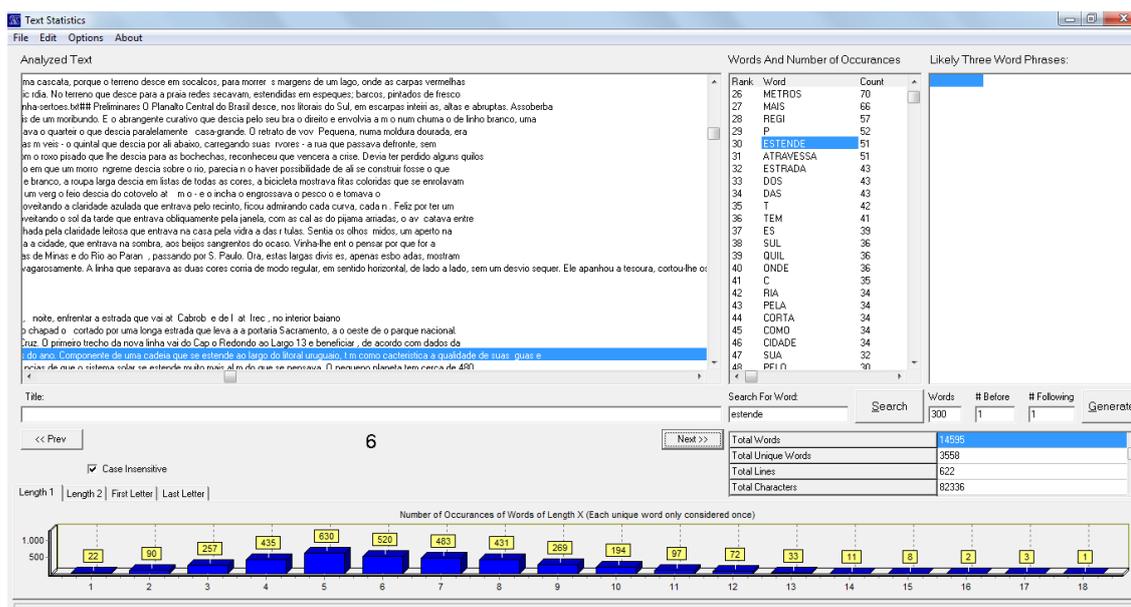
A extensão do *corpus* o caracteriza como um *corpus* pequeno, de acordo com a classificação de Sardinha (2004), explicitada na tabela 1 (cf. seção 4.1.1). Porém, é possível verificar sua adequação aos objetivos da pesquisa na medida em que os achados se mostram coerentes, quanto aos tópicos de conversação mais recorrentes, motivação pragmática, bem como quanto aos padrões encontrados para a construção.

A tabela abaixo mostra a distribuição das ocorrências da CMF por gêneros relacionados nos quatro *corpora* utilizados:

GÊNEROS	Número de Construções de MF
Escrita: Notícia/Jornalístico/Revista	212
Escrita: Ficção/Literário/Ensaio	138
Escrita: Acadêmico/Texto Didático/Enciclopédia	128
Oral- formal e informal Conversa/monólogo/diálogo	58
TOTAL	536

Tabela 8 - Distribuição das CMF por gêneros no *corpus* específico

Para fazer a contagem de *tokens* de cada tipo da construção, utilizamos a ferramenta *Text Statistics*. Essa ferramenta está disponível *online* e faz a contagem de palavras específicas nos textos, mostrando o número de ocorrências de cada palavra selecionada e ainda permite a visualização das sentenças em que ocorreu. O programa oferece ainda outras ferramentas estatísticas, porém somente estas foram utilizadas na presente pesquisa.



Figural 1 - Interface do programa Text Statistics

No próximo capítulo, serão realizadas as análises e discussões dos dados qualitativos e quantitativos, possibilitadas pela construção deste *corpus* específico, referentes às construções objeto do presente trabalho. Serão descritos ainda os diferentes níveis de análise permitidos pela concepção teórica sociocognitiva e construcionista aqui adotada: a motivação conceptual, estrutura formal, dimensão pragmática, ambientação discursiva das construções e as possíveis relações entre eles.

5 – CONSTRUÇÕES DE MOVIMENTO FICTIVO EM PORTUGUÊS DO BRASIL

A análise das Construções de Movimento Fictivo será delineada, passando pelos aspectos relevantes de acordo com a base teórica apresentada, como a motivação conceptual, função pragmática, padrões estruturais e ambientação discursiva, visando a possibilitar o reconhecimento das CMF no inventário de construções do português brasileiro.

De fato, as construções do *corpus* específico permitiram a observação de padrões de uso que possuem forma, sentido e usos próprios, além de ligações por relação de herança a uma rede específica de construções do PB.

Este estudo vincula-se ao projeto “A construção discursiva da fictividade: sociocognitivismo e *corpus*” (ROCHA, 2011), que pretende descrever as diferentes construções que instanciam o fenômeno cognitivo da fictividade no português brasileiro, apresentadas na seção 3.1. Como exposto no capítulo introdutório, a análise da construção discursiva da fictividade é realizada em contextos diafasicamente distintos, porém diatopicamente similares em *corpora* do português brasileiro, com vistas descrever a multimodalidade do fenômeno (ROCHA, 2013).

Ao contemplar as diferentes instâncias da fictividade, os principais estudos realizados nas várias línguas, foi possível constatar como as construções de movimento fictivo já haviam sido largamente exploradas na língua inglesa, principalmente em estudos psicolinguísticos. Observamos também estudos em outras línguas como espanhol e japonês (cf. seção 3.3) e começamos a, intuitivamente, e posteriormente em buscas na internet, perceber como tais construções poderiam também estar, de forma produtiva, presentes na língua portuguesa e apresentar características intrigantes quanto a seus aspectos cognitivos, pragmáticos e discursivos.

No capítulo anterior, foi descrita a formação do *corpus* específico com exemplos coletados de quatro *corpora* do PB. No presente capítulo, será realizada a análise dos padrões encontrados nesse *corpus* e como esses padrões funcionam, quais domínios cognitivos evocam e como se comportam nas diferentes situações comunicativas. Ainda, serão discutidos os números representativos de sua produtividade e frequência e como sua arquitetura formal tem mostrado abertura para o surgimento de novos padrões associados.

Podemos observar abaixo exemplos das configurações apresentadas pelas construções de movimento fictivo do PB:

- 1) O primeiro trecho da nova linha vai do Capão Redondo ao Largo 13... (*Corpus* do Português)
- 2) A estrada acompanhava o relevo suave... (*Corpus* do Português)
- 3) ...um anel tendíneo comum que se estende lateralmente até a margem do osso esfenoide... (*Corpus* do Português)
- 4) A estrada estendia-se deserta; (*Corpus* do Português)
- 5) ...o chofer parou numa rua que subia... (*Corpus* do Português)
- 6) A fronteira Peru-Bolívia faz uma curva acentuada no lago Titicaca... (NILC/São Carlos)

Os exemplos apresentados acima trazem um panorama dos padrões construcionais encontrados, expostos na análise que se delineará neste capítulo. Os enunciados 1 e 2 anunciam os dois principais padrões encontrados, e suas estruturas formais constituem a maioria dos exemplos do *corpus* específico. Os padrões exemplificados nos enunciados de 3 a 6 ocorrem em menor frequência, estando, porém, associados aos padrões principais.

Assim, vamos à análise pertinente a tais construções, começando por seus aspectos conceituais, em que apresentaremos o papel do esquema imagético FONTE-PERCURSO-META e do *frame* de referência relativo, bem como o processo de mesclagem conceptual envolvido em sua interpretação e produção.

Serão introduzidos: os padrões formais que saltaram aos olhos ao examinarmos o *corpus*; outros padrões que criativamente parecem surgir a partir deles; como esses padrões foram cunhados a partir dos *frames* cognitivos e necessidades pragmático-discursivas; a produtividade e frequência de cada um dos padrões principais; e sua colocação como um nóculo numa rede específica no PB.

Ainda, será discutida a motivação pragmática das CMF, que traz à tona a capacidade humana de inferência de estados mentais e evidencia a presença de um falante ativo no discurso que, por meio da linguagem – das CMF – promove a construção de imagens na mente de seu interlocutor.

Intimamente ligados às motivações pragmáticas, estão os ambientes discursivos em que as CMF funcionam, como descrições, explicações e instruções, tópicos discursivos que vão ao encontro de suas características de utilização, estrutura formal e conceptual.

5.1 – A MOTIVAÇÃO CONCEPTUAL DAS CMF

Temos visto que a gramática, na concepção dos modelos baseados no uso, é motivada por processos cognitivos e embasada por constructos mentais socialmente estruturados (cf. seção 2.5). Por isso, consideramos que a gramática emerge como fruto da conceptualização e da categorização (cf. seção 2.2) que fornecem subsídios para que os usuários da língua compreendam e produzam criativamente construções linguísticas a fim de agir sobre os estados mentais que conseguem inferir em seus interlocutores.

Nessa seção, trataremos das motivações conceptuais das Construções de Movimento Fictivo no PB. De posse das bases teóricas da Linguística Cognitiva, explanaremos sobre a interpretação dada a tais construções, quais são os domínios do conhecimento, esquemas mentais e processos cognitivos envolvidos e como os achados do *corpus* específico se enquadram nos pressupostos expostos.

No capítulo 3, dedicado à descrição dos fenômenos da fictividade, movimento fictivo e principais abordagens e estudos, podemos observar a singularidade e ao mesmo tempo a abrangência da fictividade. Sendo mais um processo cognitivo, ainda faltam fatores a serem descritos para uma definição mais completa e efetiva do fenômeno. O movimento fictivo é uma das instâncias da fictividade (cf. seção 3.1, p. 53) e, por meio de sua compreensão, podemos contribuir com o esclarecimento de alguns aspectos do funcionamento da cognição e da linguagem.

Como observamos na seção 3.2 do mesmo capítulo, autores como Langacker (1986, 1999, 2008), Fauconnier (1997) e Talmy (2000) traçam suas hipóteses sobre a motivação conceptual de tais construções. Retomando, Talmy (2000) sugere uma extensa classificação para as expressões linguísticas que instanciam o movimento fictivo, de acordo com diferentes motivações cognitivas (cf. seção 3.2, p. 55 e 56). Podemos observar nessa classificação que os vários tipos se diferenciam de acordo com: posição do objeto, posição do observador, relação entre posição do objeto e do observador e percepção do observador. Ou seja, Talmy (2000) se

baseia na conceptualização da cena para sua classificação das expressões linguísticas de movimento fictivo. Na tipologia trazida pelo autor, foi feito um recorte para a seleção das expressões que fariam parte do *corpus*.

Escolhemos o tipo “rotas de cobertura”, como definido por Talmy (2000) e exposto na seção 3.2 do presente trabalho (p. 56): as “rotas de cobertura” são utilizadas em enunciados que descrevem o formato, orientação ou localização de determinado objeto estendido no espaço por meio da conceptualização da própria extensão do objeto como uma trajetória percorrida por uma entidade fictiva, possibilitada pelo ponto de vista de um observador.

Definido o objeto, vamos às descrições imprescindíveis à interpretação de sua motivação conceptual.

5.1.1 – O esquema imagético FONTE-PERCURSO-META e a mesclagem conceptual

Na seção 3.2, temos a interpretação de Fauconnier (1997) para a motivação cognitiva das construções de movimento fictivo. O autor defende que uma mesclagem conceptual (seção 2.4.3), que será tratada com mais detalhes em seção posterior, seria responsável pela formação dessa construção e que o *input1* da mesclagem seria “um espaço mental que contém um trajetor que se move de fato por um percurso, da fonte para o alvo, com um ponto de referência” (cf. seção 3.2, p. 58).

A definição do *input1* postulado por Fauconnier (1997) é correspondente a uma estrutura cognitiva básica, formada a partir de nossas experiências de movimento no espaço em que vivemos: o esquema imagético FONTE-PERCURSO-META, como definido por autores como Johnson (1987), Kövecses (2006), entre outros (cf. seção 2.3.1.1). De fato, na seção 2.4.1 (p. 34), observamos os postulados de Fauconnier (1997) de que os *inputs* presentes nos processos de mesclagem retiram seus elementos de *frames*, domínios e esquemas já existentes no constructo mental para produzirem novas informações e construções.

Retomando a definição de Johnson (1987) (cf. seção 2.3.1.1, p. 30), o esquema FONTE-PERCURSO-META ou esquema da trajetória possui como elementos principais: fonte – ponto de partida; meta – ponto de chegada; percurso – sequência contínua de pontos conectando fonte e alvo, marcos – pontos que formam o percurso; direção – orientação do

movimento; e dimensão temporal – tempo necessário para ir da fonte ao alvo. A figura abaixo representa o esquema descrito acrescido dos elementos colocados por Fauconnier (1997):

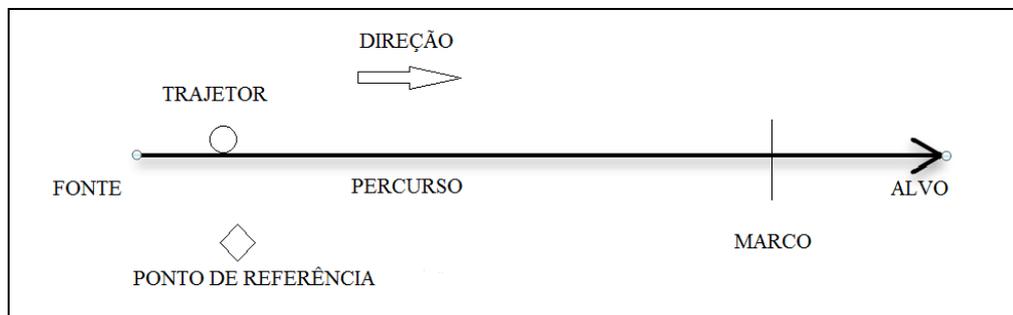
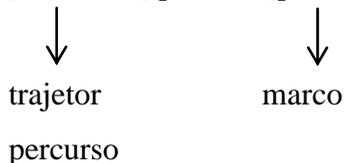


Figura12: Esquema FONTE-PERCURSO-META completo

Podemos estabelecer o esquema FONTE-PERCURSO-META como um dos aspectos principais da base cognitiva das CMF. Isso é possível, pois observamos a presença de elementos correspondentes a cada um dos elementos postulados por Johnson (1987) e Fauconnier (1997) - fonte, meta, percurso, trajetor, marco, direção, ponto de referência e dimensão temporal - nas construções encontradas no *corpus*, como podemos verificar nos exemplos abaixo:

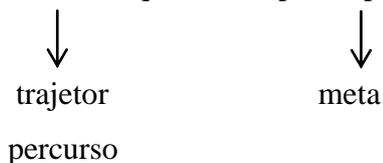
(1) [A estrada] passava [por lá]. (*Corpus* do Português)

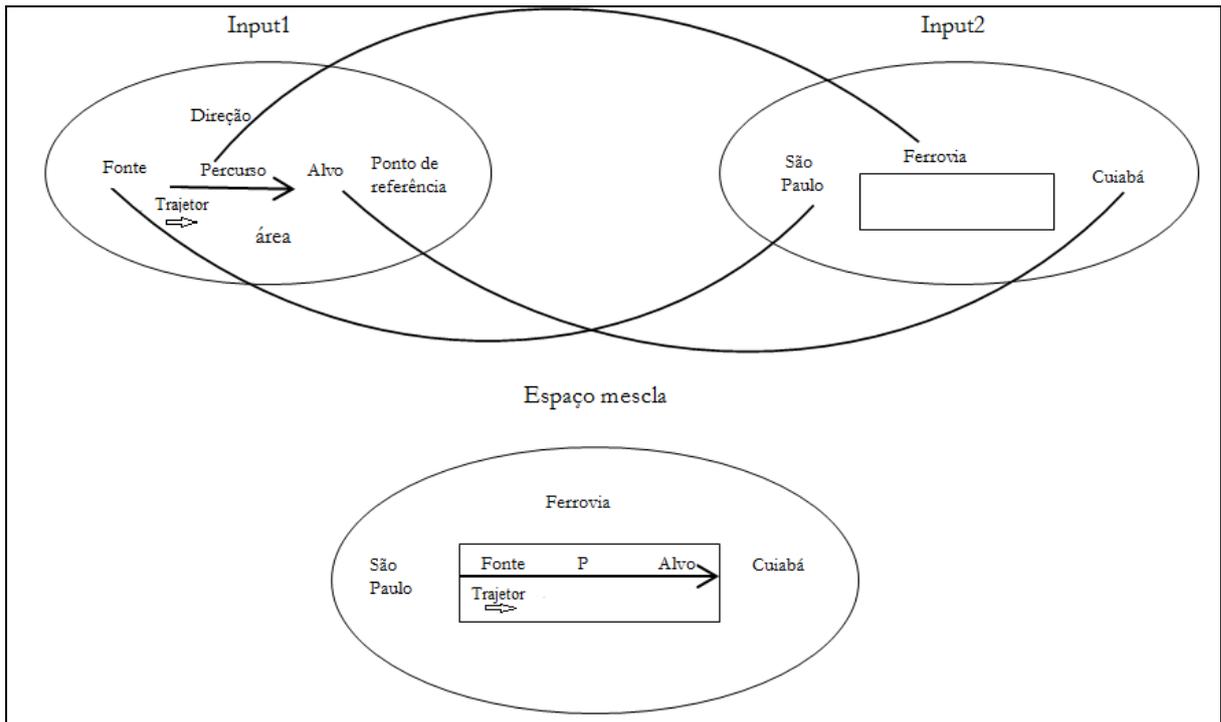


(2) (...) [a estrada de ferro] que vem [de Campala]. (NILC/São Carlos)



(3) [No terreno] que desce [para a praia] (...) (*Corpus* do Português)





Figural3: Mesclagem conceptual na formação da CMF

As construções de movimento real, como, por exemplo, “Um ciclista percorre uma distância de 24 km (...)” (NILC/São Carlos), são produzidas por meio de uma relação direta com o esquema da trajetória, em que “um ciclista” é o trajetor, e “uma distância de 24 km” corresponde à trajetória.

As construções de movimento metafórico, como “(...) o museu da Praça Marechal Âncora, no Centro, atravessa um longo período de isolamento” (NILC/São Carlos), também estão ancoradas a um processo cognitivo distinto, como o nome já diz, a um processo de metáfora – TEMPO É ESPAÇO - em que o domínio-fonte se relaciona à experiência de movimento, contendo os elementos do esquema da trajetória, e o domínio-alvo é um espaço mental relacionado ao tempo. Assim, os elementos do domínio fonte se projetam nos limites temporais do período em que o referido museu ficou em isolamento; o elemento trajetória, no domínio-fonte, projeta-se no elemento período de tempo no domínio-alvo; e o trajetor corresponde ao prédio/instituição que sofreu negligência durante determinado período de tempo, como observamos na figura abaixo:

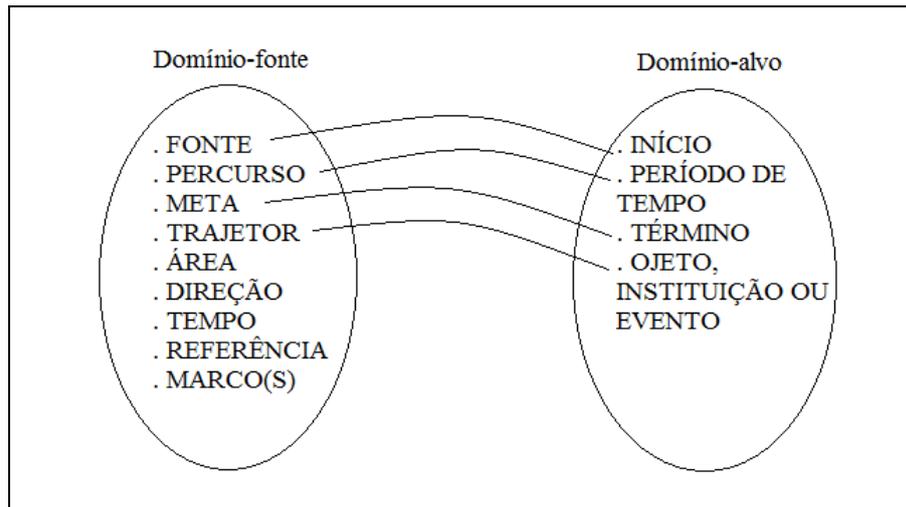


Figura14 – Diagrama representativo da metáfora TEMPO É ESPAÇO

Assim, observamos que as Construções de Movimento Fictivo se diferenciam de outras construções com verbos de movimento, como as construções de movimento literal e as de movimento metafórico, quanto aos processos cognitivos subjacentes. Na seção seguinte serão expostas ainda outras questões sobre as bases cognitivas das CMF.

5.1.2 – O *frame* de referência relativo

Ainda com relação às motivações e bases cognitivas das Construções de Movimento Fictivo, complementando as aplicações teóricas colocadas nas seções anteriores, os *frames* de referência demonstrados por Levinson (1996; 2003) trazem um aspecto imprescindível aos achados da presente pesquisa, especificamente, o *frame* de referência relativo.

Esse aspecto refere-se à experiência visual que se integra ao movimento corporal ao longo do desenvolvimento humano. De fato, quando Talmy (2000) expõe, dentre as várias subcategorias e subtipos de movimento fictivo na linguagem, a subcategoria “movimento relativo ao *frame*” (cf. seção 3.2, p. 56) traz à tona a importância da integração visão/movimento, já que demonstra como a base de enunciados como “Eu posso ver a paisagem que passa por mim quando viajo de carro”, por exemplo, surge de uma capacidade do observador de se conceptualizar como estacionário, ao passo que conceptualiza seu entorno como estando em movimento. Tal capacidade é advinda de inúmeras experiências ao longo do desenvolvimento em que os indivíduos vivenciam situações de passividade com relação ao movimento.

Os enunciados que contém o “movimento relativo ao *frame*”, porém, descrevem situações em que, como o nome já diz, os indivíduos estão, de fato, relativamente estacionários, como dentro do carro, ou de outros veículos em que seu corpo está imóvel no sentido do esquema da trajetória. Ou seja, o corpo não faz a trajetória por si só, mas por meio de outro objeto/trajetor. Nesse *frame*, o olhar se submete a um estado de estacionariedade fictiva do indivíduo. Essa situação causa uma percepção fictiva desse olhar que, de fato, enxerga a paisagem em movimento e produz cognitivamente construções que correspondam a essa percepção.

Esse não é o caso das construções aqui analisadas, aquelas chamadas por Talmy (2000) de movimento fictivo do tipo “rotas de cobertura”, pois, nesses casos, estando estacionário, não de forma relativa, mas absoluta, o indivíduo conceptualiza a cena estática como estando em movimento. O que parece acontecer aqui é que as experiências de escaneamento visual e movimento, que, integradas, servem de base direta para as construções de movimento fictivo relativo ao *frame*, também são necessárias. Entretanto, isso ocorre de forma indireta às construções de movimento fictivo “rotas de cobertura”. A capacidade de conceptualizar e descrever algo estático como estando em movimento parece estar intimamente ligada à experiência anterior de se conceptualizar como estacionário frente a inúmeros cenários estáticos e assim vê-los se movimentando.

Essa visão corrobora a hipótese de Levinson (1996) de que as construções de movimento fictivo analisadas na presente pesquisa são possibilitadas por um *frame* de referência relativo que surge na mente humana a partir das necessidades física, social e discursiva de se orientar no espaço e possibilitar que outros também se orientem.

O *frame* de referência relativo (cf. seção 2.3.2, p. 32) contém um observador, um objeto observado e um ponto de referência, com dois sistemas de coordenadas – um no observador e um no objeto – que possibilitam diferentes pontos de vista, como representado na figura abaixo:

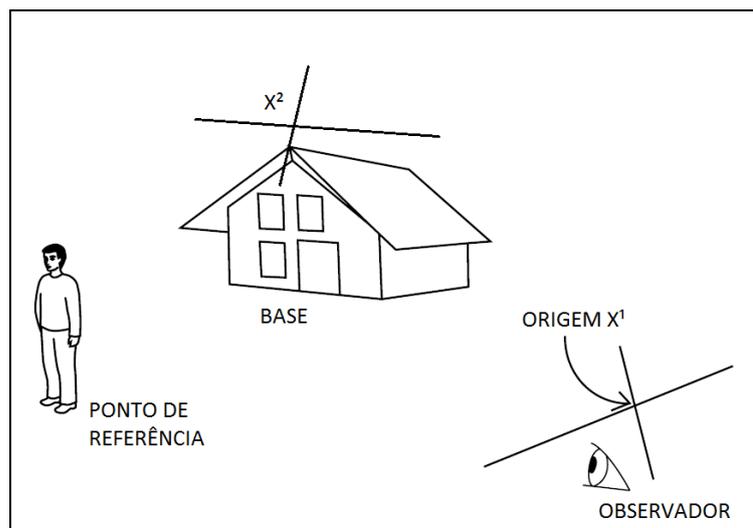


Figura3 – Representação do *frame* de referência relativo (LEVINSON, 2003, p. 40)

Esse *frame* permite que o observador, ao memorizar as várias experiências em que observou cenas estáticas em movimento relativo quando se encontrava em estacionariedade fictiva, ou seja, quando vivenciava o “movimento relativo ao *frame*”, seja capaz de, ao se encontrar em estacionariedade absoluta, manter um ponto de vista constante e escanear visualmente a cena estática. E, assim, conceptualizá-la como estando em movimento.

Os estudos psicolinguísticos realizados com relação às CMF (cf. seção 3.3.1, p. 60 e 61) também trazem resultados que vão ao encontro dessas análises. Eles demonstram, por meio de experimentos que mediam o tempo de resposta dos indivíduos ao associarem CMF a histórias de viagens, que tais construções possuem motivação experiencial e cognitiva, pois projetam uma reconstrução mental do trajeto.

De fato, a associação das CMF com a cognição visual está presente tanto em sua motivação cognitiva quanto em sua estrutura e suas funções discursivas. O que cabe ressaltar, com relação aos dados analisados na presente seção, é que, além de “trajetórias percorráveis”, nas palavras de Matsumoto (1996), como estradas, ruas, avenidas, ferrovias, entre outras, também foram observadas construções que tinham como trajetores/temas trajetórias “não percorráveis”, como cicatriz, músculo, cabelo, cerca, coluna, entre outras.

Matsumoto (1996) classifica essas duas possibilidades como construções de movimento fictivo tipo1 e tipo2. Fazem parte do grupo nomeado tipo1 as construções que têm como trajetor/tema uma trajetória “percorrável”, ou seja, extensões que seres humanos utilizam como trajetória. No tipo2, encontram-se as trajetórias “não percorráveis”, aquelas que não utilizamos como trajetória.

Na presente pesquisa, encontramos que, no português brasileiro, tanto trajetórias percorriáveis quanto extensões não percorriáveis podem ser instanciadas pelas Construções de Movimento Fictivo, diferentemente dos achados de Matsumoto para o japonês (cf. seção 3.3), como é possível perceber nos exemplos abaixo:

(1) Construções de Movimento Fictivo do tipo1:

- a. (...) a estrada serpenteia por um platô de onde se avista a fachada nua da igreja (...). (*Corpus do Português*)
- b. Espero que não haja nenhuma carroça à porta, precipito-me pela alameda que sobe ao hospital. (*Corpus do Português*)

(2) Construções de Movimento Fictivo do tipo2:

- a. Nos seres humanos, o sistema nervoso é complexo e se estende por todo o organismo. (NILC/São Carlos)
- b. O único descendente de japonês da marcha tem uma cabeleira que chega aos ombros, bigodinho e cavanhaque. (*Corpus do Português*)

O número de construções tipo1 e tipo2 encontrado foi quase o mesmo, ou seja, cada tipo cobrindo praticamente metade do *corpus* específico. A tabela a seguir contém as extensões encontradas e os números correspondentes a cada tipo:

	EXTENSÕES	Quantidade de extensões	Ocorrências	%
PERCORRÍVEIS (tipo1)	estrada, rio, rodovia, caminho, rua, escada, faixa, trecho, avenida, alameda, autoestrada, ladeira, pista, rota, trilha, vereda, via, ferrovia, morro, percurso, ponte, túnel, veia, ciclovia, corredor, desvio, entradinha, rampa, trajeto, roteiro, trilho, passarela, trajeto, parte(rota), viaduto	35	257	47,95%

<p>NÃO PERCORRÍVEIS (tipo2)</p>	<p>artéria, região, linha, camada atmosférica, zona, área, cabo, cicatriz, fila, praia, serra, terreno, cidade, extensão, luz, manga, músculo, abertura, claridade, faringe, lagoa, litoral, mar, montanha, parte, península, placa, sol, tronco, varanda, veia, vetor, aldeia, anel tendíneo, anfiteatro, arrozal, atmosfera, avental, bota, buraco, braço, brinco, cabeleira, cabelo, cachoeira, cadeia de montanhas, camada, campo magnético, canal, capa, casa, cerca, ceroula, coluna, complexo, eixo, coqueiro, conformação, cortina, costa, curativo, deserto, espaço, estria, fatia, favela, floresta, glândula, istmo, guarda-chuva, jardim, lago, laje, lâmpada, letreiro, mancha, margem, mata, medula, meridiano, mundo, nervo, óculos, osso, pelo do rabo, planalto, plantação, ponta, porção de mar, quarteirão, quintal, quarto, raio, roupa, renque de samambaias, roxo, sistema nervoso, sistema solar, tapete, tecido conjuntivo, telhado, terra, terreiro, tromba, vão, tubo polínico, vaso sanguíneo, vergão, banquinho, brinco, forma, universo, córrego, peixe-boi, segmento, tarja, vértebra, altitude, bacia, bosque, brecha, campo, canalização, conduto, curso d'água, engarrafamento, extremidade, imagem, maciço montanhoso, marginal, medula, nariz, península, raiz, ramo, rede, serra,</p>	<p>139</p>	<p>279</p>	<p>52,05%</p>
--	---	------------	------------	---------------

	sistema de túneis, tubulação, vulcão			
TOTAL		174	536	100%

Tabela9 – Extensões percorráveis e não percorráveis das construções de movimento fictivo do PB

Observamos, na tabela, que o tipo1, apesar de apresentar consideravelmente menor quantidade de extensões (35) com relação ao tipo2 (139), representa quase cinquenta por cento do *corpus* específico das CMF, com 257 ocorrências. Já o tipo2, apesar de apresentar 104 extensões a mais que o tipo1, ocorre somente 20 vezes a mais que o mesmo no *corpus*.

Esses resultados ressaltam a ação dos efeitos de prototipia na formação das CMF, pois as extensões mais frequentes na construção são aquelas que temos como mais prototípicas no domínio da experiência que possuímos com trajetórias. A tabela abaixo mostra a frequência das extensões que mais apareceram no *corpus*:

EXTENSÕES	FREQUÊNCIA
Rio	44
Estrada	37
Rodovia	23
Caminho	17
Artéria	16
Rua	12
TOTAL	149

Tabela10 – Extensões de maior frequência no *corpus* específico das CMF

As seis extensões presentes na tabela acima são as extensões que obtiveram mais de 10 ocorrências, totalizando 149 construções, o que corresponde a 27,79% de todo o *corpus*, uma quantia representativa, considerando que foi coberta por apenas seis extensões.

A extensão mais frequente encontrada foi “rio” com 44 ocorrências. Apesar de causar, num momento inicial, certa dúvida quanto à fictividade presente nas construções com essa extensão, observamos que, nos exemplos encontrados, a palavra “rio” não se referia à correnteza das águas, ao seu movimento e direção, mas sim à extensão “rio”, seu tamanho, localização e formato, como ocorre com as outras extensões, o que podemos observar nos seguintes exemplos do *corpus*:

- (1) (...) um rio de gelo branco azulado que desce do pico das cordilheiras (...) (NILC/São Carlos)
- (2) O rio São Francisco é o maior do Estado, atravessando a região sudoeste. (*Corpus do Português*)
- (3) A Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente comprovou a poluição do rio Maguari, que corta três municípios da Grande Belém. (NILC/São Carlos)

Matlock (2004, p. 10) discute o mesmo caso, ao ressaltar que as construções com palavra “river” deveriam estar incluídas nas CMF, pois a direção apresentada nas construções independe da direção do curso das águas, como por exemplo, “o rio vai dos limites da cidade até a reserva”, mesmo que sua nascente se encontre na reserva.

Dos seis tipos de maior frequência, cinco representam trajetórias “percorríveis” – rio, estrada, rodovia, caminho e rua – e apenas um deles – artéria – representa, na classificação de Matsumoto (1996), uma trajetória “não percorrível”. Porém, sua alta frequência aponta para o fato de que os efeitos de prototipia agem também sobre o quanto uma extensão se aproxima ou se afasta de ser uma trajetória “percorrível”. A artéria pode não representar uma trajetória percorrível por seres humanos, mas é a trajetória percorrida pelo sangue.

Assim, outras extensões no *corpus* trazem também consigo características limítrofes que as posicionam entre as categorias objetos e trajetórias, como é o caso de extensões como: veia, faringe e tubulação, que representam trajetórias para o sangue, para o ar e para a água, respectivamente. Há ainda outras construções que se afastam ainda mais, que não são trajetórias, mas que em alguma ocasião podem servir como uma trajetória, como é o caso de praia, cidade, varanda, terreiro, entre outras.

Observamos então que, apesar de ser possível dividir as construções entre tipos 1 e 2 quanto à extensão instanciada, os efeitos de prototipia trazem um cenário em que a assimetria categorial e as interseções categoriais influenciam criativamente na produtividade das construções, permitindo casos como “A capa lhe subia dos pés ao capuz (...)” (*Corpus do Português*). Nesse caso, o que restou de trajetória foi somente a trajetória do olhar, do escaneamento visual, possibilitado pelos processos cognitivos anteriormente mencionados.

A liberdade de escolha de extensões que vai de “estrada” a “bota”, de “rodovia” a “cabeleira”, passando por “veias” e “artérias”, é também fator que explica o enorme contingente de tipos no tipo2.

Por meio da análise da motivação cognitiva das CMF, podemos constatar a importância da experiência corporal para a formação das construções linguísticas. A integração da experiência visual à experiência de movimento também se mostra imprescindível ao processo de formação das construções analisadas.

Observamos ainda que é necessário que os domínios mentais formados pela reiteração da experiência se aliem aos processos cognitivos e sejam por eles utilizados para a compreensão de produção de tais construções. Os processos de metonímia e mesclagem conceptual aparecem, no cenário da formação das CMF, desempenhando papel fundamental ao relacionar cena estática e esquema FONTE-PERCURSO-META para que o processo comunicativo possa se valer de mais uma ferramenta linguística para fins pragmáticos e discursivos.

Na próxima seção, trataremos os padrões formais das Construções de Movimento Fictivo e sua correlação com o polo semântico-pragmático.

5.2 – FORMA E SIGNIFICADO NAS CMF

A perspectiva adotada no presente trabalho traz uma visão de linguagem como um inventário de construções formando uma rede em que cada nó se liga aos seus nós vizinhos por meio de relações de herança. Essas relações se baseiam em aspectos cognitivamente relevantes que, ao longo de seus usos discursivos, desdobram-se servindo de base para novas funções e, conseqüentemente, para novas construções, que também se correlacionam quanto aos aspectos formais.

No caso das Construções de Movimento Fictivo, observamos que elas possuem padrões sintáticos semelhantes aos padrões de construções de movimento literal e de movimento metafórico. Tomemos os exemplos utilizados na seção 5.1.1:

- (1) Um ciclista percorre uma distância de 24 km (...)
- (2) (...) o museu da Praça Marechal Âncora, no Centro, atravessa um longo período de isolamento.

No exemplo (1), podemos observar uma construção de movimento literal, factivo, com um sintagma nominal — trajetor —, um verbo de movimento e um objeto direto – área percorrida. No segundo exemplo, temos uma construção de movimento metafórico, em que há um sintagma nominal — trajetor —, um verbo de movimento e um objeto direto – área atravessada. Essas duas construções se relacionam na rede das construções de movimento, sendo o significado da construção de movimento metafórico mais abstrato – produto da metáfora –, porém o padrão formal é mantido.

Esse padrão de construção é paralelo a um dos dois principais padrões encontrados para as construções de movimento fictivo como no exemplo:

- (3) Com seus 142 quilômetros, rodovia inaugurada em 93 atravessa 15 rios (...) (NILC/São Carlos)

Os exemplos a seguir – uma construção de movimento literal, uma construção de movimento metafórico e uma CMF, respectivamente - também podem ser correlacionados e possuem um padrão que se relaciona ao outro padrão formal das CMF, contendo sintagma nominal, seguido de um verbo de movimento e sintagma(s) preposicional(is):

- (4) O sangue que passa nesses vasos está pobre em oxigênio. (NILC/São Carlos)
- (5) (...) Avenida Washington Luiz, que passa em frente ao aeroporto (...) (NILC/São Carlos)
- (6) Antes de se transformar num adulto, o indivíduo passa por diferentes etapas de crescimento físico (...) (NILC/São Carlos)

Assim, é possível inferir que as três construções de movimento – literal, fictivo e metafórico, respectivamente – apresentam os mesmos padrões formais, porém parecem atrair diferentes grupos semânticos para ocupar a posição de trajetor/tema.

Como mencionado na seção anterior, as CMF possuem como tema extensões “percorríveis” ou não e até mesmo outros objetos conceptualizados como trajetórias/extensões (exemplo 5). As construções de movimento literal exigem trajetores factivamente móveis no contexto de seu uso, que de fato percorram uma trajetória (exemplo 4). No caso do movimento metafórico (exemplo 6), além de um trajetor diferenciado, que no contexto de uso percorre uma trajetória temporal ou de mudança de estado, as construções exigem ainda que

os sintagmas que vêm após o verbo sejam instanciados por grupos semânticos que fazem parte do domínio-alvo da metáfora em questão. Observamos que o exemplo (6) possui, como sintagma preposicional um elemento de passagem de tempo, que faz parte de seu domínio-fonte, diferentemente dos exemplos (4) e (5), em que tal sintagma é instanciado por termos que indicam marco físico no espaço.

Não pretendemos, nos limites do presente trabalho, descrever e analisar as construções de movimento literal e metafórico em larga extensão. Essa breve comparação entre as três construções tem como objetivo situar a Construção de Movimento Fictivo em sua rede construcional. As construções de movimento metafórico e as CMF parecem irradiar das construções de movimento literal. As primeiras, a partir de uma herança por metáfora e as CMF, por meio de herança por polissemia, produto da mesclagem conceptual. As relações entre as CMF e as construções de movimento literal serão detalhadas ao fim da descrição dos padrões encontrados.

5.2.1 – Os padrões formais das CMF

Para a análise mais detalhada dos padrões formais encontrados, utilizamos o conceito de construção dos Modelos de Gramática Baseados no Uso, exposto na seção 2.5.1 e posteriores avanços do conceito, incluindo a descrição das várias instâncias das construções resultativas (cf. seção 2.5.2), a interpretação de construções com sintagmas adverbiais (cf. seção 2.5.3) e a interação com construções adjetivas (cf. seção 2.5.4), além das questões referentes ao tempo e aspecto verbais, mencionadas na seção 2.5.5.

Retomando o conceito de construção adotado, ressaltam-se aspectos que se dividem entre aqueles de relevância mais abrangente a qualquer construção descrita e aqueles de importância mais específica, aspectos peculiares das construções descritas no presente trabalho. Abaixo segue um resumo dos aspectos relevantes:

- (a) As construções são pareamentos entre forma e sentido, possuindo um polo formal e um polo semântico-pragmático;
- (b) Podem ser abertas, semiabertas ou cristalizadas;

- (c) As construções são moldadas por meio da associação entre as bases cognitivas e as necessidades comunicativas;
- (d) As construções possuem forma, sentido e usos próprios;
- (e) O conceito de construção abrange desde formas mais genéricas até designações verbais e idiossincrasias da língua;
- (f) Uma construção deve conter papéis associados a elementos de um (ou mais) *frame(s)* referente(s) a cenas cognitivas básicas;
- (g) Cada papel participante do verbo deve ser perfilado a um papel da construção;
- (h) Somente papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos;
- (i) As construções interagem entre si formando enunciados complexos para servir às necessidades discursivas;
- (j) As construções podem ser utilizadas como base para formação de “padrões de cunhagem” – padrões construcionais novos que ainda não configuram construções da língua;
- (k) Os advérbios podem ter diferentes funções – complemento ou adjunto - dependendo do comportamento sintático e motivação conceptual da construção.

As Construções e Movimento Fictivo apresentam certa variação sintática e um padrão comum ao padrão encontrado em expressões de movimento literal. Porém, é possível observar uma aparente incoerência, já que em todas elas há um verbo de movimento que tem como tema algo estático: extensões ou outros objetos conceptualizados como trajetória. Tal incoerência não se mantém na língua em uso, essas construções são frequentemente utilizadas pelos falantes, possuindo forma, sentido e usos próprios.

Por isso, os Modelos de Gramática Baseados no Uso e a Linguística Cognitiva se mostram como os aportes teóricos apropriados ao presente estudo. A utilização da Gramática Cognitiva e da Gramática das Construções em conjunto se justifica pela própria natureza dos dados encontrados e pelas relações que se estabelecem entre padrão formal e motivação conceptual das construções.

Dessa forma, a análise que se desdobrará traz as Construções de Movimento Fictivo como um tipo de construção de estrutura argumental, uma meso-construção (construção semiaberta) que, como explicitado por Croft e Cruse (2004), pois apesar de admitirem variações de tipos verbais, por exemplo, possuem restrições: tema estático associado a verbo de movimento. Além disso, apresentam forte tendência à interação com construções adjetivas

e, ainda, com padrões de cunhagem que associam advérbios e sintagmas direcionais aos padrões principais existentes.

Quanto aos verbos que instanciam, essas construções trazem aspecto e tempos verbais que se relacionam intimamente a suas características de motivação pragmática e ambientações discursivas.

Começando pelos padrões sintáticos encontrados com maior frequência, podemos citar dois padrões formais que cobrem a grande maioria dos exemplos do *corpus* específico apresentando maior produtividade. A formalização dos padrões conta com as siglas: SN, para sintagma nominal; SNE, para sintagma nominal estático; VM, para verbo de movimento; SPx, representando um ou mais sintagmas preposicionais. Os padrões formais principais das CMF e respectivos exemplos seguem abaixo:

$$(a) \boxed{X_{SNE} \ Y_{VM} \ (Z_{SPx})}$$

(1) (...) precipito-me pela alameda que sobe ao hospital. (*Corpus* do Português)

$$X_{SNE} \quad Y_{VM} \quad Z_{SP}$$

(2) (...) Sílvio descobriu a cicatriz de um talhe que ia do seu pescoço até a orelha. (*Corpus* do Português)

$$X_{SNE} \quad Y_{VM} \quad Z_{SP1} \quad Z_{SP2}$$

$$(b) \boxed{X_{SNE} \ Y_{VM} \ Z_{SN}}$$

(1) Juazeiro e Petrolina são divididos apenas por uma ponte que atravessa o rio São Francisco (...) (NURC-RJ)

$$X_{SNE} \quad Y_{VM} \quad Z_{SN}$$

(2) A estrada era de chão batido e cortava florestas e sopés de montanhas.

$$X_{SNE} \quad Y_{VM} \quad Z_{SN}$$

(NILC/São Carlos)

Na tabela abaixo, podemos contemplar a divisão do *corpus* entre os padrões (a) e (b):

	Padrão (a) e variações	Padrão (b) e variações	Total
Ocorrências	372	164	536
Porcentagem	69,4%	30,6%	100%

Tabela 11 – Divisão quantitativa do *corpus* quanto aos padrões (a) e (b) das CMF

O padrão (a), Construção de Movimento Fictivo Direcional, é o mais frequente, com quase 70% do *corpus*, contra pouco mais de 30% apresentado pelo padrão (b), Construção de Movimento Fictivo Transitiva. A seguir, serão desdobradas as principais características e peculiaridades de cada um dos padrões encontrados.

5.2.1.1 – Construção de Movimento Fictivo Direcional

O primeiro padrão mencionado, o padrão (a), possui um sintagma nominal, um verbo de movimento seguido de um ou mais sintagmas preposicionais, é o padrão mais frequente e produtivo do *corpus*. A maioria de seus sintagmas preposicionais são direcionais. Por isso, chamamos o padrão (a) de Construção de Movimento Fictivo Direcional (CMFD).

Como explicitado na seção 2.5.2, Goldberg e Jackendoff (2004) descrevem, de forma detalhada, as construções resultativas da língua inglesa e incluem, nessa rede, as construções com verbos de movimento, tanto as de movimento literal, como as de movimento fictivo. Nessa descrição, encontram-se as Construções Resultativas de Percurso Estativas, como “*The road goes along the river*” (A estrada vai ao longo do rio), de padrão SN V SP, que utilizam verbo de movimento, porém, no polo semântico, possuem uma interpretação estativa, já que o tema é o próprio percurso.

Como é possível observar, as Construções Resultativas de Percurso Estativas da língua inglesa possuem as mesmas características das construções do padrão (a) do PB, as Construções de Movimento Fictivo Direcionais.

Segue abaixo a relação dos tipos verbais e respectivos exemplos encontrados no *corpus* específico para o padrão (a):

Tipos verbais	Exemplos
1 – Ir	O espaço que vai até aquela árvore será para o povo assistir à missa (...)

2 – Estender-se	Nossa fila se estendia ao longo de um corredor próximo aos guichês de venda de passagens.
3 – Levar	(...) um corredor muito longo e escuro que levava da entrada até a sala (...)
4 – Passar	Diogo e Álvaro passeando ao longo da cerca que passava no fundo da casa.
5 – Descer	E o abrangente curativo que descia pelo seu braço direito (...)
6 – Correr	A Avenida Ascendino Reis, que corre às margens de a Rubem Berta, vai estar aberta.
7 – Penetrar	A placa submarina de Nazca, que penetra sob a crosta continental (...)
8 – Sair	É um cabo que sai de New London, no Reino Unido (...)
9 – Seguir	A Rodovia Castelo Branco, que segue para o oeste de o Estado (...)
10 – Subir	A artéria vertebral sobe pelo pescoço a partir do forâmen transverso da sexta vértebra cervical (...)
11 – Avançar	A estrada que avança dentro do arruado.
12 – Vir	(...) antes do entroncamento com a rodovia Manoel da Nóbrega (SP-55), que vem de Peruíbe.
13 – Entrar	Um cabo, ensinam os dicionários, é uma faixa de terra que entra pelo mar (...)
14 – Chegar	Tem alguma estrada por dentro da propriedade que chega na BR?
15 – Partir	(...) um vaso de grande importância que parte das artérias ilíacas internas (...)
16 – Atravessar	O caminho, com cerca de 60 centímetros de diâmetro, atravessa por baixo do pavilhão 7 (...)
17 – Mergulhar	O rio Estige mergulha em um desfiladeiro de 183 metros (...)
18 – Serpenteiar	(...) a estrada serpenteia por um platô (...)
19 – Caminhar	(...) da artéria vertebral, que caminha em direção ao crânio (...)
20 – Conduzir	A avenida que conduz ao distante aeroporto (...)
21 – Cruzar	(...) a cicatriz que cruzava do nariz à têmpora.
22 – Curvar-se	Enquanto vai-se subindo a grandiosa rampa que se curva do chão em direção à cúpula (...)
23 – Desdobrar-se	(...) à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista (...)
24 – Desenvolver	(...) favela que desenvolvia ao longo de uma faixa (...)
25 – Elevar-se	A casa ficava ao centro do terreno, elevava-se sobre um porão alto (...)
26 – Inserir-se	O músculo reto inferior insere-se na porção inferior do anel (...)
27 – Voltar	(...) essa pista aqui (...) <essa aqui nã sai em> Sete Lagoas não // <essa aqui volta > //
28 – Ziguezaguear	Uma veia azulada ziguezagueava -lhe na têmpora direita (...)

Tabela12 – Listagem dos tipos verbais e exemplos das CMF Direcionais

Na tabela, podemos observar a natureza dos 28 tipos verbais das CMF Direcionais. Em sua maioria, são verbos que indicam movimento retilíneo, ou que não possuem informações adicionais sobre o modo e direção do movimento, exceto ‘mergulhar’, ‘serpenteiar’, ‘curvar-se’, ‘desdobrar-se’, ‘ziguezaguear’, ‘correr’, ‘descer e subir’.

As CMF Direcionais apresentam algumas variações quanto a seu padrão formal. Essas variações são referentes a:

- (a) a utilização de sintagma verbal complexo ao invés de um verbo de movimento;
- (b) a presença de sintagmas adverbiais;
- (c) a presença de sintagmas preposicionais não lexicalizados.

5.2.1.1.1 – Sintagmas verbais complexos

Dentre as 372 CMF Direcionais do *corpus* específico, 10 apresentam uma variação estrutural em que, em vez de um verbo de movimento, um sintagma verbal complexo⁴ – também relacionado a movimento - é utilizado pela construção.

Nas Construções de Movimento Fictivo Direcionais também é possível observar exemplos de sintagmas verbais complexos como:

- (1) A fronteira Peru-Bolívia faz uma curva acentuada no lago Titicaca (...) (NILC/São Carlos)

Esses sintagmas verbais aparecem também em construções de movimento literal como no exemplo:

- (2) O ônibus fez uma curva e o poeta viu um tanque ainda não eram os urutus de hoje, eram velhos os tanques, «made in U.S.A.» (NILC/São Carlos)

⁴ De acordo com Castilho (2012, p. 410 e 411), um sintagma verbal complexo é formado por um verbo suporte e um substantivo que não funciona como argumento interno do verbo, mas interage com ele, fazendo com que o conjunto verbo+substantivo funcione como o núcleo do sintagma verbal. “*O sentido de um sintagma verbal complexo deriva do conjunto formado pelo verbo suporte+substantivo (...)*” (CASTILHO, 2012, p. 410). Podemos observar o fenômeno em exemplos dado pelo autor como: (1) Ele não deu certo naquela profissão; e (2) Esse menino só faz perguntas.

Como podemos observar, na construção de movimento literal, o SV complexo anuncia o modo do movimento – não linear, mas em curva. De forma análoga, nas CMF, os sintagmas verbais complexos evocam o formato da extensão tema, o que será detalhado em seção posterior. O padrão modificado se apresenta da seguinte forma:

$$(c) \quad \boxed{X_{SNE} \quad Y_{SVMcomplexo} \quad (Z_{SPx})}$$

Segue abaixo a lista de tipos e respectivos exemplos dos SV complexos nas CMF Direcionais:

Tipos de SVcomplexos	Exemplos
1 – Fazer curva	(...) adia a morte até onde o universo faz curva .
2 – Dar volta	(...) a fila de pessoas com ingresso dava a volta completa na quadra do Olympia.
3 – Fazer “isso”	(...) a rua faz uma curva assim / na hora que cê / <vira à esquerda / ela faz isso
4 – Fazer “leque”	(...) um brinco meu que é de cerâmica/(...)/tem um que é comprimo/(...)/vem aqui/aí faz um negócio tipo um leque /assim (...)
5 – Fazer “T”	(...) a casa da Carolina (...) a forma dela faz um “T” .
6 – Fazer “X”	(...) tem desse banquinho que faz um “x” (...)

Tabela13 – Listagem dos tipos dos SVcomplexos e exemplos das CMF Direcionais

A tabela mostra os seis tipos de sintagmas verbais complexos encontrados no *corpus* específico, com apenas 10 ocorrências. Todos eles possuem semântica relacionada ao modo do movimento, assim como os verbos de movimento que apresentaram menor produtividade na seção anterior. Parece ser uma tendência das CMF, preferir verbos que não lexicalizam o modo e a direção do movimento.

5.2.1.1.2 – Sintagmas adverbiais

As construções referentes a eventos de movimento podem apresentar sintagmas adverbiais que apontam para aspectos relacionados a modo, tempo, lugar, entre outros. Isso ocorre pois esses aspectos fazem parte dos eventos relacionados ao movimento de trajetória. Conseqüentemente, as Construções de Movimento Fictivo também apresentam essa

possibilidade, de lexicalizar sintagmas adverbiais que acrescentam informações sobre o evento evocado.

Diferentes autores da Linguística Cognitiva e Modelos de Gramática Baseados no Uso como Fillmore (1994), Goldberg (2006), Kay (2005, 2010) e Hoffman (2013) se posicionam quanto ao *status* – de complemento ou adjunto - dos sintagmas adverbiais nas construções que os admitem (cf. seção 2.4.3).

Temos que o mesmo sintagma adverbial pode desempenhar funções diferentes, mais ou menos atreladas à construção e/ou ao verbo com que interagem. Aspectos como o grau de proximidade linear com o verbo, a presença ou ausência de vírgula entre SAdv e verbo e o pertencimento ou não do SAdv aos elementos nucleares do *frame* evocado pela construção fazem a diferença para a classificação do SAdv como parte do padrão construcional.

Como já foi dito anteriormente, o presente trabalho utiliza instrumentos da Linguística de *Corpus* como metodologia pela análise tanto qualitativa quanto quantitativa que a mesma possibilita (cf. seção 4.1.2). As informações geradas estatisticamente por meio dos dados obtidos fornecem números que indicam a frequência de cada padrão e cada tipo construcional, que estão intimamente relacionados à sua convencionalização (cf. seção 4.1.2).

Dessa forma, passamos à análise de uma variação estrutural encontrada no conjunto das CMF Direcionais que, por sua baixa frequência, não constitui um padrão construcional, exemplificada nos enunciados abaixo:

(1) (...) do renque de samambaias, que seguia irregular até quase a porta do quarto (...) (Corpus do Português) X_{SNE} Y_{VM} W_{SAdv} Z_{SP}

(2) (...) um anel tendíneo comum que se estende lateralmente até a margem do osso esfenoide (...) X_{SNE} Y_{VM} W_{SAdv} Z_{SP} (Corpus do Português)

(3) (...) uma faringe que segue internamente pela coluna (...) (Corpus do Português) X_{SNE} Y_{VM} W_{SAdv} Z_{SP}

(4) A rua principal, a Viale Verdi, segue em suave aclive até alcançar o parque (...) X_{SNE} Y_{VM} W_{SAdv} Z_{SP} (NILC/São Carlos)

Observamos, nos exemplos acima, a inclusão de um sintagma adverbial logo após o verbo, modificando-o com relação à localização, posição, direção e modo, linearmente próximo, sem vírgula. A inserção desse sintagma ocorre em apenas 18 de 372 CMF direcionais. Por isso, ainda não é possível constatar precisamente seu *status* na construção.

Adotamos então a sugestão de Kay (2010), de que novos padrões são formados a partir dos padrões construcionais existentes de acordo com as necessidades discursivas (cf. seção 2.5.3). Tais padrões que, apesar de serem utilizados no discurso, ainda não possuem frequência e produtividade suficientes para serem considerados padrões construcionais da língua, são chamados pelo autor – e serão aqui chamados - “padrões de cunhagem”. O padrão no diagrama abaixo, então, representa o padrão de cunhagem com SAdv das CMF Direcionais:

(d) $\boxed{X_{SNE} Y_{VM} [W_{SAdv}] (Z_{SPx})}$

Ao observar os padrões de cunhagem das CMF, podemos refletir sobre como a cognição humana possibilita a criatividade na formação de novas formas de expressão linguística de acordo com as necessidades discursivas. Esses sintagmas acrescentam informações sobre a extensão descrita pelas construções, o que vai ao encontro de suas propriedades pragmáticas (cf. seção 5.2.2.3).

5.2.1.1.3 – Sintagmas preposicionais não lexicalizados

Outra forma diferenciada de apresentação das CMF Direcionais observada diz respeito aos casos em que não há lexicalização de sintagmas preposicionais, complementos da construção. Das 372 CMF Direcionais, 19 apresentam-se sem lexicalizar o SP. Dessas, 10 fazem parte do padrão de cunhagem com SAdv – o padrão (d) - e 5 são CMF Direcionais com SV complexo – padrão (c).

Ressaltam-se alguns exemplos:

- (1) (...) o chofer parou numa rua que subia e Adriano viu Roberto em pé (...)
(*Corpus do Português*)
- (2) (...) só tem um cano que sobe e o indivíduo começa a olhar através daquilo (...)
(*Corpus do Português*)
- (3) (...) a casa da Carolina (...) a forma dela faz um “T”.
(NURC-RJ)
- (4) (...) tem desse banquinho que faz um “x” (...)
(NURC-RJ)
- (5) A linha que separava as duas cores corria de modo irregular (...)
(NILC/São Carlos)
- (6) A estrada estendia-se deserta; (...)
(*Corpus do Português*)

Nos exemplos (1), (2), (3) e (4), temos CMF Direcionais que não lexicalizam os sintagmas preposicionais e também não apresentam sintagmas adverbiais; duas com o verbo subir e duas com sintagmas verbais complexos. As outras 5 ocorrências do *corpus* que apresentam as mesmas características instanciam os verbos “subir”, “voltar” e sintagmas verbais complexos com o verbo suporte “fazer”.

Os exemplos (5) e (6) apresentam construções que também não lexicalizam os sintagmas preposicionais, mas apresentam sintagma adverbial após o verbo, no caso do exemplo (6), um atributo. As outras 6 ocorrências do mesmo tipo instanciam os verbos “estender-se”, “subir”, “descer” e “vir”.

O número de ocorrências de CMF Direcionais sem lexicalizar o SP com e sem SAdv é pequeno, somente 19 ocorrências em todo o *corpus*. Por isso, é ainda complicado estabelecermos conclusões sobre essas variações. Mesmo assim, alguns aspectos chamam a atenção e é possível traçar um paralelo com a literatura sobre o assunto.

Na seção 2.5.3, tratamos das questões concernentes à dicotomia complemento/adjunto. Nesse aspecto, Hoffman (2013) sugere um tratamento esquemático para os sintagmas que ocupariam uma ou outra posição de acordo com seu grau de obrigatoriedade na construção e o que determinaria esse grau seria o uso da construção, sua configuração discursiva. Assim, temos que construções com verbos que funcionam como verbos de ligação, como “estar” em “*Ele está feliz*” e “viver” em “*Ela vive bem*”, devem, obrigatoriamente, possuir um sintagma após esse verbo, independente da natureza do sintagma – se adverbial, adjetival ou

preposicional. De fato, poderíamos trocar os sintagmas dos exemplos e ainda assim seriam construções aceitáveis: “*Ele está bem*” e “*Ela vive na cidade*”.

Defendemos, então, que a situação de algumas CMF Direcionais é similar à situação das construções com verbos de ligação devido à semântica de certos verbos e também à configuração do polo semântico da própria construção. Esse polo será descrito em seção posterior, porém ressaltamos aqui o caráter estativo da construção dado por sua semântica. As CMF, tanto Direcionais quanto Transitivas (cf. seção 5.2.1.2), possuem uma semântica voltada para a descrição de uma cena estática, em que o verbo de movimento instanciado serve a essa função e acrescenta ou não informações a ela dependendo de sua própria semântica.

Como vimos no início da seção 5.2.1.1, as CMF Direcionais instanciam 29 tipos verbais e 6 tipos de sintagmas verbais complexos. Alguns dos tipos verbais lexicalizam mais informações sobre o movimento que outros. Por exemplo, ao nos depararmos com construções de movimento – literal ou fictivo – com o verbo “serpentear”, mesmo sem sintagmas preposicionais, saberemos, no caso do movimento literal, o modo do movimento e, no caso do movimento fictivo, o formato da extensão. Os verbos “subir” e “descer” também trazem mais informações sobre o evento que outros verbos, como a direção, no caso do movimento literal e a posição/direção, no caso das CMF.

Por outro lado, verbos como “estender-se” e “correr”, apesar de lexicalizar modo e velocidade, respectivamente, em construções de movimento literal, não parecem trazer novas informações quanto ao aspecto da extensão nas CMF. Assim, as CMF Direcionais que utilizam tais verbos parecem se comportar como construções com verbos de ligação, em que o verbo está presente somente para integrar o tema aos sintagmas que, de alguma forma, o caracterizam. Seria possível, por exemplo, parafrasear o enunciado “A estrada estendia-se deserta” por “A estrada estava deserta”. O que surge, então, é uma variação de padrão, com verbo de movimento seguido de SX, ou seja, de qualquer sintagma, independente de sua natureza, para acompanhar os verbos de movimento que nas CMF funcionam como verbos de ligação.

No caso das CMF Direcionais que não lexicalizam SP e também não apresentam SAdv, observamos uma frequência maior de verbos e SV complexos que possuem mais informações semânticas. Os sintagmas verbais complexos trazem sempre características sobre o formato da extensão, no caso das CMF, e sobre o modo do movimento, no caso do movimento literal.

A tabela abaixo mostra, em números e porcentagens, a divisão da parte do *corpus* relativa às CMF Direcionais (cf. anexo A) e suas variações:

Padrões	Ocorrências	Porcentagem
X _{SNE} Y _{VM} (Z _{SPx})	344	92,47%
X _{SNE} Y _{SVMcomplexo} (Z _{SPx})	10	2,69%
X _{SNE} Y _{VM} [W _{SAdv}] (Z _{SPx})	18	4,84%
Total	372	100%

Tabela14 – Número de ocorrências e porcentagens das CMF Direcionais e variações

Essa análise sugere que os padrões construcionais seguem o fluxo discursivo. Trataremos na seção sobre a dimensão pragmática das construções da importância de sua função descritiva. Essa função descritiva é o aspecto responsável pelas configurações adotadas pelas CMF Direcionais. No caso da não lexicalização dos SPs, percebemos que, muitas vezes, o fato de as informações sobre o aspecto da extensão estarem contidas nos verbos ou SVcomplexos dispensaria os sintagmas preposicionais. Ao mesmo tempo, quando o verbo funciona como verbo de ligação, um sintagma adicional é obrigatório, seja qual for sua natureza, para que a extensão seja descrita.

5.2.1.2 – Construção de Movimento Fictivo Transitiva

Na seção 2.4.2, apresentamos uma descrição de dois outros tipos de resultativas particularmente interessantes para a discussão referente ao padrão (b): as Construções Resultativas de Percurso não-Causativas e as Construções Resultativas não-Causativas Transitivas. As primeiras referem-se ao que temos chamado de construções de movimento literal, porém somente aquelas com verbos de movimento seguidos de sintagmas preposicionais como “O atleta corre de sua casa ao parque todos os dias”. As segundas são também construções que se referem ao movimento literal, porém transitivas, como o exemplo da seção 5.1.1, “Um ciclista percorre uma distância de 24 km (...)”.

Sobre as relações existentes entre essas duas construções, Goldberg e Jackendoff (2004) sugerem que as Resultativas não-Causativas Transitivas devem ser consideradas uma variação transitiva das Resultativas de Percurso não-Causativas. O padrão (b) possui um

padrão semelhante ao padrão formal das Resultativas não-Causativas Transitivas, com uma semântica estativa, pois, novamente, o tema é o percurso. Chamaremos então esse padrão de Construções de Movimento Fictivo Transitivas (CMFT).

Essa correlação nos sugere, num primeiro momento, que, da mesma forma que a Resultativa não-Causativa Transitiva é uma variação transitiva da Resultativa de Percurso não-Causativa, a CMF Transitiva é uma variação transitiva da CMF Direcional. Quando nos detemos nas informações estatísticas fornecidas pelos dados, deparamo-nos com o fato de que a grande maioria das CMF Transitivas apresenta-se sem qualquer sintagma preposicional (opcional, nesses casos), lexicalizando, somente, o primeiro e segundo sintagmas nominais e o verbo. Abaixo podemos comparar as CMF Transitivas com e sem lexicalização do SP:

(1) Em Cidade Jardim, um túnel atravessa o rio Pinheiros (...) (NILC/São Carlos)

X_{SNE} Y_{VM} Z_{SN}

(2) (...) no viaduto Aricanduva, que cruza a marginal do Tietê. (NILC/São Carlos)

X_{SNE} Y_{VM} Z_{SN}

(3) (...) pela Rodovia RS-020, que atravessa várias cidades, até sua casa em Taquara.

X_{SNE} Y_{VM} Z_{SN} W_{SP}

(NILC/São Carlos)

(4) A Br-277, que corta o Paraná de Leste a Oeste (...) (NILC/São Carlos)

X_{SNE} Y_{VM} Z_{SN} W_{SP1} W_{SP2}

Como vimos na tabela 11, as Construções de Movimento Fictivo Transitivas – padrão (b) – e suas variações possuem 164 ocorrências e cobrem 30,6% do *corpus*. Quanto à produtividade, as CMF Transitivas possuem 16 tipos verbais. Segue abaixo a relação dos tipos verbais e respectivos exemplos encontrados no *corpus* específico para o padrão (b):

Tipos verbais	Exemplos
1 – Atravessar	A ponte entre o Rio e Niterói, que (...) atravessa uma das baías mais belas do mundo (...)
2 – Cortar	(...) da Estrada do Colono, interdita no trecho que corta o Parque Nacional do Iguaçu.
3 – Atingir	(...) a Serra do Tumucumaque, que atinge cerca de 500 metros.

4 – Cruzar	A pista que cruza a praça Charles Miller está interditada desde o início da semana.
5 – Percorrer	A artéria vertebral (...) percorre o restante da coluna.
6 – Alcançar	(...) uma fila que alcançava três quilômetros (...)
7 – Rodear	A avenida que rodeia a Lagoa da Conceição (...)
8 – Penetrar	(...) uma placa que penetra o interior dos vasos (...)
9 – Acompanhar	O complexo que vai do Sarandi a Ipanema, acompanha os diques, freeway, avenida Castelo Branco (...)
10 – Descer	Uma das alternativas mais procuradas é a trilha que desce a serra do Mar no Vale do Rio Itapanhaú (...)
11 – Subir	(...) do caminho da Santa Cruz, que sobe o Monte Santo até o pico e a capela construída no século 18.
12 – Avançar	(...) uma cicatriz que (...) avançava uns três centímetros testa acima (...)
13 – Dobrar	(...) a fila que dobra a esquina.
14 – Debruar	A grande tarja negra debruava a costa da Bahia ao Maranhão (...)
15 – Pegar	(...) uma autoestrada lindíssima, que (...) pega todo o norte do Paraná.
16 – Recortar	(...) região incomparavelmente mais vivaz. Recortam-na pequenos cursos d' água resistentes às secas.

Tabela15 – Listagem dos tipos verbais e exemplos das CMF Transitivas

Como podemos observar, as CMF Transitivas são menos frequentes e produtivas que as CMF Direcionais, o que pode sugerir que, de fato, as CMF Transitivas surgiram das Direcionais. Porém, o que observamos no *corpus* é que, das 164 ocorrências do padrão (b), somente 26 (15,85%) aparecem lexicalizando sintagmas preposicionais após o objeto direto. As outras construções, 137 (83, 54%) aparecem, invariavelmente, lexicalizando somente o primeiro SN, verbo de movimento e o segundo SN, objeto. Esses números parecem seguir uma tendência de que o padrão base seria mesmo S_{NE} V_M SN, e que, como explicitamos na seção anterior, um padrão de cunhagem (cf. seção 2.4.3) surgiu a partir deste, acrescentando um novo argumento – SP – à construção, pelo menos no caso das Construções de Movimento Fictivo do PB.

Na seção 2.5.3, apresentamos a sugestão de Kay (2005) quanto à classificação de sintagmas em adjuntos ou argumentos adicionados em construções de movimento. O autor sugere que, enquanto os adjuntos caracterizam os eventos de movimento como um todo, os argumentos adicionados modificam unicamente a trajetória realizada pelo tema dentro do evento de movimento. É o que parece ocorrer quanto aos SPs acrescentados às CMF Transitivas, que fornecem novas informações sobre a “trajetória” do tema – limites, área e direção.

Assim, consideraremos, então, as CMF Transitivas que lexicalizam um ou mais SPs, padrões de cunhagem com argumento adicionado. A formação desses padrões de cunhagem deve estar associada de alguma forma às CMF Direcionais, podendo estabelecer com estas,

relação de herança por instanciação. Seria necessário, porém, um *corpus* com mais exemplos das CMF Transitivas para que fosse estabelecido mais precisamente o *status* do padrão com SP lexicalizado.

As CMF Transitivas não apresentam tantas variações quanto as CMF Direcionais. Além dos padrões de cunhagem com SP lexicalizado, encontramos, na parte do *corpus* destinada às CMF Transitivas, uma única ocorrência com acréscimo de um advérbio:

(5) (...) uma cicatriz (...), cortava obliquamente a sobancelha basta (...)

X_{SNE} Y_{VM} T_{SAdv} Z_{SN}

(*Corpus* do Português)

Assim, observamos que os padrões de base, os mais frequentes e produtivos, vão sendo utilizados para a formação de novos padrões de acordo com as necessidades comunicativas. A tabela abaixo contém o número de ocorrências e a porcentagem dos padrões referentes às CMF Transitivas:

Padrões	Ocorrências	Porcentagem
X _{SNE} Y _{VM} Z _{SN}	137	83,54%
X _{SNE} Y _{VM} Z _{SN} [W _{SP}]	26	15,85%
X _{SNE} Y _{VM} [T _{SAdv}] Z _{SN}	1	0,61%
Total	164	100%

Tabela16 – Número de ocorrências e porcentagens das CMF Transitivas e variações

A análise que acabamos de delinear trouxe à tona os aspectos referentes ao polo da forma das CMF. Divididas em dois padrões principais, CMF Direcionais e CMF Transitivas, as construções apresentaram ainda padrões de cunhagem com acréscimo de sintagmas preposicionais e sintagmas adverbiais. Esses aspectos possuem correlação com o polo semântico, o polo do sentido, sobre o qual se desdobrará a seção 5.2.2.

5.2.1.3 – Tempo e aspecto dos verbos nas CMF

Quanto aos tempos verbais e aspectos gramaticais encontrados, as CMF, tanto Direcionais quanto Transitivas, apresentaram certa homogeneidade. Verificamos que os verbos instanciados possuem, em sua maioria, tempos verbais que, interagindo com o aspecto gramatical dos verbos, perfilam processos estáveis, de situações indefinidas.

Por perfilar situações sem mudanças ou fronteiras temporais aparentes, esses verbos possuem aspecto gramatical imperfeito (cf. seção 2.5.5). Na tabela abaixo, observamos o comportamento dos verbos com relação aos tempos verbais que apresentam:

Tempos verbais (modo indicativo)	CMF Direcionais	CMF Transitivas	Total
Presente Simples	247	131	378
Pretérito Imperfeito	105	16	121
Pretérito Perfeito	2	2	4
Futuro do Presente	4	0	4
Futuro do Pretérito	1	0	1
Formas Nominais			
Gerúndio	12	12	24
Infinitivo	1	3	4
Total	372	164	536

Tabela17 – Tempos verbais e formas nominais das CMF

Os resultados mostram que, nos dois padrões construcionais e variações, os tempos verbais presente simples e pretérito imperfeito estão presentes na maioria das construções, 499 de 536, o que corresponde a 93,1% do *corpus*, apresentando aspecto imperfeito.

Observamos que as CMF também se apresentam em formas nominais com gerúndio e infinitivo. Tais ocorrências também possuem aspecto imperfeito, perfilando um processo estável sem fronteiras de tempo evidentes, correspondendo a 5,22% do *corpus*. Os enunciados abaixo são exemplos de CMF com verbos de aspecto imperfeito (exemplo (a)) e perfectivo (exemplo (b)):

(a) O caminho atravessa uma paisagem rochosa e turbulenta (...) (NILC/São Carlos)

(b) A estrada passaria sobre as dunas da Joaquina. (*Corpus* do Português)

Assim, temos que as CMF que apresentam verbos de aspecto imperfeito totalizam 98,32% do *corpus* contra apenas 1,68% dos verbos do *corpus* apresentando aspecto perfectivo. Esse resultado vai ao encontro dos achados referentes às dimensões semântica e pragmática das CMF, que serão discutidas nas próximas seções.

5.2.2 – O polo da significação das CMF

No polo semântico-pragmático, as CMF apresentam características que corroboram os achados no polo da forma. Iniciaremos a seção demonstrando a matriz dominial de cada um dos padrões da CMF e como a conceptualização se impõe aos domínios evocados pela construção. Logo após, mostraremos como as CMF se relacionam ao polo da forma a partir da descrição do *frame* que evocam e, enfim, uma explicação de sua dimensão pragmática.

5.2.2.1 – A matriz dominial das CMF

As diferentes construções de uma língua estão internamente conectadas a um polo conceptual, uma matriz dominial que evocam para que sejam produzidas e compreendidas no decorrer do discurso. A matriz dominial é formada pelos vários domínios básicos e não básicos do conhecimento, moldados a partir da experiência física, emocional e social (cf. seção 2.2.3.2).

Cada construção possui uma matriz dominial específica de acordo com o significado que evoca, e essa matriz está sujeita à conceptualização, realizada por meio das operações do *construal* (cf. seção 2.2.1). Tais operações conferem foco, especificidade, proeminência e perspectiva aos diferentes eventos cognitivos, trazendo à tona a forma linguística correspondente ao que se pretende comunicar.

É sob esse olhar que estabelecemos o polo conceptual das CMF, que evocam uma matriz composta por domínios relacionados às experiências visuais e de movimento para descrever as extensões instanciadas pelas construções. Os domínios que compõem a matriz das CMF são os domínios básicos que seguem abaixo:

- (a) Espaço
- (b) Dimensão
- (c) Formato
- (d) Localização

- (e) Posição
- (f) Direção
- (g) Área

Esses domínios estão presentes no polo semântico das construções, porém o *construal* imposto à matriz dominial dependerá dos termos que ocupam as posições de tema, verbo, objeto e sintagmas preposicionais.

No *corpus* específico, vimos que a maioria das Construções de Movimento Fictivo Direcionais focaliza os domínios dimensão, localização e área, pois anunciam, por meio de sua forma e dos termos instanciados pelos papéis participantes, características das extensões relacionadas ao seu tamanho e ao local que ocupam em determinada área, como é o caso dos exemplos:

- (1) A única estrada asfaltada de que dispomos é a que vai da costa do Benim onde estamos até a nossa capital. (*Corpus* do Português)
- (2) (...) o arrozal se estendia por toda uma várzea (...) (*Corpus* do Português)
- (3) (...) uma fila que ia do portão principal até a História (...) (NILC/São Carlos)

Com os exemplos acima, podemos observar que a matriz dominial está presente, pois nos três enunciados é estabelecida uma relação espacial, que contem as noções que envolvem espaço, como localização, área, formato, entre outras, contudo diferentes domínios são focalizados e colocados em proeminência e especificidade, como podemos notar no quadro abaixo, que demonstra as operações de *construal* nos três exemplos:

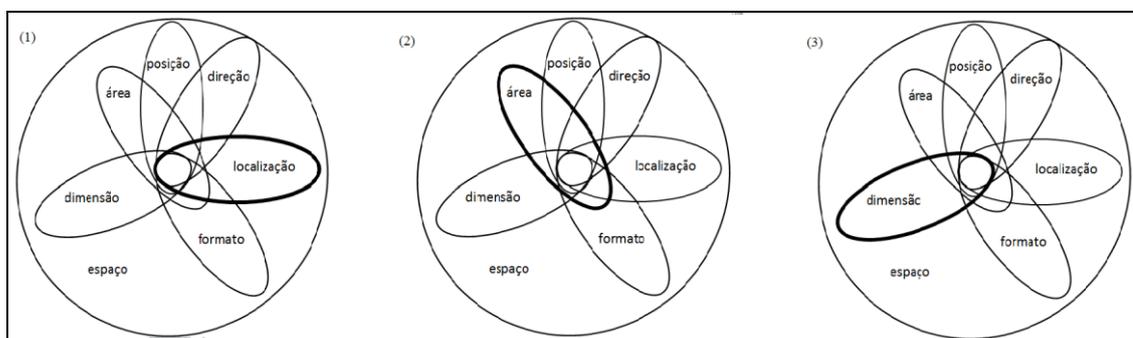


Figura15 – Representação das matrizes dominiais dos exemplos (1), (2) e (3).

No enunciado (1), o foco na matriz vai para a localização da extensão, no caso, a estrada, pois o objetivo pragmático da inserção da CMF no enunciado é dizer qual é a estrada em questão, o que foi feito em termos de sua localização. Os interlocutores que conhecem o trecho mencionado poderiam ter também uma noção da dimensão da estrada, já que sabem qual é a distância entre a fonte e o alvo. O domínio dimensão também faz parte da matriz e também é evocado juntamente com a noção espacial, porém o domínio mais proeminente, representado em negrito na figura 15, é o domínio da localização.

No caso do exemplo número (2), temos uma noção mais esquemática da dimensão da plantação (o arrozal), porém o que é mais específico e que é focalizado pelo *construal* é a área coberta por essa extensão.

Uma fila é o tema do terceiro exemplo, e faz a diferença no processo de conceptualização da construção e no domínio focalizado pelo *construal*. Numa primeira instância, poderíamos dizer que a construção (3) focaliza o domínio da localização, já que os SPs mostram os limites da extensão – portão principal e História (departamento) -, porém, no nível pragmático, o enunciado enfatiza a dimensão da fila, utilizando, para isso, os limites de sua ocupação.

Os outros domínios – direção, posição e formato – também são focalizados em determinados enunciados que utilizam as CMF, porém são mais raros. Os exemplos abaixo demonstram cada uma dessas situações, seguidos dos diagramas representativos das matrizes dominiais:

- (4) A fronteira Peru-Bolívia faz uma curva acentuada no lago Titicaca (...) (NILC/São Carlos)
- (5) (...) a alta serra que corre à direita do Paraguaçuzinho. (*Corpus* do Português)
- (6) A Rodovia Castelo Branco que segue para o Oeste do Estado (...) (*Corpus* do Português)

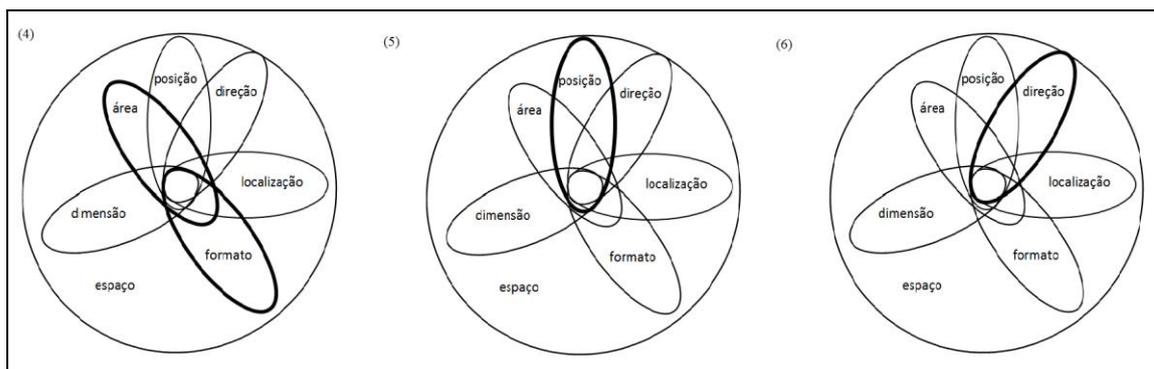


Figura 16 – Representação das matrizes dominiais dos exemplos (4), (5) e (6).

No exemplo (4), dois domínios estão em proeminência. O sintagma verbal complexo “fazer curva” é responsável por focalizar o domínio formato, enquanto o sintagma preposicional que instancia “no lago Titicaca” fornece a localização da extensão em questão. Esse exemplo traz uma questão de relação forma/significação evidente: os sintagmas verbais complexos evocam domínios de formato em todos os casos.

Nos dois últimos exemplos, temos focalizados os domínios posição e direção. No exemplo (5), o SP fornece a posição da extensão com relação a pontos de referência em sua área. No enunciado (6), a direção da extensão também é fornecida pelo SP, com o uso da preposição “para”.

No caso da CMF Transitivas, a matriz dominial de espaço evocada é a mesma. O domínio mais comum, que fica proeminente na maioria dessas construções, é o domínio área, como observamos nos exemplos e respectivo diagrama abaixo:

- (7) (...) da veia basílica, que percorre toda a superfície do braço. (*Corpus* do Português)
- (8) Além disso, o segmento proximal cruza tecido adiposo axilar (...) (*Corpus* do Português)
- (9) A ponte entre Rio e Niterói (...) atravessa uma das baías mais belas do mundo (...)

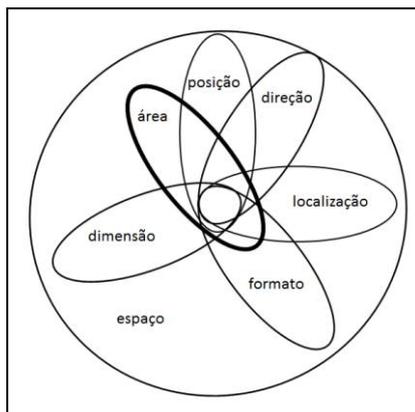


Figura17 – Diagrama representativo da matriz dominial dos exemplos (7), (8) e (9).

Outros exemplos focalizam também o domínio dimensão e formato; no caso dos padrões de cunhagem com SP, os domínios localização, posição e direção também são focalizados:

- (10) (...) sua raiz que alcança 20 metros de profundidade (...) (NILC/São Carlos)
- (11) Ele pisou em uma bomba instalada em um campo minado que rodeia a base. (NILC/São Carlos)
- (12) O Paraíba do Sul, proveniente de São Paulo, atravessa o território fluminense no sentido sudoeste-nordeste (...)
- (13) (...) pela rodovia RS-020, que atravessa várias cidades até sua casa em Taquara.
- (14) A T2 cruza o eixo da T1 aos 244m de distância do ponto de origem da T1.

Na matriz dominial de espaço, o exemplo (10) focaliza o domínio dimensão, como podemos observar, o uso da CMF Transitiva nesse enunciado nos informa sobre o tamanho da raiz. No exemplo (11), são dois os domínios focalizados – formato e área; o primeiro, pelo uso do verbo “rodear”; o último, pelo objeto direto, que indica a área rodeada pela extensão.

Os exemplos (12), (13) e (14) fazem parte dos padrões de cunhagem com SPs das CMF Transtivas e focalizam, respectivamente, além do domínio área, especificado pelos objetos diretos “território fluminense”, “várias cidades” e “eixo da T1”, os domínios direção, com o sintagma “sentido sudoeste-nordeste”, localização, com “até sua casa em Taquara” e o domínio posição, pelo sintagma “aos 244m de distância do eixo da T1”, por meio dos elementos instanciados por seus sintagmas preposicionais. A figura abaixo traz os diagramas correspondentes aos exemplos (10) a (14):

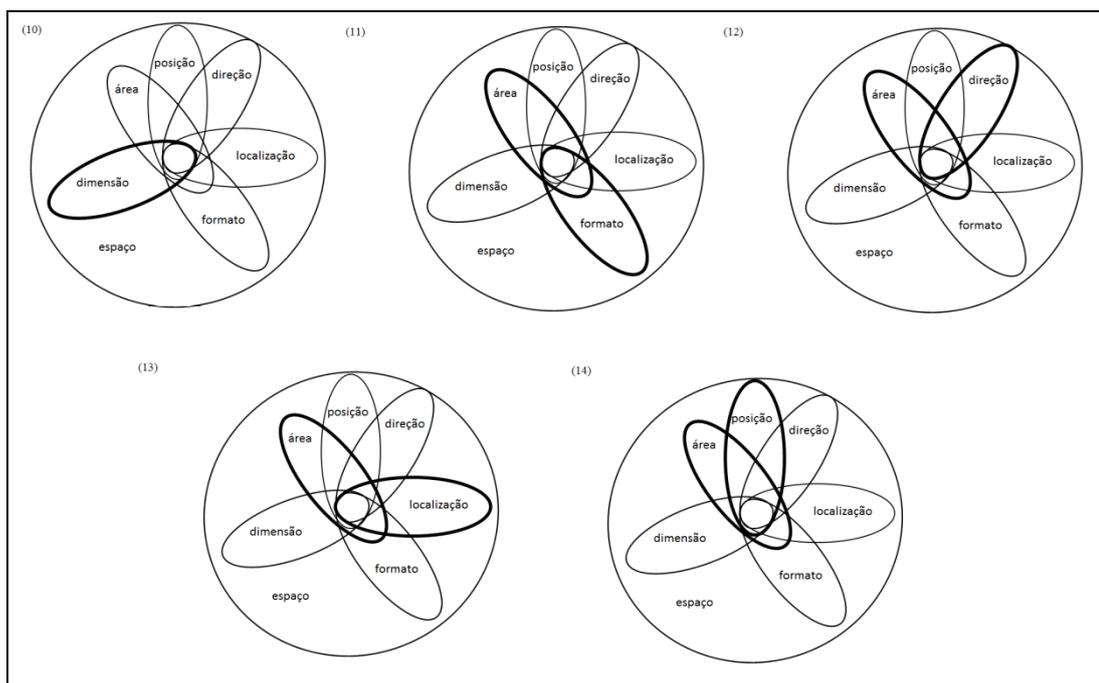


Figura18 – Representação das matrizes dominiais dos exemplos (10) a (14).

5.2.2.2 – O *frame* Área_de_percurso

Como foi visto na seção 2.2.3, *frames* e domínios são estruturas análogas, representativas do polo semântico-pragmático das construções de uma língua, porém se diferenciam quanto a seus objetivos e organização estrutural. O projeto FrameNet USA⁵, explicitado na seção 2.2.3.1, descreve os vários *frames* da língua inglesa, numa tentativa de organizar a experiência sociocognitiva e cultural em estruturas que correlacionam forma e significado das expressões linguísticas.

A FrameNet americana descreve um *frame* correspondente ao *frame* evocado pelas construções em questão no presente estudo. É o *frame* Path_shape – Formato_de_percurso-, assim chamado pelo fato de muitas das CMF em inglês contarem com verbos que lexicalizam o modo do movimento e, conseqüentemente, o formato do percurso.

Em português, também foram encontrados casos de lexicalização do modo do movimento em Construções de Movimento Fictivo, porém a maioria refere-se à fonte, ao alvo

⁵ <<http://www.framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal>> acessado em fevereiro de 2013.

e à área do percurso (exemplos no quadro2, abaixo). Por isso, adotamos, para o mesmo *frame* no português, neste trabalho, o nome *Área_de_percurso*.

Esse *frame* é referente aos diferentes enunciados que trazem as CMF Direcionais e Transitivas e tem como elementos de *frame* nucleares: Fonte, Alvo, Área, Direção e Trajetória, diferenciando-se do *frame* *Path_shape*, que, além desses elementos, ainda apresenta como nuclear o elemento *Path_shape* (*formato_do_percurso*), que no PB, é um elemento não-nuclear.

Assim, a definição do *frame* *Área_de_percurso*, baseada no *frame* *Path_shape*, é a seguinte:

Área_de_percurso

Definição:

As palavras nesse *frame* descrevem o movimento fictivo de uma trajetória estacionária. Algumas construções evocam a cena principalmente em termos de **fonte** e **alvo** do percurso, expressos por sintagmas preposicionais:

(...) um lago de águas límpidas se estendia até as árvores mais altas (...)

(...) uma autoestrada lindíssima (...) que sai de São Paulo (...)

Outros membros do *frame* se referem à **direção**:

(...) uma estrada que descia para o lado oposto (...)

Outros, se referem à **área** “percorrida”, expressa por objeto direto:

(...) veia basílica que percorre toda a superfície do braço.

Há aqueles que indicam a **dimensão** do percurso:

(...) uma fila que alcançava três quilômetros no final do dia.

E ainda, os que indicam o **formato** do percurso, expresso por verbo ou sintagma verbal complexo:

Uma veia azulada ziguezagueava-lhe na têmpora direita (...)

Quadro2 - Definição do *frame* *Área_de_percurso*, seus elementos e exemplos no PB

Observamos, por meio da análise acima, que as Construções de Movimento Fictivo do PB se localizam num *frame* específico da língua, assim como outras construções da

fictividade devem ocupar seu espaço nesse projeto por meio de trabalhos específicos de descrição e análise dessas construções em seus *frames* correspondentes.

5.2.2.3 – A motivação pragmática das CMF

Na abordagem adotada pelo presente trabalho, a visão sociocognitiva da língua e sua formação como uma rede de construções, semântica e pragmática tornam-se um polo indissociável, devido ao fato de que as construções linguísticas são produtos das necessidades comunicativas e discursivas. Portanto, as ligações entre forma e sentido são pragmaticamente estabelecidas.

A inferência de estados mentais dos co-específicos nos permite adequar a linguagem, produzir e utilizar construções que atinjam as expectativas discursivas dos interlocutores e, além disso, ativar as habilidades cognitivas compartilhadas entre falantes e ouvintes.

Na seção 3.2, vimos as diferentes abordagens que visam a explicar os vários aspectos das construções de movimento fictivo. Quanto à motivação pragmática, retomamos a visão de Brandt (2009), que propõe a existência de dois polos discursivos que constituem os enunciados com movimento fictivo – polo executivo e polo instrutivo.

O polo executivo é centrado no falante, e o polo instrutivo, no ouvinte. O primeiro é chamado executivo, pois, ao se deparar com a necessidade de descrever uma cena estática e, na maioria dos casos, extensões de grandes dimensões, o falante utiliza as bases cognitivas das quais dispõe, formadas por meio da integração do escaneamento visual com a experiência motora da trajetória (cf. seção 5.1.1 e 5.1.2), para “construir” a cena por meio da linguagem.

Esse processo ocorre, porque, ao inferir os estados mentais do ouvinte, o falante intenciona proporcionar a ele a formação do polo instrutivo. O polo instrutivo é centrado na perspectiva do ouvinte, que, ao entrar em contato com a CMF, é levado a reconstruir a cena com suas bases cognitivas relacionadas ao movimento (cf. seção 3.2).

Essas afirmações vão ao encontro dos resultados dos experimentos psicolinguísticos descritos na seção 3.3.1, em que, ao testarem o tempo de processamento das construções de movimento fictivo por meio de mecanismos computacionais, os estudos revelaram uma simulação mental do movimento para reconstrução cognitiva da cena descrita.

Nos resultados deste estudo, observamos que as CMF se relacionam a funções descritivas com fins explicativos. Para isso, muitas vezes interagem com construções adjetivas, o que reforça ainda mais a descrição da cena.

As orações adjetivas podem perfilar nomes ou processos. Quanto mais próximas do nome linearmente, quanto mais trazem informações novas ao discurso e quanto mais autônomas parecerem, mais essas orações adjetivas tendem a perfilar um processo, comportando-se mais como orações coordenadas (cf. seção 2.5.4).

Esse é o caso da interação das CMF com construções adjetivas, como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (1) (...) precipito-me pela alameda que sobe ao hospital.
- (2) No terreno que desce para a praia redes secavam (...)
- (3) (...) uma extensão que vai desde a Venezuela até o sul do Chile.

Na tabela abaixo, podemos conferir os números e porcentagens da ocorrência desse fenômeno:

CMF e Construções Adjetivas	Construções de Movimento Fictivo Direcionais	Construções de Movimento Fictivo Transitivas	Total
Número de Construções	221/372	101/164	322/536
Porcentagem	59,41%	61,58%	60,07%

Tabela18 – Números e porcentagens da interação entre CMF e construções adjetivas

Como observado, a maioria das CMF (60,07%) apresenta a interação com construções adjetivas, o que reforça seu caráter descritivo. Os números são compatíveis entre as CMF Direcionais e CMF Transitivas.

O que interpretamos, então, é que a motivação pragmática do movimento fictivo leva a uma interação das CMF com construções que permitam que elas desempenhem seu papel descritivo com mais eficiência. As construções adjetivas fornecem uma estrutura formal apropriada ao acréscimo de informações sobre as extensões e, ao mesmo tempo, dão fluidez ao discurso, inserindo-se no enunciado entre a extensão e outros sintagmas posteriores que continuam a descrevê-la.

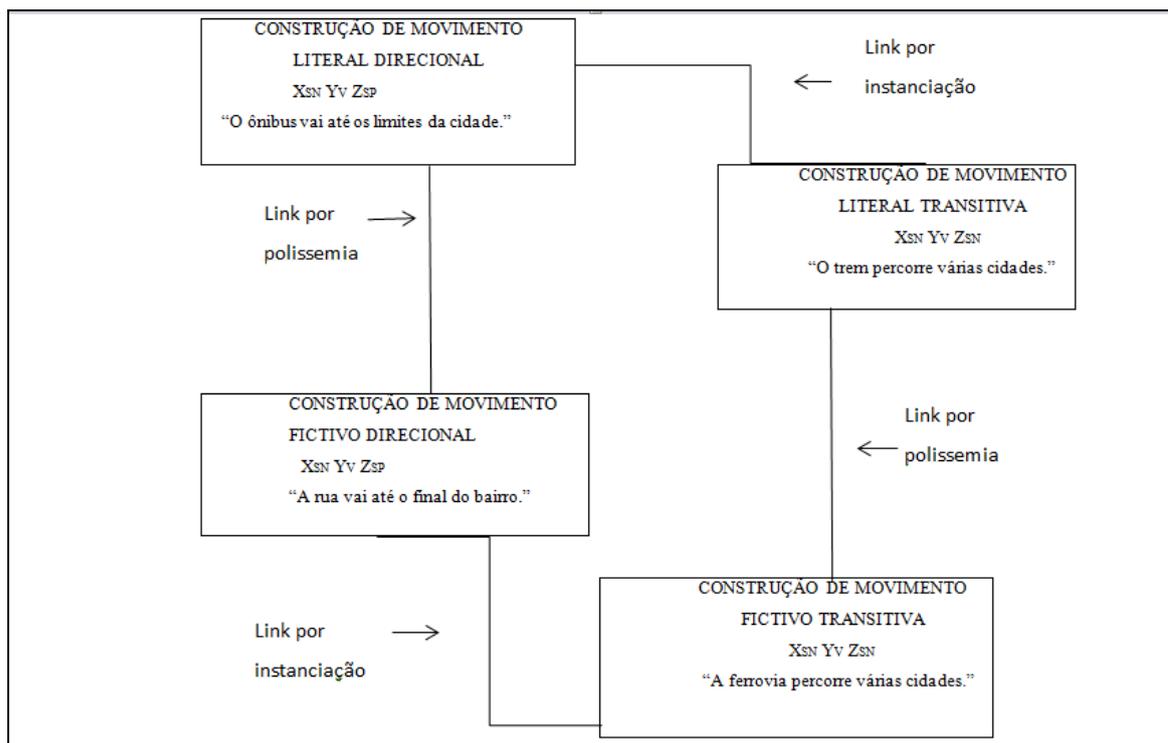
Os aspectos pragmáticos descritos reforçam ainda os achados mencionados na seção 5.2.1.3, sobre aspectos e tempos verbais das CMF. Nela, demonstramos que a grande maioria das construções possuem tempos verbais presente simples e pretérito imperfeito, que interagem com aspecto imperfectivo, perfilando processos sem fronteiras temporais definidas. Essas características são próprias de enunciados descritivos de situações estáveis, como é o caso das extensões estáticas descritas pelas CMF. Alguns aspectos da dimensão pragmática serão ainda desdobrados na seção 5.3, em que trataremos da ambientação discursiva da construção.

5.2.3 – O lugar das CMF na rede construcional do movimento

As Construções de Movimento Fictivo tem laços de herança com construções de movimento literal. Como estabelecemos que as CMF são cognitivamente motivadas por mesclagem conceptual sem metáfora e que elas se diferenciam das construções de movimento literal somente por apresentarem um tema estático, mantendo os mesmos padrões formais, a relação de herança cabível é a relação de polissemia, gerada pela própria mesclagem conceptual.

Entre as construções de movimento literal direcionais e transitivas, sugerimos uma herança por instanciação, baseado no que foi colocado por Goldberg e Jackendoff (2004), que as construções de movimento literal transitivas são variações das construções de movimento intransitivo (cf. seção 2.5.2). A mesma relação de herança se estabelece entre as CMF Direcionais e Transitivas – padrões principais. Também ocorre o mesmo laço entre os padrões principais e os padrões de cunhagem.

O quadro abaixo representa as relações mencionadas para os padrões principais das CMF:



Quadro3 – Relações entre construções de movimento literal e Construções de Movimento Fictivo

Assim, é iniciado o estabelecimento de uma nova rede construcional do português do Brasil: a rede construcional do movimento, que envolve ainda as construções de movimento metafórico e outros desdobramentos do uso de verbos de movimento em construções específicas.

5.2.4 – Produtividade e convencionalização

As Construções de Movimento Fictivo demonstraram alta produtividade, sendo que as CMF Direcionais são mais produtivas e mais frequentes que as CMF Transitivas, como exposto na seção 5.2.1.2 e na tabela11, no início da seção 5.2.1. Nesta seção, serão apresentados os tipos verbais instanciados por cada uma das construções e suas frequências – *tokens* - no *corpus*.

A tabela abaixo apresenta os tipos e as ocorrências presentes nas CMF Direcionais com a porcentagem referente a cada um deles:

Construção de Movimento Fictivo Direcional		
VERBOS		
Tipos	Ocorrências	Frequência %
Ir	75	13,99%
Estender-se	72	13,43%
Levar	40	7,46%
Passar	31	5,78%
Descer	18	3,36%
Correr	15	2,8%
Penetrar	14	2,61%
Sair	13	2,42%
Seguir	12	2,24%
Subir	12	2,24%
Avançar	10	1,86%
Vir	10	1,86%
Entrar	8	1,49%
Chegar	7	1,3%
Partir	7	1,3%
Atravessar	4	0,75%
Mergulhar	2	0,37%
Serpentear	2	0,37%
Caminhar	1	0,19%
Conduzir	1	0,19%
Cruzar	1	0,19%
Curvar-se	1	0,19%
Desdobrar-se	1	0,19%
Desenvolver	1	0,19%
Elevar-se	1	0,19%
Inserir-se	1	0,19%
Voltar	1	0,19%
Ziguezaguear	1	0,19%
28	362	67,54%
SINTAGMAS VERBAIS COMPLEXOS		
Tipos	Ocorrências	Frequência %
Fazer curva	4	0,75%
Dar volta	2	0,37%
Fazer isso	1	0,19%
Fazer leque	1	0,19%
Fazer t	1	0,19%
Fazer x	1	0,19%
6	10	1,86%
<u>34</u>	<u>372</u>	<u>69,4%</u>

Tabela19 – Tipos e ocorrências verbais das CMF Direcionais

A tabela abaixo apresenta os tipos e ocorrências relacionados às CMF Transitivas e as porcentagens correspondentes:

Construção de Movimento Fictivo Transitiva		
VERBOS		
Tipos	Ocorrências	Frequência %
Atravessar	51	9,51%
Cortar	42	7,83%
Atingir	13	2,42%
Cruzar	13	2,42%
Percorrer	12	2,24%
Alcançar	10	1,86%
Rodear	4	0,75%
Penetrar	3	0,53%
Acompanhar	3	0,56%
Descer	3	0,56%
Subir	3	0,56%
Avançar	2	0,37%
Dobrar	2	0,37%
Debruar	1	0,19%
Pegar	1	0,19%
Recortar	1	0,19%
<u>16</u>	<u>164</u>	<u>30,6%</u>

Tabela20 – Tipos e ocorrências verbais das CMF Transitivas.

As porcentagens de ocorrência de cada tipo verbal foram calculadas com relação ao total de CMF de todo o *corpus*, não com relação aos subtotais de CMF Transitivas e Direcionais, para que possamos ter a dimensão real de ocorrências de cada tipo e comparar a situação dos dois padrões.

Nas duas tabelas, podemos observar como a maioria dos *tokens* recai sobre os verbos “ir”, “estender-se”, “levar”, “passar”, “atravessar” e “cortar”, que são, de fato, verbos mais prototípicos de movimento linear. Em contrapartida, as CMF que evocam formato da extensão, com verbos que lexicalizam o modo do movimento ou com os sintagmas verbais complexos, são minoria, demonstrando uma tendência da língua à descrição de aspectos de localização, área e dimensão em vez de aspectos com relação ao formato da extensão utilizando as CMF.

É interessante observar também alguns verbos que são instanciados pelos dois padrões construcionais, como é o caso dos verbos “atravessar”, “cruzar”, “penetrar”, “descer”, “subir”

e “avançar”. Esse fato mostra a força dos padrões construcionais, que podem instanciar verbos, por exemplo, com tendência à transitividade direta, como “atravessar”, em construções em que ele aparece seguido de sintagmas direcionais.

Retomando as definições relacionadas ao conceito de construção mencionadas na seção 2.5.1, Goldberg (1995) afirma que verbo e construção interagem de acordo com os fins de sua utilização, o que é observado nas construções de movimento fictivo. Apesar de serem utilizados nos dois padrões construcionais, os verbos citados acima são mais frequentes no padrão que melhor interage com sua grade temática.

Na presente seção, foram demonstradas as relações entre o polo da forma e o polo da significação, incluindo as dimensões semântica e pragmática das CMF. Aspectos referentes à estrutura formal das construções, sua interação com outras construções e características dos verbos que instanciam vão ao encontro dos domínios conceptuais que evocam e de sua função pragmática. Na seção seguinte, serão descritos os ambientes discursivos nos quais foram encontradas as CMF e as relações entre tais ambientes e os aspectos já discutidos.

5.3 – O AMBIENTE DISCURSIVO DAS CMF

Quanto à motivação semântico-pragmática, podemos dizer que as CMF possuem função descritiva e explicativa, relacionadas a cenas que são visualmente escaneadas e reconstruídas ao longo do discurso. Assim, espera-se que os ambientes discursivos em que encontramos as construções estejam relacionados a essas funções. Analisamos esses ambientes quanto aos gêneros textuais envolvidos, quanto aos principais tópicos de conversação e quanto às construções que se encontram no entorno das CMF, demonstrando o objetivo do ambiente discursivo como um todo e dos enunciados nele envolvidos.

Algumas observações interessantes podem ser feitas com relação a esses aspectos. Primeiramente, quanto aos gêneros textuais envolvidos, ressaltamos que as CMF foram encontradas em variados gêneros, tanto na modalidade oral quanto na escrita e em gêneros formais e informais. Um destaque deve ser dado ao gênero ficção, do *Corpus* do Português, que apresentou um número maior de ocorrências que os gêneros acadêmico e notícia, do mesmo *corpus*. O total de palavras desses três gêneros é comparável, como podemos observar na tabela abaixo:

Gêneros do Corpus do Português	Número de Palavras	Total de Construções de Movimento Fictivo
Ficção	3.028.646	116
Acadêmico	2.816.802	98
Notícia	3.346.988	39
Oral	1.078.586	6
Total	10.271.022	259

Tabela21– Divisão das CMF por gênero no *Corpus* do Português

Não é por acaso que o gênero ficção apresenta maior número de ocorrências – 116, das 259 encontradas no *Corpus* do Português. O caráter descritivo das CMF faz com que sejam largamente utilizadas em textos de ficção, pois esses textos requerem muitas descrições de espaços, lugares e objetos, a fim de atingir o polo instrutivo do interlocutor para que este reconstrua mentalmente as cenas em questão, como podemos observar nos exemplos:

- (1) O rosto trazia a marca de uma travessura da infância – uma cicatriz que começava na pálpebra do olho esquerdo, cortava obliquamente a sobrancelha basta e avançava uns três centímetros testa acima, esbranquiçada contra o tostado da pele.
- (2) Uma veia azulada ziguezagueava-lhe na têmpora direita, seus cabelos escorriam por cima das orelhas (...)

No gênero acadêmico, as ocorrências também são muitas, principalmente em textos de anatomia, que descrevem as inúmeras regiões do corpo humano, como veias, artérias, ossos, entre outras, como vemos a seguir:

- (3) A veia cefálica e a veia basílica seguem quase que paralelamente por todo o envolvido, junto com a artéria aorta, por uma camada de pericárdio (...)
- (4) A artéria radial penetra na mão sob o músculo adutor do polegar e, na altura do quinto metacarpo (...)

Quanto aos tópicos discursivos que atraem as CMF, ressaltamos anatomia, turismo, geografia, urbanismo, construção, vestuário e explicação de rotas. O que todos esses tópicos apresentam em comum é o fato de que as interações linguísticas que os envolvem giram em torno de objetos e/ou imagens que são trajetórias ou conceptualizados como tal, o que retoma novamente a função descritiva.

O tópicos anatomia tem como exemplos os enunciados (3) e (4), acima, quanto aos outros tópicos, podemos observar nos exemplos seguintes:

- (1) Enveredamos por uma das centenas de pequenas estradas conhecidas como rotas do vinho, um trajeto de 30 Km que corta vinhedos e cruza aldeias com não mais que algumas dezenas de casas. (NILC/São Carlos)
- (2) A zona abissal vai de 2000 metros até as grandes profundidades. (NILC/São Carlos)
- (3) O túnel, que atravessa o parque em um dos lagos do Ibirapuera, vai ligar a Avenida Antônio de Moura Andrade à Rubem Berta continuação da 23 de Maio. (NILC/São Carlos)
- (4) A tubulação tem uma elevação pelas paredes externas e depois segue por dentro da laje por uma extensão de 60 metros até o centro do shopping. (NILC/São Carlos)
- (5) (...) uma bota que vai até a altura do tornozelo, mais ou menos, você usava aquilo com, obrigatoriamente com meia preta e usava calça cáqui com uma listra vermelha. (NURC-RJ)
- (6) (...) aquela avenida ali, que é a Tancredo Neves vai sair lá na Toca da Raposa (...) (C-ORAL Brasil)

O *corpus* NILC/São Carlos é formado por vários *corpora*, o maior deles, o CETENFolha, permite visualizar os tópicos discursivos em que o enunciado buscado se encontra. Na tabela abaixo, podemos observar a distribuição das CMF encontradas no CETENFolha de acordo com os tópicos discursivos:

CETENFolha 27.742.574 palavras	Número de CMF
Cotidiano	55
Turismo	46
Ilustrada	9
Brasil	8
Mundo	8
Mais	6
Esporte	5
Dinheiro	3
Folhateen	2
Informática	2
Opinião	2
Ciência	1
Especial	1

Revista	1
Total	149

Tabela22 – Divisão das CMF por tópicos discursivos no CETENFolha

Observamos o predomínio de CMF nos tópicos Cotidiano e Turismo do CETENFolha. Das 149 construções encontradas nesse *corpus*, 101 estão nesses dois tópicos. Esses dados vão ao encontro dos achados anteriores, corroborando a ambientação discursiva das construções em tópicos relacionados a descrições de rotas, extensões, instruções de viagem, entre outros.

Por último, é interessante verificar as expressões que se encontram no entorno das CMF, completando e confirmando sua função pragmática e utilização no discurso. Essas expressões são, em sua maioria, para descrever outros aspectos dos objetos, extensões e eventos estáticos descritos pelas CMF. Nos exemplos abaixo, as CMF encontram-se sublinhadas e as outras expressões descritivas em itálico:

- (1) Ricardo dispensou a estrada e foi a pé, pela estrada de rodagem, se assim se pode chamar um trilho, *cheio de caldeirões*, que subia e descia morros, cortava planícies e rios em toscas pontes. (NILC/São Carlos)

- (2) (...) tem uma *repugnante cicatriz que vai desde sua têmpora à sua boca*, *lembrando uma meia-lua* (...) (NILC/São Carlos)

- (3) A capa lhe sobe dos pés ao capuz, *num azul que o engolfa de cima a baixo* (...) (NILC/São Carlos)

- (4) *As suas feições eram bem marcadas e tinha um rosto adunco; a sua expressão era arrogante e ameaçadora; sua aparência total era a de um homem ativo, rápido, violento e inescrupuloso; e seu abundante cabelo branco e sua profunda cicatriz de sabre, que atravessava do nariz à têmpora, acrescentava um elemento selvagem a um rosto por si já notável e ameaçador.*

Como apontado por Langacker (2008), as construções formadoras de uma língua são cunhadas no discurso, pois existem para que a comunicação se torne possível. As Construções de Movimento Fictivo aqui descritas e analisadas demonstram tal premissa ao emergir da conexão entre as bases cognitivas baseadas nas experiências de visão e movimento e as necessidades discursivas relacionadas à descrição de extensões.

5.4 – CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O presente capítulo foi destinado à análise e descrição das Construções de Movimento Fictivo, situando-as como nódulos na rede de construções do Português do Brasil. Para isso, traçamos os principais aspectos das dimensões formal, conceptual, pragmática e discursiva, bem como as motivações cognitivas das CMF.

O estudo das CMF sugere uma conexão entre os níveis analisados. A mesclagem entre domínios relacionados a movimento e visualização de extensões, aliada ao uso dos padrões formais das construções de movimento literais, permite que seja evocada uma matriz conceptual caracterizadora de espaço físico. Essa estrutura linguístico-cognitiva possibilita a função descritora das CMF, o que vai ao encontro dos ambientes discursivos em que são utilizadas com maior frequência.

O panorama visualizado possibilitou ganhos para as teorias utilizadas e sugestões para a continuação da descrição de uma nova rede, referente aos usos dos verbos de movimento. Apesar disso, não foram esgotadas as possibilidades de análise das construções e suas variações.

O próximo capítulo destina-se à síntese das conclusões sobre os acréscimos feitos pelo presente estudo ao arcabouço teórico apresentado.

6 – CONCLUSÃO

O presente capítulo versará sobre os ganhos teóricos possibilitados pelo estudo das Construções de Movimento Fictivo do PB e como a descrição de cada uma de suas multidimensões ajudou a confirmar as hipóteses inicialmente postuladas.

A partir dos pressupostos teóricos que serviram de base à pesquisa – teorias sociocognitiva e paradigma construcionista da linguagem -, foram traçadas as hipóteses: construções como “A rua vai até a praça...” e “A veia percorre toda a extensão do braço...” possuem padrões gramaticais e usos – ambientes discursivos - próprios; possuem também motivação conceptual baseada nos domínios cognitivos fundados na experiência e nos processos de integração conceptual; evocam domínios referentes a características de cenas estáticas como formato, dimensão e localização; apresentam uma dimensão pragmática em que o falante, ao inferir os estados mentais de seu interlocutor, adequa-se a eles, intencionando que o Outro construa mentalmente a cena estática descrita por meio da linguagem.

Para a confirmação dessas hipóteses, construímos, com o auxílio da metodologia escolhida, um *corpus* específico das CMF do PB, com dados encontrados nos seguintes *corpora*: *Corpus* do Português, NILC/São Carlos, NURC-RJ e C-ORAL Brasil. Ao todo, obtivemos 536 exemplares de Construções de Movimento Fictivo, dos quais emergiram dois padrões e variações, que chamamos CMF Direcionais e CMF Transitivas. O primeiro apresentou 38 tipos verbais, e o segundo, 16 tipos verbais. Após essa etapa, foi possível iniciar a descrição das dimensões das CMF.

Quanto à motivação conceptual, observamos que os processos de projeção e mesclagem conceptual são de extrema importância na formação das CMF. Esses processos utilizam espaços mentais que se baseiam no esquema FONTE-PERCURSO-META e na experiência visual do escaneamento da extensão tema. Além disso, a motivação conceptual também pode ser interpretada nos termos Levinson (2003), que descreve os *frames* de referência. No caso das CMF, o *frame* de referência relativo possibilita a orientação no espaço e um ponto de referência, fazendo parte das bases cognitivas e integrando experiência motora e visual. Isso permite que extensões “percorríveis” e “não percorríveis” façam parte do grupo semântico que pode ocupar a posição de tema nessas construções.

Quanto ao aspecto sintático, dois padrões tiveram maior produtividade, e os dois apresentaram padrões de cunhagem. O primeiro com tema e verbo seguidos de um ou mais sintagmas preposicionais, e o segundo com objeto direto após o verbo. Esses dois padrões apresentaram variações que denominamos padrões de cunhagem, com acréscimo de sintagmas adverbiais, nos dois padrões e sintagmas direcionais no padrão transitivo. Esse fenômeno é interessante ao passo que nos leva a refletir sobre como as construções vão sendo moldadas de acordo com as necessidades discursivas. Se a interação linguística demanda mais informações, os padrões de base – os mais produtivos – são utilizados pela cognição humana na construção de novos padrões.

Outro aspecto peculiar que observamos nas CMF, ainda quanto aos padrões formais, foi a tendência de alguns verbos de movimento se comportarem como verbos de ligação, como é o caso do verbo “estender-se”, que demanda um sintagma posterior, seja qual for sua natureza, para ser ligado ao tema. Esse aspecto vai ao encontro das hipóteses do presente estudo, já que estabelecemos que, no polo semântico, as CMF possuem significação estática, com função descritiva, que serve para caracterizar a cena em questão.

No polo da significação, observamos que as CMF evocam uma matriz conceptual caracterizadora de espaço físico, formada por domínios relacionados a esse conceito como formato, dimensão, localização, posição, direção e área. As operações do *construal* se impõem de formas diferentes de acordo com os termos que ocupam os espaços da construção e de acordo com os padrões construcionais envolvidos. As CMF Direcionais focalizam, em sua maioria, domínios de dimensão e localização, informações fornecidas pelos sintagmas preposicionais. Já as CMF Transitivas focalizam mais o domínio área, dado pelo objeto direto. O domínio formato é focalizado quando as CMF utilizam verbos que lexicalizam o modo do movimento, como “serpentear” e “zigueaguear” - que se apresentaram em menor quantidade – e também quando as CMF Direcionais utilizam sintagmas verbais complexos como “fazer curva” – que também apresentou poucos tipos.

A matriz dominial caracterizadora de espaço pode ser compreendida em termos da evocação de um *frame*, o *frame* Área_de_percurso, que contém elementos correspondentes às significações de cada sintagma das construções, trazendo a ideia de descrição de cenas estáticas.

Quanto à pragmática, ressaltamos o papel “reconstrutor” das CMF. Como vimos, essas construções são utilizadas pelo falante – no polo executivo - que, ao inferir os estados mentais e habilidades cognitivas de seu co-específico, utiliza um verbo de movimento para descrever

uma cena estática. O interlocutor, no polo instrutivo, reconstrói mentalmente, por meio de suas bases cognitivas de movimento e integração movimento-escaneamento visual, uma cena estática e tem, assim, uma melhor visualização dessa cena e suas características.

As CMF possuem, portanto, função descritiva no polo semântico-pragmático. Essa função incentiva a interação das CMF com as construções adjetivas, que aparecem na maioria dos exemplos do *corpus*, o que demonstra como a língua em uso molda a apresentação discursiva dos padrões construcionais.

No âmbito discursivo, as construções aparecem em gêneros variados, na modalidade oral e escrita e em tópicos específicos, totalmente coerentes com suas motivações pragmáticas e cognitivas. Mesmo quanto aos gêneros, apesar de serem utilizados em vários, foram encontrados mais exemplos nos gêneros acadêmico e ficção no *Corpus* do Português, que são gêneros que possuem muitas descrições, por conta de seus objetivos discursivos. Quanto aos tópicos, as CMF foram encontradas em tópicos discursivos sempre relacionados a extensões de vários tipos e sua caracterização: anatomia, turismo, geografia, urbanismo, construção, vestuário e explicação de rotas, o que ressalta ainda o surgimento discursivo das construções.

Todos esses aspectos vêm a fortalecer os pressupostos das teorias utilizadas no presente trabalho. A interseção das dimensões formal, cognitiva, pragmática e discursiva encontrada aqui reforça o quanto gramática e discurso se interligam e como a gramática emerge de situações de uso, com bases cognitivas e culturais socialmente compartilhadas.

Por isso, reconhecemos o fato de que é imprescindível uma análise baseada em dados reais da língua, a partir de exemplos coletados em diferentes gêneros e tópicos discursivos, nas modalidades oral e escrita. São também de fundamental importância as análises qualitativa e quantitativa dos dados para que obtenhamos um panorama mais preciso sobre a situação das construções analisadas. O *corpus* construído para este trabalho constituiu um *corpus* pequeno, porém apresentou achados constantes nas diferentes dimensões analisadas.

Ainda existem aspectos das CMF e sua rede a serem pesquisados, como o comportamento dos padrões de cunhagem, novos tipos da construção e até mesmo outros padrões, como as construções de movimento fictivo preposicionais, que ocorrem sem o verbo. É necessário estabelecer o comportamento dos padrões dos outros nódulos da construção, as construções de movimento literal, das quais as CMF irradiam, e as construções de movimento metafórico; tudo isso a fim de se construir a rede e comparar como as pressões cognitivas e discursivas alteram os padrões de um nódulo para outro. Esperamos que nosso trabalho sirva de base para outros trabalhos no campo do movimento fictivo e da fictividade, clareando os

horizontes de pesquisa e contribuindo cada vez mais para a consolidação do arcabouço teórico que utilizamos.

REFERÊNCIAS

- BRANDT, L. Subjectivity in the act of representing: the case for subjective motion and change. **Phenomenology and The Cognitive Sciences**, v. 8, 2009, p. 573 – 601.
- CACCIARI, C. et al. Literal, fictive and metaphorical motion sentences preserve the motion component of the verb: a TMS study. **Brain & Language**, v. 119, n. 3, p. 149-157, 2011.
- CAMPOS, P. M. Continho. In: **Para gostar de ler: crônicas** volume 1. São Paulo: Ática, 1989.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Haia: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CORPUS DO PORTUGUES.ORG. **O corpus do Português**. Disponível em:<<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: janeiro – março de 2013.
- CROFT, W.; CRUSE, D. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G; TURNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (eds.) **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, 1968, p. 1-81.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In.: The Linguistic Society of Korea. **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111-137.
- FILLMORE, C. J. Under the circumstances (place, time, manner, etc.). **Proceedings of the Twentieth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: general sessions dedicated to the contributions of Charles J. Fillmore**, 1994. p. 158 – 172.
- FILLMORE, C. J.; JOHNSON, C.; PETRUCK, M. **Background to FrameNet**. In: International Journal of Lexicography, v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.
- FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et al. (coord.). Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/fndrupal> > Acesso em: fevereiro de 2013.
- GALLESE, V.; LAKOFF, G. The brains concepts: the role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. **Cognitive Neuropsychology**, v. 21, p. 1-11, 2005.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E.; JACKENDOFF, R. The english resultative as a family of constructions, 2004. Disponível em: <<http://ase.tufts.edu/cogstud/incbios/RayJackendoff/EnglishResultative.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2013.

GRIES, S. T. **Quantitative corpus linguistics with R: a practical introduction**. New York: Routledge, 2009.

HOFFMAN, T. Complement versus adjuncts? A construction grammar account of English prepositional phrases, 2013. Disponível em <http://www.academia.edu/1260789/Complements_versus_adjuncts_A_Construction_Grammar_approach_of_English_prepositional_phrases> Acesso em: 14 jul. 2013.

JENSET, G. B. Basic R for corpus linguistics, 2008. Disponível em: <<http://folk.uib.no/gje037/tutorialR.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2013.

JOHNSON, M: **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KAY, P. Argument structure constructions and the argument-adjunct construction, 2005. Disponível em: <<http://www1.icsi.berkeley.edu/~kay/ASCs.pdf>> Acesso em: 07 jul. 2013.

KAY, P. The limits of construction grammar, 2010. Disponível em <<http://www1.icsi.berkeley.edu/~kay/limits.cyg.5.15.10.pdf>> Acesso em: 07 jul. 2013.

KÖVECSES, Z. **Language, mind and culture**. New York: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, R. Abstract Motion. **Proceedings of the Twelfth Annual Meeting of the Berkley Linguistics Society**, 1986, p. 445 – 471.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar Vol. 1: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. Virtual Reality. **Studies in the Linguistic Sciences**, v.29, n.2, p. 77-103, 1999.

LANGACKER, R. **Cognitive Grammar**. New York: Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. 2. ed. Chicago-London: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

- LEVINSON, S. C. Language and space. **Anthropology**, n.25, 1996, p. 353-382.
- LEVINSON, S. C. **Space in language and cognition: explorations in cognitive diversity**. Cambridge University Press, 2003.
- MARTÍNEZ-LOSA, J. Towards a typology of fictive motion events: review of existing proposals and presentation of new perspectives. **Interlingüística**, n.17, 2007, p. 562 – 569.
- MATLOCK, T. **How real is fictive motion?** 2001. 80f. Dissertation (PhD in Psychology) – University of California, Santa Cruz, 2001.
- MATLOCK, T. The conceptual motivation of fictive motion. In: RADEN, G.; PANTHER, K. U. **Studies in linguistic motivation**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 221 – 248.
- MATLOCK, T. Abstract motion is no longer abstract. **Language and Cognition** n2, v2, 2010, p. 243–260.
- MATLOCK, T.; RICHARDSON, D. C. Do eye movements go with fictive motion? In: K. D. Forbus, D. Gentner; T. Reiger (eds.), **Proceedings of the 26th Annual Conference of the Cognitive Science Society**, Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2004, p. 909 – 914.
- MATSUMOTO, Y. How abstract is subjective motion? A comparison of coverage path expressions and access path expressions. In A. Goldberg (ed.). **Conceptual Structure, Discourse and Language**. Stanford: CSLI Publications, 1996.
- MIRANDA, N. S. Construções gramaticais e metáfora. **Gragoatá**, n. 26, 2009, p. 61 – 80.
- NILC/SÃO CARLOS. **Corpus do Núcleo Interinstitucional de Lingüística Computacional/USP**. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>> Acesso em: Janeiro – Março de 2013.
- NURC-RJ. **Projeto Norma Linguística Urbana Culta – Rj/UFRJ**. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>> Acesso em: Janeiro – Março de 2013.
- PASCUAL, E. Fictive interaction within the sentence: a communicative type of fictivity in grammar. **Cognitive Linguistics**, vol. 17, n. 2, p. 245-267, 2006.
- PETRUCK, M. **Frame semantics**. University of California, Berkley. 1996. Disponível em:<http://forum.z4.cn/kit/Chinese%20Information%20Processing/semantics/Intro2FrameSemantics_by_Petruck.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2012.
- RASO, T.; MELLO, H. **C-ORAL Brasil: corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- ROCHA, L. F. M. A fala silenciosa reportada: metáfora, metonímia e mesclagem. **Lingüística** (PPGL/UFRJ), v. 2, 2006, p. 35-42.

ROCHA, L. F. M. **A autocitação fictiva: abordagem sociocognitiva de um tipo de fictividade discursiva em Português Europeu e Brasileiro.** 2011. 185 f. Relatório (Estágio Pós-Doutoral) – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Universidade Católica Portuguesa. Braga, 2011.

ROCHA, L. F. M. Autocitação fictiva como escaneamento mental: mover-se conceptualmente sem se deslocar. **Revista da ABRALIN**, v. 11, 2013, p. 113-143.

ROCHA, L. F. M. et al. O uso de entidades fictivas em *corpus* de fala: evidências empíricas para a Gramática Cognitiva. Universidade Federal de Juiz de Fora. No prelo, 2014.

ROJO; A.; VALENZUELA, J. Fictive motion in English and Spanish. **International Journal of English Studies**, v.3, n.2, 2003, p. 123 – 149.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (eds.). **Cognition and categorization.** New York: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. **Calidoscópico**. vol, 7, n. 3, set/dez 2009a. p. 171 – 182.

SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso.** Belo Horizonte: UFMG, 2009b.

SAMPAIO, T. F. **O uso metafórico do léxico da morte: um abordagem sociocognitiva.** 2007. 154f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2007.

SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus.** Barueri: Manole, 2004.

SILVA, A. S. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. **Estudos da linguagem**, v. 16, n. 1, 2008, p. 49 – 81.

SILVA, A. S.; BATORÉO, H. J. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitetura e aplicações. In: BRITO, A. M. (org.) **Gramática: história, teorias, aplicações.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, p. 229-251.

TALMY, L. Fictive motion in language and “ception”. In: TALMY, L. **Toward a cognitive semantics.** Vol. 1. Massachusetts: The MIT Press, 2000.

THOMPSON, E. **Mind in life.** Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

TOMASELLO, M. **Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition.** Massachusetts: Harvard University Press, 2005.

ANEXO A

CONSTRUÇÕES DE MOVIMENTO FICTIVO DIRECIONAIS

CORPUS DO PORTUGUÊS

Ficção

1. pela paragem que o arrebata. Chega; e não sofria doloroso desapontamento. **A estrada vai** até à praça, retangular, em declive, de chão estriado de encurros.
2. sequer a noite. Cachorros farejam a comida. Viajantes entram e saem. **A estrada que avança** dentro do arruado. É nessa garganta, de lama e fumaça,
3. Aquela **lâmpada que desce** do teto parece um seio de mulher.
4. livres ao redor de nossa casa e nós tentaríamos escapar com o carro até **a estrada que levava** ao nosso sítio, nos arredores da cidade. Ela me abraçou chorando
5. maltratou e se mandou. Dias depois ele foi encontrado estrangulado, desfigurado, **na estrada que ia** para Beja. Logo em seguida fui avisado que me procuravam como o
6. a avó estava silenciosa, permaneceu no mais completo silêncio durante uma semana, **da estrada que ia** de Uidá a Anecho, era preciso também fazer uma lista das pessoas
7. instante, prosseguia, tornava a parar para dar informes. Depois entrou por **uma estrada que descia** para o lado oposto – O pavilhão. O canil.
8. móveis - o quintal que descia por ali abaixo, carregando suas árvores - **a rua que passava** defronte, sem casas, reduzida a um muro esboroado e as espessa
9. o Arco do Triunfo, notou quando atravessaram o Sena, o chofer parou **numa rua que subia** e Adriano viu Roberto em pé na entrada de um hotel, o
10. Santos, Vales, continuam andando pelo adro, observando os descendentes, caminhando **pela rua que vai** ao cemitério. Todos os habitantes do arraial são mais ou menos primos
11. pervertido dos inimigos da Igreja. Mas a verdade concluía Marcelo, entrando agora **numa rua que levava** para o rio a verdade era que, embora o acordo salvasse a
12. outro, Amélia e Hilda que tinham feições parecidas ficaram de pé no centro **do terreno que se estendia** entre o alpendre e o rio, Juliana e Catarina conversavam rindo
13. longo da rua, larga e direita, que enfrenta com a Misericórdia. **No terreno que desce** para a praia redes secavam, estendidas em espeques; barcos, pintados
14. Tu me destruístes. Não sou mais nada. Nada. Nada. **Uma veia azulada ziguezagueava-lhe** na têmpora direita, seus cabelos escorriam por cima das orelhas, e ela
15. O corredor termina numa espécie de terraço descoberto, ao lado do qual **se estende a varanda**. Há geladeiras, uma radiola quebrada, mesas, garrafas vazias e
16. Malazarte: o Sandoval. Agora olham ambos para **um grande letreiro branco que se estende** sobre vários metros de calçada. - O Preço da Liberdade - lê Tio Bicho
17. grande transatlântico sai. Vai vagaroso, vai para **o mar largo**, que **se estende** pelas cinco partes do mundo; beija-lhes e morde-lhes a praia. Corre perigo,
18. cheios de gente, espoucam garrafas de cerveja que se abrem. **A praia se estende** graduada, harmônica, desde o monte do Leme à igreja. A ponta recurva
19. num raio de alguns quilômetros **partindo** de Monte Santo **se estende região incomparavelmente mais vivaz**. Recortam-na pequenos cursos d' água resistentes às secas.
20. para dentro de casa, quando o vigário aparecia na ponta da rua. **A estrada passava** por lá. Tinha dezoito anos e nada sabia das coisas de homem com
21. se conheciam ou se se encontraram ali. ao se aproximar do mosteiro, **a estrada serpenteia** por um platô de onde se avista a fachada nua da igreja de Santa
22. ganiçando, ao lado, na sombra do cavalo, já mui comprida. **A estrada estendia-se** deserta; à esquerda **os campos desdobravam-se** a perder de vista, serenos,
23. deixara cair no chão. No momento em que se abaixava, Sílvio descobriu **a cicatriz de um talhe que ia** do seu pescoço até à orelha. Era um grande
24. entes, **é a rua interminável**, que atravessa cidades, países, continentes, **vai** de pólo a pólo; em que se alanceiam todos os ideais, em que
25. Júlio Ribeiro Martinho, as terras que conseguimos durante todos esses anos. **Minha parte vai** até o Rio Grande do Norte. - Tanta terra acabou fazendo enraizar-se uma grande
26. **O espaço que vai** até aquela árvore será para o povo assistir à missa e para as cerimônias do

27. lado, antes que os gigantes percebessem o que estava ocorrendo. **Nossa fila se estendia** ao longo de um corredor próximo aos guichês de venda de passagens.
28. conhecido como As Ruínas. Lá embaixo, como se fosse num vale, **se estendia Pau Seco**: agora um amontoado de casas de pau-a-pique, cobertas de palha,
29. Índio. E novinho, comprou agora? - Deus o leve! Adiante **se estendia um Saara coberto de espinhos**. O homem recomeçou a marcha. Índio Paraíba mordeu
30. isolavam das casas vizinhas. Junto ao terraço, **um lago de águas límpidas se estendia** até as árvores mais altas, rodeado por arbustos e pedras de diferentes tamanhos.
31. certamente a reconhecê-lo com as mãos de descoberta, e olhou **o telhado** que **se estendia** sobre o socavão: era abrir um dos janelões - havia três -, subir
32. abri-la por causa do ar condicionado. Olhou **a aldeia dos pataxós**, que **se estendia** pela Coroa Vermelha: ia estranhar que as tabas já não eram de palha e
33. assentava perto da janela e ficava olhando, olhando, olhando **o mundo** que **se estendia** até o rio, a mata que aparecia além, o rosto ganhava então uma
34. tanta vida que parecia desmentir a existência de morte no mundo, **o arrozal se estendia** por toda uma várzea, os penachos dos bambus ladeavam a estrada, na cadeira
35. cama grande, mesa, janela dando para um jardim pequeno, **o verde se estendia** até um muro cinza, deitou-se na cama, o barulho do trem continuava a
36. tamborete tomando café. O sol punha no soalho **uma faixa de luz** que **se estendia** até o corredor. Artur parou na porta, admirado daquela paz. Então,
37. Atravessaram a estrada e subiram a encosta. **Um terreiro de chão batido se estendia** diante da capela e das casas. * Aqui é o comitê eleitoral – informou
38. entrar na estrada, ou melhor, **numa lagoa** que **vinha** dos pastos e **se estendia** até a margem oposta. Patinava, derrapava, atravessava--se sobre poças ou na lama
39. pétalas dava ao ambiente um cunho de festa. E já **um tapete esmeraldino se estendia** no solo, em frente à porta da sala térrea, em cujo recinto ainda
40. ou chamar os pardais. Estes pássaros acorriam aos montes **na varanda**, que **se estendia** em face dos quartos, cujas janelas para ela davam, e tudo emporcalhavam com
41. transportavam malferidos e agonizantes; e, na frente desta multidão revolta, **se estendia uma estrada de cem quilômetros**, em sertão maninho, inçado de tocaias.. ao
42. Com o coração aos saltos, o vigário lançou-se para fora, **pela alameda** que **corre** entre as capelas dos Passos, com as 66 estátuas de cedro da Paixão do...
43. a posse do mar Tenebroso e das novas terras através de **uma linha imaginária** que **corre** de norte a sul a trezentos e setenta léguas a oeste de umas ilhotas
44. de palha dos garimpeiros que trabalhavam pelos lados da Cotinguiba, **a alta serra** que **corre** à direita do Paraguaçuzinho. À medida que se aproximava do Mucujê, a pobre
45. o acompanharia sempre, seria uma ligação indestrutível entre ele e **aquela rua comprida** que **corria** entre a montanha e o rio, entre ele e o adro com seu coreto
46. A irmã habitava o aposento da frente, dividido por **uma cortina**, que **corria** do portal da porta interior até ao da que dava para a rua. Era
47. do que tinha lido no guia: " **A placa submarina de Nazca**, que **penetra** sob a crosta continental, se incrusta no manto e começa a derreter-se.
48. escuridão de lua entre nuvens. - Tem **alguma estrada por** dentro da propriedade que **chega** na BR? - Não sei. Olhou para os lados e me estendeu a
49. é verdade, mas a serra estará nos olhos como **a tromba escura** que **sobe** para o céu. - Como viverá ali? É Bem-Bem, agora em frente
50. que parece sem fim no caminho do céu. É **a montanha estúpida**, que **sobe** torcendo e se retorcendo, capaz de vomitar fogo quando em raiva. As nuvens
51. cova.. Espero que não haja nenhuma carroça à porta, precipito-me **pela alameda** que **sobe** ao hospital. Vou quase a correr, paro à porta de uma sala que
52. de assassino? Delfino já tinha dado volta à chave na porta **da escada** que **subia** para sua sala de frente, mas resolveu abrir a loja, para ver se
53. costumava sentar-se na cadeira de balanço de onde contemplava o encontro dos dois morros, o córrego além, as cercas do pasto, o **caminho** que **subia** e se perdia no bambual maior, houve uma semana em que praticamente não deu uma palavra
54. um alimento qualquer, ouviram tropel de cavalos nas grandes lajes maltratadas **da ladeira** que **subia** até à casa e voltaram correndo para se abrigarem na saleta onde tinham feito
55. é média. O tórax massudo. Seu rosto, invisível. **A capa** lhe **sobe** dos pés ao capuz, num azul que o engolfa de cima a baixo.

56. declarou-se a meu serviço. #123 Sapo, quase no início **do caminho** que **leva** ao morro Portugal, cabana abandonada que ninguém queria nem mesmo de graça, pois
57. escura: cortava com o meu carro um atalho que se abria **no vale** que **leva** à antiga Fazenda dos padres onde estudei. Eu havia me desquitado e ainda não
58. passara os verões e os meses de julho. Deixei **a estrada asfaltada** que **leva** a Juiz de Fora e peguei o velho, o conhecido caminho das Arcas
59. gente ou carro. Atrás do pequenino morro ficam a Fazenda e **a trilha** que **leva** não exatamente à Fazenda, mas aos campos de milho e feijão que os padres
60. Hoje minha mãe e eu nos reaproximamos. Descemos juntos **pela vereda** que **leva** ao rio falamos de lembranças que ambos guardamos de paz Mariana. co hovera.
61. a lua varrendo os campos, quando abrimos a cancela e tomamos **o caminho** que **levava** à casa. Luz não se filtrava pelas janelas. To-dos pareciam dormir no casarão
62. não podia perder uma semana na cura dos cascós. **No desvio**, que **levava** ao Sequeiro, o sol do meio dia queimava. Soltando a rédea, deixara
63. era eu ". Ela me acompanhou por **um corredor muito longo e escuro** que **levava** da entrada até a sala inundada de luz, de onde se tinha a vista
64. **auto-estrada**, como qualquer outra, em qualquer lugar, intercambiante, desnorteante, que **levava** ao mais extremo Sul quando na realidade nosso destino final era o Norte
65. seguiu pelo corredor lateral e foi sair ao pé **da escadinha de madeira** que **levava** ao coro. Subiu os degraus na ponta dos pés. Lá no alto,
66. da viagem a São Luís, ele se assustara, na descida **da ladeira** que **levava** ao porto, ao ver de longe, na rampa do cais, uma figura
67. toldar-se ameaçando chuva. Mesmo assim, ele e o pajem entraram **pelo caminho** que **levava** à fazenda da Pedra Lisa, no caminho de São Bento. Na varanda do
68. distinguir, pouco depois, o contorno dos móveis, **o vão da saleta** que **levava** ao lívingue. Tinha os olhos ardidos, a boca mais seca, e uma
69. Padre Alexandre fora buscá-lo no estudo. * Venha comigo. Atravessaram **o caminho** que **levava** à cidade, no outro lado entraram numa rua enlameada e sem luz, a
70. ao lado da Igreja do Espírito Santo, as casas antigas, **o caminho** que **levava** ao rio, o gado pastando no outro lado, o pássaro de asas abertas
71. sob as vistas de Dei-miro, no seu terreiro. Tomei **pela vereda** que **levava** à casa dele, na mesma carreira desabalada. Abri a boca, respirava com
72. tão airoso, mal empregado, e no fim do pátio tomou **a vereda** que **levava** para a casa de Delmiro. Pensei nos bichinhos do velho, quis recomendar
73. inimigos da Igreja. Mas a verdade concluía Marcelo, entrando agora **numa rua** que **levava** para o rio a verdade era que, embora o acordo salvasse a aparência da
74. Tornou a entrar, subiu para o andar superior, acerrou-se **da escada** que **levava** para a água-furtada, e gritou: - Floriano! Venha cá, meu filho
75. por uma portinha estreita, havia à esquerda o corredor e **a escada**, que **levava** ao escritório, acima, no primeiro andar. Em uma sala ampla, quadrada
76. ao alcance de sua visão, uma cruz de pedra elevada sobre **o istmo** que **seguia** até Olinda. Nem portentosa nem poética: crua, muda, enegrecida. E
77. não ser visto, foi caminhando agachado por detrás **do renque de samambaias**, que **seguia** irregular até quase a porta do quarto, no fundo do quintal. Torceu a
78. pois o sambaqui distante agora levantou-se originariamente na beira do caudal. **A terra avança**, por conseguinte, rio adentro. A alteração física da planície é evidente.
79. valores, de objetos. **A única estrada asfaltada de que dispomos** é a que **vai** da costa do Benim onde estamos até a nossa capital. No interior ainda temos
80. pelas longitudes. É um fato conhecido. **Na extensa faixa da costa**, que **vai** da Bahia à Paraíba, se vêem transições mais acentuadas, acompanhando os paralelos
81. vermelho e amarelo e sair de Palmeiras às pressas, galgando **o péssimo caminho** que **passa** por cima do Túnel #11 e chegando a Rodeio disposto a não aceitar, em
82. Você tem a impressão de que está diante de uma cascata, porque **o terreno desce** em socacos, para morrer às margens de um lago, onde as carpas vermelhas
83. rua, larga e direita, que enfrenta com a Misericórdia. **No terreno** que **desce** para a praia redes secavam, estendidas em espeques; barcos, pintados de fresco
84. que a Operação Borracha foi um sucesso. Cunha-sertoes.txt## Preliminares **O Planalto Central do Brasil desce**, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba
85. hesitante parecia nascer dos es-pasmos finais de um moribundo. E **o abrangente curativo** que **descia** pelo seu braço direito e envolvia a mão num chumaço de linho branco, uma

86. A casa de meu pai, a mais acanhada, começava **o quarteirão** que **descia** paralelamente à casa-grande. O retrato de vovó Pequena, numa moldura dourada, era
87. o terraço que a parreira enfeitava de som - bras móveis - **o quintal** que **descia** por ali abaixo, carregando suas árvores - a rua que passava defronte, sem
88. no rosto muito pálido a marca das olheiras, com **o roxo pisado** que lhe **descia** para as bochechas, reconheceu que vencera a crise. Devia ter perdido alguns quilos
89. rosário na mão, o encontro se dera numa região em que **um morro íngreme descia** sobre o rio, parecia não haver possibilidade de ali se construir fosse o que
90. o rosto do outro estava pintado de vermelho e branco, **a roupa larga descia** em listas de todas as cores, a bicicleta mostrava fitas coloridas que se enrolavam
91. mal dele era da cana do braço para o ombro; **um vergão feio descia** do cotovelo até à mão - e o inchaço engrossava o pescoço e tomava o
92. até um filho dele. Parecia não ter pressa e aproveitando **a claridade azulada** que **entrava** pelo recinto, ficou admirando cada curva, cada nó. Feliz por ter um
93. Encontrei outra coisa: na sala de jantar, aproveitando **o sol da tarde** que **entrava** obliquamente pela janela, com as calças do pijama arriadas, o avô catava entre
94. idéia, sentou na poltrona ao pé da janela, banhada **pela claridade leitosa** que **entrava** na casa pela vidraça das rótulas. Sentia os olhos úmidos, um aperto na
95. um licor capitoso. Ele se voltava, depois, para **a cidade**, que **entrava** na sombra, aos beijos sangrentos do ocaso. Vinha-lhe então pensar por que força
96. **extensíssima zona** que **vai** das terras elevadas de Minas e do Rio ao Paraná , **passando** por S. Paulo. Ora, estas largas divisões, apenas esboçadas, mostram
97. Perplexo, José Albano fê-la voltar-se, circular vagarosamente. **A linha** que separava as duas cores **corria** de modo regular, em sentido horizontal, de lado a lado, sem um desvio sequer. Ele apanhou a tesoura, cortou-lhe os cabelos, seguindo o traço divisório
98. - Não entendi bem senhor o formato. - É como se fosse um **guarda-chuva** que, ao invés de parar pelos ombros, **desce** até o chão.

Notícia

99. gasolina, em Salgueiro, e se preparava para, à noite, enfrentar **a estrada** que **vai** até Cabrobó e de lá até Irecê, no interior baiano
100. por escarpas e paredões que o circundam, o chapadão é cortado por **uma longa estrada** que **leva** a a portaria Sacramento, a o oeste de o parque nacional.
101. Limpo e o Capão Redondo à Estação Santa Cruz. **O primeiro trecho da nova linha vai** do Capão Redondo ao Largo 13 e beneficiará, de acordo com dados da
102. permanente atração durante todas as épocas do ano. Componente de **uma cadeia** que **se estende** ao largo do litoral uruguaio, têm como característica a qualidade de suas águas e
103. depois de Plutão, o que fornece novas evidências de que **o sistema solar se estende** muito mais além do que se pensava. O pequeno planeta tem cerca de 480
104. a avenida mais histórica de a cidade, **a Unter den Linden**, que **se estende** por 3,5 quilômetros entre o portão de Brandenburgo e a Alexanderplatz esta última transformada durante
105. estrada ligando as praias de a Joaquina e Campeche. Por o traçado original **a estrada passaria** sobre as dunas de a Joaquina. Santa Catarina 4 Segundo a prefeitura,
106. O patrulhamento vai se concentrar nas rodovias **RS 030** que **vai** de Cachoeirinha a Tramandaí
107. Também haverá policiamento na RS 734, que liga Rio Grande ao Cassino, **na RS 020**, que **passa** por Taquara
108. mais de 400 pataxós, que ocupam 77 hectares **da costa do descobrimento**, que **vai** de Belmonte até Monte Pascoal. Os índios denunciaram que estão sendo ameaçados por um
109. afirmou que o policiamento em a via Dutra vai ser dobrado em **o trecho** que **vai** de a capital a São José dos Campos. A polícia terá 55 homens
110. e foi para **a linha 2626-10 Jardim Nazaré Pq. D Pedro 2º**, que **vai** de a zona leste de a cidade de São Paulo a o centro.
111. bicicleta duas para ir e duas para voltar **o trecho de a marginal Pinheiros** que **vai** de a ponte Transamérica a a ponte Morumbi. A pista local em este segmento
112. social e urbana para o litoral que inclui construção de pista de Cooper e **ciclovía** que **irá** até à Ilha dos Amores. # Extirpar as restantes 1.400 barracas do
113. poeira que fecha a visão, a 25 Km da rodovia asfaltada. **A mesma rodovia** que **leva** ao trevo do Ibó, onde a simbologia das placas avisa

114. Isto ocorre principalmente a a noite e a visibilidade pode chegar a zero. **A Rodovia Castelo Branco**, que **segue** para o oeste de o Estado, apresenta vários pontos
115. pequeno desembarcadouro, sede de um projeto governamental abandonado, onde **a margem arenosa se estendia** por mais de 30 metros antes de a floresta tomar conta. Janet Israel explicou
116. recolheram a as celas de o pavilhão. **O túnel** começava em o banheiro de a alfaiataria e **se estendia** por 10,5 metros sob o prédio, avançando 0,5 metro em o pátio externo rumo a a muralha, distante 19,5 m
117. Julião da Costa Aguiar e General Marcondes Salgado. **A avenida Ascendino Reis**, que **corre** a as margens de a Rubem Berta, vai estar aberta.
118. a verdade, o que viria a ser o parque Stanley era **uma península** que **avançava** sobre a baía. O parque foi mencionado por a primeira vez em 1886,
119. O último modo é apontar para o surgimento de **uma " terceira via "** que **penetra** em ambos os campos da esquerda e da direita - e desloca sua pertinência
120. sua cerveja. O único descendente de japonês da marcha tem **uma cabeleira** que **chega** aos ombros, bigodinho e cavanhaque. Chama-se Helio Shiro Eguchi e, além dos
121. O percurso pode ser iniciado a partir de três pontos diferentes. **A primeira rota parte** da cidade de Santa Cruz, 900 quilômetros a leste de La Paz.
122. **A segunda atravessa a rota Trans-Chaco**, que **parte** da fronteira com o Paraguai, no povoado de Fortín Garay, e a última **sai** da cidade de Villamontes (no sul). **O percurso segue** até a cidade de Vallegrande
123. ainda vai ser palco de muitos acidentes. Já houve um atropelamento **no trecho** que **vai** da Via Rápida do Portão à Via Rápida do Pinheirinho, em frente ao restaurante
124. a atenção, a instalação de quatro novos postos de gasolina **na Via Rápida** que **vai** do Batel para os bairros do Portão e Pinheirinho. Conversando sobre o assunto com
125. por ano, a fim de testar a eficiência do mecanismo. **O complexo** que **vai** do Sarandi a Ipanema, acompanha os diques, freeway, avenida Castelo Branco
126. O acúmulo de resíduos de papel, plástico e latas ameaçam **o rio** que **passa** por Palmares do Sul.
127. e flúor. O líquido para a bebida e demais necessidades vem **do rio** que **passa** no vale, uns 300 metros abaixo, ou de poços cavados em campo aberto

Acadêmico

128. Pueblo, em direção à Cidade do México. A tropa mexicana posicionou-se estrategicamente **na estrada** que **levava** à Cidade do México, bloqueando a passagem das tropas dos Estados Unidos
129. **A veia cefálica e a veia basílica seguem** quase que paralelamente por todo envolvido, junto com a artéria aorta, por uma camada de pericárdio
130. que quase divide em dois o processo transversal, serve para a passagem **da artéria vertebral** que **caminha** em direção ao crânio, fornecendo-lhe o suprimento de sangue adequado.
131. O sangue que alimenta as camadas mais internas da retina chega **pela artéria central da retina**, que **penetra** no globo ocular junto com o nervo óptico e então divide-se para
132. perna, em sua porção voltada para o centro do corpo, através **da artéria tibial posterior** que se **estende** até a planta do pé. O seu principal ramo é
133. direção à cavidade craniana através dos mesmos orifícios das demais vértebras cervicais. **A artéria vertebral** possui ramos nas várias regiões por que **passa** e não apenas no crânio
134. durante a diástole, a válvula permanece fechada, sustentando a coluna de sangue **da artéria** que **sai** do coração. Quando o ventrículo contrai-se, expelindo sangue, a válvula
135. Distritos de Laura e Cairns, praticamente em toda a Austrália oriental, em **uma linha** que **passa** por Georgetown, Longreach e
136. Atualmente, a Igreja Ortodoxa possui focos mais concentrados de seguidores **numa região** que **se estende** desde o leste europeu até **uma faixa central** que **chega** ao leste asiático. O
137. a camada adjacente (estratosfera) uma camada intermediária, **a tropopausa**, que **se estende** de dezesseis a quarenta e oito quilômetros de altitude. A temperatura cai em altitudes
138. abrangendo o clima, além de toda a vida terrestre. **Estratosfera** - esta **se estende** de oito a quarenta e oito quilômetros. A estratosfera contém a camada de ozônio
139. porção voltada para o centro do corpo, através **da artéria tibial posterior** que **se estende** até a planta do pé. O seu principal ramo é a artéria fibular que
140. 40% do território, de acordo com **a conformação geográfica do Estado**, que **se estende** de norte a sul como uma faixa de terras relativamente estreita na região costeira do
141. é dividido basicamente em três regiões: **a estreita faixa de terrenos sedimentares** que **se estende** do nordeste ao sudoeste, compreendendo a Planície Amazônica; o Planalto Norte-Amazônico, que
142. Negras, apresentando altitude de 2787 metros). **A Serra do Mar** também **se estende** pelo território deste Estado, paralelamente à faixa litorânea. O litoral fluminense, conforme

- 143.sul. Esta área sobreviveu ao intenso desmatamento ocorrido nas serranias, por onde **se estende parte da Mata Atlântica**. A Juréia é a única região do mundo onde ainda
- 144.territorial. Delimita-se ao leste com o Oceano Atlântico, sendo que seu litoral **se estende** por mais de 9.000 quilômetros, calculados os recortes litorâneos. apresentando fronteiras internacionais
- 145.nuvem. A luz produzida no céu pela poeira zodiacal forma **uma faixa** que **se estende** ao longo da eclíptica, e apesar de ser uma faixa discreta, sua luminosidade
- 146.A superfície de Júpiter é completamente coberta de nuvens. **A atmosfera**, que **se estende** em altitudes gigantescas com relação à superfície, faz com que a pressão atmosférica do
- 147.mais da metade da área territorial do país, descrevendo **uma grande área** que **se estende** desde a região banhada pelo Oceano Ártico até a região em torno da Baía de
- 148.**A glândula frontal, nos soldados de Coptotermes**, é bem desenvolvida e geralmente **se estende** por grande parte do abdome. Como resultado disso, o abdome geralmente apresenta coloração
- 149.serem bem diferentes. A troposfera localiza-se **na parte inferior da atmosfera terrestre** que **se estende** da superfície até aproximadamente 40 km / 60 km acima da superfície da Terra
- 150.inclusos em uma coluna cilíndrica com seção transversal de 1m² de **área** e que **se estende** ao longo do sinal s entre o satélite S e o receptor R. A
- 151.100% de participação. A participação em cooperativas é maior **na região geográfica** que **se estende** por uma grande faixa na região central, atravessando o Estado de São de Paulo
- 152.A região do infravermelho próximo (NIR), como definida pela IUPAC, **se estende** de 780 a 2500 nm. O espectro NIR é constituído de bandas de absorção
- 153.e continentais (Figura 1). **O litoral sudeste ou das escarpas cristalinas se estende** do sul do Espírito Santo até Cabo de Santa Marta (SC), sendo
- 154.na América do Sul corresponde à área relativa à Cordilheira dos Andes, apresentando **uma extensão** que **vai** desde a Venezuela até o sul do Chile com uma distância de mais
- 155.presentes em outros tecidos. Seu comprimento é bastante variável, abrangendo **uma faixa** que **vai** de alguns mm até cerca de cinquenta e cinco centímetros
- 156.y. Imaginemos então um vetor que **parte** do ponto (0,0) e **vai** até o ponto (1,1). A componente no eixo x que **vai** de 0 a 1 é 1
- 157.romanos. **Uma de suas principais vias de acesso**, chamada Estrada Real, **se estendia** por mais de dois mil e quinhentos quilômetros e ligava Susa a Sardis, permitindo
- 158.arte moderna e contemporânea do mundo. Enquanto vai-se subindo **a grandiosa rampa** que **se curva** do chão em direção à cúpula, podemos apreciar inúmeras obras-primas de mestres da arte
- 159.A zona de maior altitude na América do Sul corresponde à área relativa à Cordilheira dos Andes, apresentando **uma extensão** que **vai** desde a Venezuela até o sul do
- 160.de pesquisa. Situa-se em Washington, estendendo-se de ambos os lados **pela alameda** que **corre** em direção ao Capitólio. São várias construções bastante grandes, que congregam um riquíssimo
- 161.fixa-se fortemente na camada muscular, através **do tecido conjuntivo da lâmina própria**, que **penetra** entre as fibras musculares. A superfície superior deste órgão é rugosa por causa da
- 162.período e da peste bubônica. Assim, Portugal tornou-se passagem obrigatória **no caminho** que **levava** do Mar Mediterrâneo ao Mar do Norte e vice-versa. Essa posição privilegiada impulsionou grandemente
- 163.Os ductos biliares gradualmente se alargam e se fundem formando **o canal hepático** que **sai** do fígado. A organela mais evidente do hepatócito é o retículo endoplasmático, tanto
- 164.seu tamanho. Só para que se tenha uma idéia, **a rota principal** que **seguia** para a Grécia possuía quase seiscentos quilômetros de extensão de estrada bem planejada e construída
- 165.Amazônia A Amazônia é o maior bioma terrestre do planeta, **cuja área avança** em nove países da América Latina (Brasil, Paraguai, Bolívia, Peru,
- 166.**região** que **vai** da testa a parte do couro cabeludo. O frontal conecta-se com os ossos parietais
- 167.a velocidade e força do movimento. Por outro lado, **um pequeno músculo** que **vai** do úmero à extremidade da ulna, o anconeus, está envolvido na distensão
- 168.da extremidade dos órgãos respiratórios. Assim, a pleura mediastinal ocupa **uma região** que **vai** do esterno à coluna vertebral. Além de oferecer
- 169.AMÉRICA DO SUL: Habita **a faixa tropical da América do Sul**, que **vai** do norte da Argentina até ao nordeste da Colômbia Hábitos: Diurno, Noturno,
- 170.obturatória é **mais um vaso de grande importância** que **parte** das artérias ilíacas internas, atravessando a região da pelve através das laterais do canal obturatório. Essa artéria também apresenta
- 171.composta basicamente de rochas cristalinas. **Os rios dessa área correm** para o leste, atravessando o Agreste e a Mata. Por outro lado, os rios que **vão** para o norte atravessam terrenos de idades muitas variadas.

172. eles são músculos extrínsecos ao olho que estão inseridos na parte posterior da cavidade orbital, em torno do canal óptico, constituindo **um anel tendíneo comum** que **se estende** lateralmente até a margem do osso esfenóide.
173. **O músculo reto inferior insere-se** na porção inferior do anel, ligando-se à esclera através de uma expansão tendínea situada cerca de 6,5 milímetros abaixo da córnea.
174. **O músculo reto superior parte** da porção superior do anel tendíneo, ligando-se à esclera da mesma forma
175. **A artéria vertebral sobe** pelo pescoço a partir do forâmen transverso da sexta vértebra cervical e, em seguida, percorre o restante da coluna. Após alcançar o arco posterior do atlas, **penetra** na cavidade craniana pelo forâmen magno.
176. **a artéria colateral ulnar inferior** leva sangue para a extremidade superior desse osso do antebraço. Contudo, está relacionada a outros músculos como o braquial à região articular do cotovelo, onde a artéria braquial bifurca-se. Em seguida, percorre todo o braço **chegando** até as mãos
177. **A artéria radial penetra** na mão sob o músculo adutor do polegar e, na altura do quinto metacarpo
178. centro do disco oral encontra-se a boca, a qual leva a **uma faringe** que **segue** internamente pela coluna, **levando** a uma cavidade gastrovascular, onde se processa a digestão
179. **Tais estrias**, especialmente a lateral, **estendem-se** até o córtex olfativo, local onde se realiza a sensibilidade olfativa consciente.
180. **O nervo olfatório parte** das regiões olfativas de cada cavidade nasal, localizadas em sua parte mais alta, atravessa pequenos orifícios do osso etmóide do nariz (a lâmina crivosa), e desemboca no bulbo olfatório.
181. **O São Francisco**, principal rio desta bacia, apresenta uma extensão de cerca de 7.500 quilômetros. Nasce na região da Serra da Canastra, Minas Gerais, **atravessando** do sul ao norte os Estados compreendidos por sua bacia
182. do território norte-americano, **cuja extensão latitudinal vai** desde regiões ao norte do Círculo Polar Ártico até regiões ao sul do Trópico de Câncer
183. A participação em sindicatos é maior **na região geográfica** que **se estende** por uma grande faixa na região central, atravessando o Estado de São Paulo de oeste a leste, atingindo, inclusive, a região nordeste e sudeste (Figura 36)
184. a partir deste ponto, **o rio** fica conhecido como o Amazonas propriamente dito, atravessando o território do Pará e **estendendo-se** até sua desembocadura no Oceano Atlântico. Bacia dos

Oral

185. avenida - ninguém sabe nem a prefeitura sabe - o nome - de **uma daquela ponte** que **vai** dos fundos - do: teatro Santa Isabel - para o princípio -
186. e depois vem toda cheia de cabelo - eu já vi um cavalo que **o cabelo ia** até o pé - o pêlo do rabo - ia até o pé -
187. éh: o horizon / a **a praia** - se es / parece que **se estende** até o horizonte - porque a água realmente desaparece - fica numa () quase
188. o navio aqueles apetrechos exteriores - só tem um um () **um cano** que **sobe** e o indivíduo começa a olhar - através daquilo - não sei o que é
189. **uma escada** - em - pé - em pé - de: ferro - que **levava** a essa área - de colocação das valises - maletas e - caixas aqueles baús

CORPORA NILC/São Carlos

Jornalístico CETENFolha

Cotidiano

1. Na região central, será feita uma interligação com **o tronco leste da ferrovia que vai até** Mogi das Cruzes, para que os moradores da região alcancem o centro da cidade, na 'tação da Luz
2. O bloqueio vai acontecer **no trecho que vai de** 100 m antes da ponte da Rodovia dos Bandeirantes até 400 m após a ponte da rodovia Anhanguera
3. O ministro dos Transportes, general Rubem Bayama Dênis, anunciou anteontem em Manaus a liberação de US\$ 4 milhões para a recuperação de trechos da rodovia Br-174, que liga Manaus a Boa Vista (RR), e **da Br-319, que vai de** Manaus a Porto Velho (RO).
4. Estão autorizadas pela Justiça somente as desapropriações **no trecho de Pinheiros, que sai da** Pedrosa de Moraes e **vai até** o largo da Batata.

5. Quando as portas se abriram, a fila de pessoas com ingresso **dava a volta completa** na quadra do Olympia
6. **A Rodovia Castelo Branco**, que **segue para** o oeste do Estado, apresenta vários pontos com neblina
7. **O caminho**, com cerca de 60 centímetros de diâmetro, **atravessa** por baixo do pavilhão 7, **passa** pelo pátio do presídio e atinge a muralha, após percorrer cerca de 40 metros.
8. Uma das principais mudanças é a construção de rampas de acesso **da avenida Washington Luiz** (que **passa em frente** ao aeroporto) direto para os novos estacionamentos.
9. Além do material sucateado, **da 'cada magirus (que sobe** na vertical) quebrada, os bombeiros contam com apenas cinco carros de combate ao fogo para atender dez municípios da Grande Florianópolis .
10. O bairro de Riviera Paulista, **uma pequena ponta de terra que avança** sobre a represa de Guarapiranga (zona sul) , é o paraíso dos caubóis urbanos
11. Quando ia entrar **na 'trada que leva** para sua casa, Urakami deparou com um grupo de garotos, entre os quais Diego, que brincava com sua irmã Marli, 12
12. **Das rodovias** que **saem** da cidade, a mais segura é a dos Trabalhadores, que **leva a** São José dos Campos .
13. A interrupção aconteceu a 120 quilômetros de São Paulo, antes do entrocamento com **a rodovia Manoel da Nóbrega (SP-55)** , que **vem de** Peruíbe .
14. Barbosa firmou ainda que o terremoto foi provocado pelo atrito de duas placas tectônicas, **a Nazca, que vem do fundo** do oceano Pacífico, e a Sul-Americana, do oceano Atlântico.
15. Ao **passar** sob a rodovia Fernão Dias **o rio atravessa** umas manilhas que vão sendo obstruídas pelo lixo.

Turismo

16. O único acesso rodoviário é **pela Br-101, que vai a Recife**
17. **O trecho mais apreciado do rio é o que vai de** Viena a Linz (Áustria)
18. Desde **a 'trada que vai de** Rio Gallegos, na Argentina, a Punta Arenas, no Chile, se pode ver as costas em que Magalhães e seus homens fizeram história .
19. Muitas das lojas 'tão em Kharak Singh Marg **rua que vai de** Connaught Place até o correio .
20. Segundo Roberto Bosco, 47, pesquisador do IAG (Instituto Astronômico e Geofísico) **a faixa que vai de** Foz do Iguaçu a Criciúma, em uma largura de 200 quilômetros, é a melhor para a observação científica.
21. **A fronteira Peru-Bolívia faz uma curva** acentuada no lago Titicaca para deixar do lado boliviano a península de Copacabana, onde 'tá a cidadela de mesmo nome e as ilhas do Sol e da Lua
22. **A rua principal**, a Viale Verdi, **segue em** suave aclive até alcançar o parque em que se 'palham as principais nascentes: a Leopoldina, a Regina e a Tettuccio, há muito considerada a casa mais elegante
23. **A rodovia passa** a uma distância entre dois e nove quilômetros do mar, atravessa 15 rios e possui um quilômetro de pontes .
24. **O percurso até Key West passa por mangues** e sobre as águas azuis do Caribe
25. A falta de conforto é compensada pela vantagem de que **o caminho passa por regiões** de belas paisagens .
26. Na Ribeira, **a serra coberta de Mata Atlântica entra** mar adentro, enquanto um córrego **serpenteia** na pequena enseada verdejante.
27. A partir d'sa profundidade, **a luz que penetra** na água não permite que se veja a cor vermelha .
28. **O rio Branco penetra** sob a montanha na gruta da Pratinha e **sai** do outro lado, na gruta Azul
29. **O rio Estige mergulha** em um desfiladeiro de 183 metros e depois **corre por** uma garganta .
30. Um cabo, ensinam os dicionários, é **uma faixa de terra** que **entra** pelo mar o oposto de fiorde, que é **uma porção de mar que avança** pelo continente, como acontece na Noruega e Suécia .
31. O local de decolagem fica **num morro que avança** sobre o mar entre as praias de Camburi e Boiçucanga, a 170 km de São Paulo .
32. Na verdade, o que viria a ser o parque Stanley era **uma península que avançava** sobre a baía .
33. Não há como não se sentir bem atravessando o Tiergarten principal parque de Berlim **pela avenida 17 de Junho, que leva até** o Portão de Brandemburgo .
34. A praia de Trunk Bay tem **uma trilha submarina natural**, que **leva a** um recife de corais .
35. **A avenida que conduz** ao distante aeroporto, até há poucos anos desabitada, 'tá povoada por indústrias e locadoras de automóveis .
36. Ali termina os 400 km da «Uganda Railways», **a 'trada de ferro que vem de** Campala .

Ilustrada

37. Assim, deitado de costas, com as pernas para cima, em posição de bicicleta, e tendo o edredão como uma bolha inflada, envolto **na região que vai de** baixo do abdômen à forquilha das pernas, Bull sentia sua mão e 'ta o seu corpo .
38. Daí descendo **a 'cadinha que vai para** a pista, o André me puxou pela mão e, sem enxergar nada, achou que não tinha mais degrau .
39. Numa sessão de autógrafos na megaloja HMV, a legião de fãs (maioria teens) formou **uma fila que saía** para a rua e **dava a volta** no quarteirão
40. **A Transiberiana**, a ferrovia que «não tem similares», **atravessa** 8531 km e sete fusos horários — **corre** ao encontro do Sol durante oito dias e nove noites
41. **É um anfiteatro que sobe** por uma montanha .
42. N'sa aldeia, existe **uma ladeira que leva até** o vale
43. Heitor sempre ficava por perto, na maioria das vezes 'condido no vão **da 'cada que levava para** os quartos .

Brasil

44. **O rio Kamtchatka corre para** a parte de baixo da imagem .
45. **Uma mancha de sangue que descia** do nariz e sujava o casaco denunciava sua morte

Mundo

46. Um dos objetivos é retomar **a 'trada que vai de** Kigali à fronteira com o Burundi.
47. **A rua com três pistas corre de** norte a sul a poucos quarteirões do mar .
48. **Um duto de gás natural que corria sob** um condomínio residencial em Edison (Nova Jersey) explodiu ontem de madrugada, matando uma pessoa e deixando pelo menos 32 feridos e centenas de desabrigados .
49. As vítimas dos adidos são lançadas à pilha de lixo acumulada ao longo **da 'trada Batimat**, que **leva** a Cité Soleil .
50. Os rebeldes da Unita emboscaram no fim-de-semana alguns carros e mataram oito civis, entre eles dois portugueses, **numa 'trada que leva a** Luanda, disse ontem um porta-voz militar de Angola .

Mais

51. A mais convincente é um fragmento de occipital com um «foramen magnum» orifício pelo qual **a medula 'pinhal penetra** no cérebro, e cuja forma varia com a postura natural do indivíduo .
52. **O rio corre por** cerca de cinco milhas através de bosques e vales e depois **mergulha** em cavernas imensuráveis na direção de um oceano sem vida

Esporte

53. **Na rua interna dentro do hotel que leva para** o prédio onde 'tão os quatro, agentes de segurança tentaram impedir a entrada da reportagem em três momentos diferentes .

Dinheiro

54. Estamos concentrados na construção da **Ferronorte, que vai de** São Paulo a Cuiabá», diz .

Folhateen

55. Americano que é americano tem tara pela vida, e adia a morte até onde **o universo faz curva**.
56. De El Calafate fomos à área do parque nacional Los Glaciares (Argentina) e visitamos o glaciário Perito Moreno, **um rio de gelo branco azulado que desce** do pico das cordilheiras e desprende enormes blocos gelados nos lagos de águas turquesas e azuis, rodeados por bosques multicoloridos habitados por raposas, lebres, guanacos, condores, águias e outras aves .

Informática

57. Se existe uma capital da televisão high tech, interativa, ela 'tá aqui: **um trecho de rodovia que vai de Englewood até Boulder, passando por Denver, no Colorado (Eua)**

Opinião

58. Agora tome-se a principal rodovia brasileira, **a Br-101, que vai de um Rio Grande (o do Sul) ao outro (o do Norte)**

Ciência

59. No início do século, **a região de mangues de Cubatão se estendia por mais de 130 quilômetros quadrados.**

Revista

60. Nas férias de verão, são seis opções de trilhas que podem ser bem simples (como **a do Bonete, que vai até um vilarejo de pescadores e pode ser feita por crianças**)

Jornalístico (outros)

61. Os peritos explicaram ontem que a tragédia poderia ter sido bem maior: é que o gás continuaria se acumulando e, como **a laje oca subterrânea se estende por** toda a estrutura da obra, as explosões seriam maiores e poderiam ter matado mais gente
62. como se parasse para finalmente perguntar aonde **vai a estrada**, Milton interrompeu a entrevista com Domingo e desabafou: ' Por que sempre fazem entrevistas comigo sérias ?
63. **A fila se estendia** até a entrada do Espaço Sérgio Porto .
64. Nos dias de shows mais badalados os congestionamentos faziam **uma fila** que **ia** do portão principal até a História», lembra Irene
65. **O engarrafamento estendeu-se** por mais de dois quilômetros e alguns caminhoneiros protestaram, mas não houve incidentes .
66. **A tubulação** tem uma elevação pelas paredes externas e depois **segue por** dentro da laje por uma extensão de 60 metros até o centro do shopping .
67. Sua saia tinha **uma abertura do lado** que alguns diziam **que ia até** a axila, enquanto outros juravam que **chegava** à clavícula -- uma coisa .
68. A região do parque mais atingida foi o setor por onde **passa a estrada** que **leva** à Cascatinha e ao Pico da Tijuca.
69. Moradores criticam **trajeto reduzido**, que **passa** por ruas 'treitas de áreas residenciais
70. O bloqueio do trevo de acesso à Sarandí, na região Norte do estado, começou às 14h30 e atingiu **a Br-386, que leva a** Frederico Westphalen, próximo à fronteira com Santa Catarina e a RS-404, em direção a Ronda Alta .

Texto Didático

71. Nos seres humanos, **o sistema nervoso** é complexo e **se estende por** todo o organismo, formando uma rede de comunicações entre a cabeça e todos os órgãos do corpo
72. abissal: **zona que vai** de 2 000 metros até as grandes profundidades
73. Observe, no mapa seguinte, que esta área de montanhas localiza-se na porção sul da Europa, formando **uma grande faixa que vai** desde a Espanha até a URSS .
74. **A zona nerítica vai desde** a linha das marés até 200 metros de profundidade .
75. **A zona abissal vai de** 2 000 metros até as grandes profundidades
76. **Esse conduto sai** da bolsa, **passa** pela prega inguinal (virilha), **penetra** no abdome, recebe o líquido seminal, produzido pela vesícula seminal correspondente, **atravessa** a próstata, onde também recebe o líquido prostático, e desemboca na uretra .

77. A ponta (ou terminal) **do cano que entra no** reservatório tem um nível de energia potencial maior que o terminal (ponta) **do cano que entra** na caixa residencial .
78. **O tubo polínico** geralmente **penetra** no óvulo através da micrópila, sendo que o núcleo da célula vegetativa, ao entrar em contato com o saco embrionário, degenera-se .
79. O continente Antártico, com **uma área aproximada de 14 milhões de km², estende-se** em torno do Pólo Sul e está circunscrito pelo Círculo Polar Antártico aos 66°33' de latitude sul, exceto a Península Antártica **que atinge** menores latitudes em direção à América do Sul.
80. Considerando apenas a parte situada em território brasileiro, **a floresta se estende pelos** estados do Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Amapá, Roraima, e ainda parte de Tocantins e Mato Grosso.
81. O zigoto também inicia as divisões mitóticas, dando origem ao embrião, que, maduro, consiste basicamente em epicótilo, uma ou duas folhas denominadas cotilédones e **um eixo abaixo dos cotilédones denominado hipocótilo**, que **se estende até** uma raiz embrionária denominada radícula.

Enciclopédia

82. **Camada atmosférica da Terra que se estende** até 50 quilômetros da superfície.
83. **Artéria poplítea que se estende** à frente dos contornos do fêmur.
84. **Coluna óssea flexível que se estende** do crânio à cintura.
85. **Oso achatado que se estende** da base do pescoço à porção inferior ao diafragma .
86. Troposfera -- **Uma camada superficial que se estende** até 16 quilômetros de altitude a partir do Equador até 8 quilômetros a partir dos pólos
87. Delimita-se também, entre a troposfera e a camada adjacente (estratosfera) uma camada intermediária, **a tropopausa, que se estende** de 16 a 48 quilômetros de altitude. A temperatura cai em altitudes mais elevadas, à média de 11,5 C para cada quilômetro.
88. Termosfera -- **esta camada se estende desde** 80 quilômetros até por volta de 496 quilômetros .
89. **Esta camada se estende de** 496 quilômetros, constituindo a camada limítrofe da atmosfera com o espaço.
90. Tal linha longitudinal é chamada Meridiano de Greenwich, nome proveniente da cidade inglesa por onde **o meridiano atravessa**

Literário

91. O velho fidalgo avistou de longe seu filho D. Diogo e Álvaro passeando ao longo **da cerca que passava no fundo** da casa; fez-lhes sinal de que se aproximassem .
92. O índio tirou a sua faca, e cerceando a cúpula dessa torre em miniatura, deixou a descoberto **um buraco que penetrava** pelo interior da terra, e decerto ia ter à baixa onde estavam reunidas as pessoas que conversavam .
93. Os moços obedeceram prontamente, e acompanharam D. Antônio de Mariz até o seu gabinete d' armas, pequena saleta que ficava ao lado do oratório, e que nada tinha de notável, a não ser a portinha de **uma escada que descia** para uma espécie de cava ou adega servindo de paiol .
94. Cecília falando ao moço não pôde deixar de corar; mas venceu a perturbação e seguiu com sua prima para **a escada que descia** ao vale .
95. A casa ficava ao centro do terreno, **elevava-se** sobre um porão alto, tinha **um razoável jardim** na frente, **que avançava** pelos lados, pontilhado de bolas multicores; varanda, um viveiro, onde pelo calor os pássaros morriam tristemente .
96. A barretina era **um tronco de cone que avançava** para a frente; e, com aquela banda roxa e casaquinha curta, parecia ter saído, fugido, saltado de uma tela de Vítor Meireles» .
97. Depois que transpuseram **o braço corrente do mar que vem da** serra de Tauatinga e banha as várzeas onde se pesca o piau, viram enfim as praias do Mearim, e a velha taba do bárbaro tapuia.
98. Uma cortina de musgos e trepadeiras lastrando pelas bordas do profundo precipício cobria as fendas da pedra; por cima era um tapete de verde risonho sobre o qual adejavam as borboletas de cores vivas; embaixo uma cava cheia de limo onde **a luz não penetrava** .
99. formando sombrosa e úmida galeria, onde **o sol penetrava** horizontalmente, por entre os grossos troncos nodosos e encascados

Ensaio

100. Em seguida vamos encontrar a **ionosfera que se estende** dos 60 km até os 800 km, que será a camada que mais vai nos interessar, pois é ela a responsável pela propagação da onda espacial, proporcionando comunicados via rádio a grandes distâncias.
101. Neste relato, o vulgo «Inglés de la Colorada», visitado pelo narrador (chamado Borges) na sua fazenda no Uruguai, tem **uma repugnante cicatriz que vai desde** sua têmpera à sua boca, lembrando uma meia-lua, como nos informa a frase inicial do conto: «Le cruzaba la cara una cicatriz rencorosa: un arco ceniciento y casi perfecto que de un lado ajaba la sien y del otro el pómulo»
102. O interessante na solução de Jim, WY4R, é que **a linha de transmissão** não **vai** deste balun direto ao transmatch, mas intercala, depois de um comprimento de 6,7 m de cabo coaxial RG213U, mais um balun «simetrizador» 1:1,
103. e dali **outro cabo RG213U vai até** o transmatch, em comprimento que pode chegar de 20 a 30 m.. A linha de transmissão deve afastar-se da antena perpendicularmente, até uma distância mínima de 20 m.. Ao que tudo indica, a secção de cabo coaxial de 6,7 m tem papel no sistema irradiante, pois sua malha externa fica «flutuando» com relação ao cabo coaxial .
104. Em retrospectiva, o aspecto mais notável daquela pergunta é o detalhe que Borges achou tão impressionante e inconfundível a respeito do fictício ditador do Paraguai: **a cicatriz que cruzava** do nariz à têmpera.
105. As suas feições eram bem marcadas e tinha um rosto adunco; a sua expressão era arrogante e ameaçadora; sua aparência total era a de um homem ativo, rápido, violento e inescrupuloso; e seu abundante cabelo branco e **sua profunda cicatriz de sabre**, que **atravessava** do nariz à têmpera, acrescentava um elemento selvagem a um rosto por si já notável e ameaçador.

Revista

106. **O campo magnético de Júpiter**, milhares de vezes mais forte que o da Terra, **se estende por** mais de 10 milhões de quilômetros .
107. É **um cabo** que **sai de** New London, no Reino Unido, e **vai até** Tóquio, no Japão .
108. Com 60 centímetros de largura, o **túnel atravessou** todo o pátio, de cerca de 40 metros de extensão, **passou** por baixo da parte subterrânea da muralha, a três metros do solo, superou um charco e, finalmente, atingiu a casa em que mora o aposentado Manoel Alves de Jesus, 61 anos.

CORPUS NURC

1. Bom, o Rio de Janeiro é **uma cidade** que **se estende** de uma faixa estreita imprensada entre o mar e a montanha e ocupando nessa faixa os chamados bairros da zona sul, sendo banhada desde o centro da cidade até hoje em dia a Barra e o que vem a ser a estrada Rio-Santos, que acabará provavelmente por ligar o Rio de Janeiro a São Paulo.
2. No norte do Paraná até, até aquela indústria do Klabin, né, e normalmente eles usam ali o pinheiro e o, ali tem **uma plantação enorme de pinheiros e de eucaliptos** que **se estende** até quase a Sete Quedas.
3. Acredito que não, tinha **um riozinho** que **passava** no fim, tinha até uma cachoeirinha, bonita. Era um terreno mais ou menos acidentado esse, não era grande, agora tinha água bastante.
4. E o aspecto assim de, geográfico, de relevo? Desse por onde **passa a estrada velha**, você podia dizer?
5. Manga raglã é **aquela inteira** que **segue** da, da blusa sem recorte. **Ela vem** inteira **saindo** as mangas.
6. (riso/sup.) que era típico, era até ... (riso) Não, não sei como é que chama isso não, sei que é a perna tipo do Garrincha, assim como é que é, curva, com **o osso curvo, fazendo uma curva**, em vez de estar reto, né? Eu sempre, eu pelo menos sempre ouço falar que é perna tipo do Garrincha, que era típico que tinha as pernas assim, apesar de que fosse, fosse um excelente jogador de futebol
7. A Foz é a cachoeira! Não é só a cachoeira também. O rio Paraná lá é muito bonito, viu? O pôr-do-sol em cima do rio Paraná, lá é maravilhoso, porque **ele faz** perto da cidade **umas curvas** e lá já é bem sul
8. olha... a... a casa da Carolina né que é onde a gente fica... é assim... ela... ela **a forma dela faz um " T "...**
9. tem? tem **desse banquinho que faz um "x"...** tem muito... ah... mas
10. Uma plantação de café é em termos de tamanho um negócio monstruoso, enorme, né? Eh, existem fazendas de café, você pega aquela rodovia do, do café, chama, se não me engano, Castelo Branco, se não é Castelo

Branco é Fernão Dias Pais, você vê **uma autoestrada lindíssima** que tem, que **sai** de São Paulo e **vai** até, **vai** até o, pega todo o norte do Paraná, você pega aquela região, você vai vendo ali as plantações de café um pouco fora da estrada. É um espetáculo.

11. **A estrada**, por exemplo, que **vai** de, de Teresina a São Luís é uma estrada plana, né, não tem muitas subida, muita descida, muito (sup.)
12. Agora tem, tem duas, não sei se vocês repararam que há uns cortes assim como, cortando a, o quarteirão uma espécie de **fatia de queijo** que **vai** de uma rua a outra.
13. então fui apanhar em Campinas... mas devido a... ao traçado da linha... tive que vir até Barra do Pirai... porque o trecho principal era **a linha do centro**... que **vai** de Barra do Pirai a Belo Horizonte... então tive que fazer esse trajeto todo num carro a cinco quilômetros por hora...
14. No norte não, no norte ainda há praias brancas, extensas, muito bonitas, Fortaleza, por exemplo, e que **a praia vai** até uma extensão enorme e as casas são praticamente na praia, vivendas, o que deixou de existir já no Rio.
15. É. Sim, ela não é cercada de praias, porque há lugares em que **a montanha vai** até a praia.
16. LOC. - Ah, o jaleco, você ... É um, é **um avental**, não é, que **vai** até a altura do joelho e de manga comprida. Nós chamamos jaleco.
17. LOC. - É um, uma, **uma bota** que **vai** até a altura do tornozelo, mais ou menos, você usava aquilo com, obrigatoriamente com meia preta e usava calça cáqui com uma lista vermelha, bem psicodélico
18. A casa por fora é branca, tem um pequeno muro rodeando a casa, branquinho também, **um caminho** que **leva** da porta da casa até o portãozinho de entrada, em cimento, e dois coqueiros colocados bem em frente à casa
19. Então, essa, essa paisagem que eu conservo do Flamengo é uma paisagem de casas, eh, são casas, não havia o aterro, era pa... praia, hum, eu, eu vi o campo do Russel quando come... quando se fez o campo do Russel, porque o, a praia, **a Glória ia** até onde está hoje o relógio da Glória, ali é o mar
20. **A ceroula do homem ia** até o tornozelo, não é? Calça comprida e ceroula até o tornozelo, não é?
21. Minha filha, quando eu tinha, eu morei na rua Barão de Flamengo, eu era criança, onde hoje tem um edifício na esquina da Praia do Flamengo era um balneário. **O mar vinha até** ali, até a rua, a tal rua do Flamengo, ali, bem na esquina ali, o mar vinha até ali.
22. Ah, o, o pé de mandioca é uma, um arbusto baixinho mesmo e de folhas pequenas, compridas, um verde fosco, eh, caules bem tenros, enquanto que o coqueiro, embora anão, bem maior, com as ramas de palmeira mesmo, um verde mais brilhoso, o coco dando em forma, sob **forma de cacho** que **chegava** até o chão, quer dizer, fácil de apanhar, de colher (sup.)

CORPUS C-ORAL BRASIL

1. *LCS: <aqui o'> // a [/1] **a rua faz uma curva** assim / na hora que cê / <vira à esquerda / **ela faz** isso / o'> //
*AJC: <ótimo> // <começa cedo / termina mais cedo> //
2. *LCS: e aqui / tem uma **entradinha** / que **vai** pra favela //
*JSA: uhn //
*LCS: <"favela"> / mesmo / não //
*JSA: <tá> //
- *LCS: mas assim / é aqueas casinhas já / <humildes> //
*JSA: <sei / um lugar mais perigoso> / né //
3. *AND: <vai sempre na pista do meio> //
*BRU: lá de Sete Lagoas até aqui / essa pista aqui / n' é não //
*AND: do quê // não // <essa aqui nũ sai em> Sete Lagoas não //
4. *BRU: <essa aqui volta> // não //
5. *AND: **essa aqui vai** po Rio de Janeiro //
6. *FLA: <xxx / legal> // tem uma casa / aqui / que eu já vi // uma +
*LUC: <essa aqui é uma> [/1] uma loucura //
*FLA: <essa aqui / né> // <&f> +
*LUC: isso do [/1] <do> [/1] <do &F> +
*FLA: <que a> **cachoeira passa** <nela> //
*LUC: <é> // <do Frank> &Llo Lloyd Wright // aqui // aqui a &ba [/2] o [/1] &o [/1] &a [/1] o esquema dela //
como é que funciona / né //
*FLA: hum hum //
- *LUC: a água passa no meio dela / bicho // isso é muito louco //
- *FLA: ah / é cê morar numa floresta / mesmo / né //
7. *JMG: <é> // mas **aquela avenida ali** / que é a Tancredo Neves / **vai sair** lá na / Toca da Raposa //

8. *JMG: <e aí eu fui> / marcamos o dia / como era **uma / favela que desenvolvia** ao longo de uma faixa 9. das / linhas de alta-tensão da CEMIG / então tinha uma faixa / vamo dizer assim / de / **a linha passava** aqui no centro / cê tinha quarenta metro pum lado / quarenta <metros pro outro> //
10. *LUC: <ham ham> //dentro de casa **passavam aqueles cabos grossos / do aterramento** / que a [1] as <redes são todas> +
 *LUC: <que isso> //
- *JMG: tem uma malha / embutida no chão / que é p' poder descarregar o /1 hhh a energia // o [1] o [1] a descarga elétrica / <e o pessoal> construía no meio //
- *LUC: <que &i> +
- 11.*JMG: só nã podia [3] só nã valia cortar // os cabos // eles sabiam que nã podia cortar // então eles ficavam dando volta nos cabos // tinha **uns cabo <passando** ali do lado> da casa deles / né //
12. *MAR: aí só tem que consertar aqueles / &he / &he / usar um &m [2] menos / tubulação //
- *FAB: hum hum // pa poder jogar mais isso <aí / né> //
- *MAR: <pr' eu> deixar mais orgânica / né // <ou botar> **numa tubulação** / que tipo / **sai** lá do fundo / cê vê **ela vindo** lá no fundo / né / e //
- *FAB: <hum hum> // é / e se for jogar alguma outra agora / só se for por baixo disso aqui mesmo / assim//
- 13.*CAM: tava lá na beira do rio / e tal / os menino fazendo um showzinho lá / um lual / tem **uma ponte** / né / que **passa** em cima do rio assim // a muito doida pegou a carona com um muito doido e / conhecia ele não // ah / me leva lá na cidade // eu levo / monta aí // montou // aí a ponte é mais ou menos tipo / uns quarenta metros de largura // sem brincadeira / a ponte é imensa / imensa // o imbecil passou / tipo / na beirada da ponte / caiu no rio // a mulher morreu //
- 14.*VER: então // a minha idéia é colocar uma telha colonial // porque aí nã preciso pôr laje //
- *GIL: telha colonial é fantástico //
- *CAR: <é> / bonito / também //
- *VER: <tendeu> // com o [2] com o pé-direito duplo //
- *GIL: é // o pé-direito que é a altura ali do quarto do + o ponto mais alto do [1] do outro quarto //
- *CAR: do quarto do Lucas //
- *GIL: / ele é [1] é bem alto //
- *VER: isso // daquela altura / seria //
- *GIL: se / padronizar a partir dali /
- *VER: hum hum //
- *GIL: / fantástico //
- *VER: é isso que eu pensei //
- *CAR: acho que isso é um pouco mais alto // é aqui //
- *GIL: mas aí é complicado subir **aquele quarto** / <né> //
- *VER: <nã pode> ser muito mais alto / porque senão vai &s [1] **passar** acima da caixa d'água // tendeu // nós <temo que> resolver
15. *LIV: <não / eu nã quero> não//
- *GUI: aí cê descarta <yyyy> //
- *LET: <eu lembro> / o que que cê nã quer //
- *LIV: &nor [1] <nortelos> //
- *LET: <o' o norte> / o' / de quem que é // vale nada //
- *LIV: Nossa / tá parecendo que tem uma luz / aqui / o' //
- *GUI: um hhh //
- *RAL: é **uma luz que vem** do fundo //
- *LET: hhh o cheirinho / né //
16. *ELI: <mas lá tem uma barraca> + cê já viu um brinco meu que é de cerâmica // eu tenho dois / um que é [2] que a minha mãe me deu há pouco tempo / que é uma cerâmica pequenininha assim / pintadinha de / amarelinho / laranjinha / verdinho / assim / e tem **um que é comprido** / uma bolinha + é vermelho / assim // **vem** aqui / aí **faz um negócio tipo um leque** / assim / tem um negócio
- 17.*AJC: <já sei> // <ela desce / sai na Perdigão> / da Perdigão / tem como / cê pegar **a Contorno indo** pra lá
18. *LCS: é // aí na hora <que **a Prudente chega** na> Contorno / cê já pode pegar a Contorno à esquerda //
- 19.*LCS: <é> // e / depois **que ela segue** aqui um pouco / aí tem uma outra curva aqui / o' // que / vai dar na Raja Gabaglia //
20. *MAR: mas eu gosto às vezes de fazer a [2] tirar a costeleta aqui / o' // nessa altura da orelha / o' / Plauto//
- *BAL: <quase militar> / né //
- *MAR: <onde **passa os óculos**> // aí já fica um &pa [2] um pouco com <cara de doente>

ANEXO B

CONSTRUÇÕES DE MOVIMENTO FICTIVO TRANSITIVAS

CORPUS DO PORTUGUÊS

Ficção

1. na mata, no inferno, será um homem seguido. Os pés **na estrada** que **corta** o arruado de Jussari. É mais um desconhecido que passa, vindo
2. escola em Eldorado e outra na fazenda, de um asilo e **da ponte** que **cruxa** o rio, suficientes para a garantia do poder pleno. Tia Luiza, toda
3. ocupado, novo bairro. Lombadas nas ruas. Fui direto até **a ponte** que **cruxa** o Ribeira, a construída pelo meu pai. Parei o carro antes. Fui
4. num raio de alguns quilômetros partindo de Monte Santo se estende região incomparavelmente mais vivaz. **Recortam-na pequenos cursos d' água resistentes às secas.**
5. para as montanhas ao longe e para os campos. Seguíamos pela Panamericana. **A estrada acompanhava** o relevo suave, entrecortado por rios tortuosos e de águas claras e pontilhado
6. entes, é **a rua interminável**, que **atravessa** cidades, países, continentes, vai de pólo a pólo; em que se alanceiam todos os ideais, em que
7. **A grande tarja negra debruava** a costa da Bahia ao Maranhão, mas pouco **penetrava** o interior. Mesmo em franca revolta, o negro humilde feito quilombola temeroso,
8. do Macambira, aquém das cumeadas do Cocorobó e **a estrada de Jeremoabo** que o **atravessa**; para o norte, derivando para a vasta planície ondeada; para o ocidente
9. de um despenhadeiro. Era a melhor vista do vale e **do rio** que o **cortava** bem no meio, ladeado por duas fileiras de árvores a meu ver monstruosamente frondosas
10. no corredor o candeeiro, a luz chegando à sala **numa faixa fina**, que **cortava** o chão e a parede, a rede, os pés de Bernardo. De
11. uma porção de Sequeiro Grande. As terras na outra margem **do rio**, que **cortava** a mata, seriam divididas entre os que o ajudassem. Além disso, como
12. Uma hora Senhor me disse. E aproveito para andar. **O rio Douro corta** a cidade como valão pluvial tanto que para vislumbrar o erguer dessa província próspera temos
13. O rosto trazia a marca duma travessura da infância - **uma cicatriz** que começava na pálpebra do olho esquerdo, **cortava** obliquamente a sobrancelha basta e **avançava** uns três centímetros testa acima, esbranquiçada contra o tostado da pele.

Notícia

14. Os ralizeiros seguiram viagem à tarde, depois que Leonardo voltou melhor. Sobre **a ponte** que **atravessa** o rio Coreau, no município cearense de Granja, mais uma cena
15. romeiros esperavam - rezando e cantando - seu momento de ver o religioso em **uma fila** que **alcançava** três quilômetros no final do dia. Quinze pessoas desmaiaram ao chegarem perto
16. recolheram a as celas de o pavilhão. **O túnel** começava em o banheiro de a alfaiataria e se estendia por 10,5 metros sob o prédio, **avançando** 0,5 metro em o pátio externo rumo a a muralha, distante 19,5 m
17. tratando da questão da reabertura da Estrada do Colono, interdita **no trecho** que **corta** o Parque Nacional do Iguaçu. Werner Wanderer tem feito marcação cerrada junto aos ministros
18. parabólica foi instalada na frente da casa, ao lado de **um caminho estreito** que **corta** o jardim florido. A maioria das habitações está concentrada em duas vilas distantes cerca
19. morreram em os últimos dois dias. As águas de **o rio Mundaú**, que **corta** dez municípios de o Estado, foram contaminadas com vinhoto, um dejetos de a
20. Orçamento Participativo, foi colocada **uma rede na área próxima a BR 290**, que **atinge** poucas residências, além de escolas e postos de saúde. Sendo uma área de
21. acessível por meio de **uma trilha**, com cerca de 4 quilômetros, que **atravessa** uma floresta tropical úmida e termina em uma área de vegetação seca. Há quem
22. por ano, a fim de testar a eficiência do mecanismo. **O complexo** que vai do Sarandi a Ipanema, **acompanha** os diques, freeway, avenida Castelo Branco

Acadêmico

23. origina-se junto à borda inferior do músculo subescapular, a partir da continuação **da veia basilica** que **percorre** toda a superfície do braço.
24. 100% de participação. A participação em cooperativas é maior **na região geográfica** que se estende por uma grande faixa na região central, **atravessando** o Estado de São de Paulo
25. origem há apenas um conjunto único de fibras musculares, mas, à medida que **percorre** a coluna, essa **massa muscular** divide-se em três ramos. A principal função desses
26. junto à bacia, e funde-se ao tendão do quadríceps. **O vasto intermediário** também **percorre** esse mesmo trajeto, contudo, sobrepõe-se aos músculos vasto lateral e vasto medial
27. aliás, é bastante ramificada, apresentando ramos musculares, **o ramo perfurante** que **alcança** o tornozelo, o ramo comunicante e ramos maleolares mediais e laterais. Além da
28. na última região citada seu ponto mais alto com a Serra do Tumucumaque, que **atinge** cerca de 500 metros. População Grande parcela da população do Estado, formada por
29. elevadas altitudes na África trata-se **da região do Monte Kilimanjaro**, na Tanzânia, que **atinge** em seu pico vulcânico a altitude de cerca de cinco mil, oitocentos e noventa
30. a apresentar uma amplitude bastante elevada, como **a do Canal da Mancha**, que **atinge** os dez metros, e a da baía de Fundi, **atingindo** esta os vinte e um metros.
31. predominantemente montanhosa, sendo sua região central ocupada por **um maciço montanhoso contínuo**, que **atinge** mais de 800m em alguns morros, constituído de rochas metamórficas do Pré-Cambriano Inferior,
32. arteriosclerose. À medida que a quantidade de gordura aumenta, forma-se **uma placa** que **penetra** o interior dos vasos, onde começam a acumular-se plaquetas, formando-se um coágulo.
33. casos, o osso é menor do que entre nós e **sua extremidade distal** não **alcança** a junta do tornozelo. Por outro lado, em certos animais, que realizam
34. células do que aquela presente no restante do linfonodo. Dessa forma, **a medula alcança** a superfície do linfonodo. No hilo chegam e partem os vasos sanguíneos que suprem
35. ao sul e centro-leste do território cearense. Localizado ao oeste, **o rio Poti atravessa** o boqueirão da Chapada do Ibiapaba e **corre** até o rio Parnaíba, pertencente ao
36. tupi-guarani, significa “rio-mar”, uma referência à grandeza do próprio **rio Amazonas**, que **atravessa** o Estado e desemboca no Oceano Atlântico na região litorânea ao centro-norte do território.
37. Piraí e Muriaé. **O Paraíba do Sul**, proveniente de São Paulo, **atravessa** o território fluminense no sentido sudoeste-nordeste, formando um vale entre as Serras do Mar
38. uma corrente elétrica em um fio. Vamos imaginar agora que **um campo magnético variável atravessa** um cubo de material condutor, que no caso pode ser o cobre. A
39. canalizá-las. § 2o O proprietário prejudicado poderá exigir que seja subterrânea **a canalização que atravessa** áreas edificadas, pátios, hortas, jardins ou quintais. § 3o O aqueduto
40. que irrigará parte da região interna do tórax. Além disso, **o segmento proximal cruza** o tecido adiposo axilar e, em seguida, **alcança** os músculos intercostais superiores.
41. IX). CAP8 e CAP9 localizam-se nas extremidades da transversal 2. **A T2 cruza** o eixo da T1, aos 244m de distância do ponto de origem da T1
42. e XII). BAP10 e BAP11 localizam-se nas extremidades da T2. **Essa transversal cruza** o eixo da T1 na região da BAP6. BAP10 localiza-se na franja voltada para
43. obturatória é **mais um vaso de grande importância** que parte das artérias ilíacas internas , **atravessando** a região da pelve através das laterais do canal obturatório. Essa artéria também apresenta
44. Ipojuca e Capibaribe. **O rio São Francisco** é o maior do Estado , **atravessando** a região sudoeste. Clima e Vegetação O clima que predomina no território pernambucano é
45. a partir deste ponto, **o rio** fica conhecido como o Amazonas propriamente dito , **atravessando** o território do Pará e estendendo-se até sua desembocadura no Oceano Atlântico. Bacia dos
46. composta basicamente de rochas cristalinas. **Os rios dessa área** correm para o leste , **atravessando** o Agreste e a Mata. Por outro lado, os rios que vão para o norte **atravessam** terrenos de idades muitas variadas.
47. **A artéria vertebral** sobe pelo pescoço a partir do forâmen transverso da sexta vértebra cervical e, em seguida, **percorre** o restante da coluna. Após **alcançar** o arco posterior do atlas, penetra na cavidade craniana pelo forâmen magno.
48. **a artéria colateral ulnar inferior** leva sangue para a extremidade superior desse osso do antebraço. Contudo, está relacionada a outros músculos como o braquial à região articular do cotovelo, onde a artéria braquial bifurca-se. Em seguida, **percorre** todo o braço chegando até as mãos
49. **A artéria carótida interna** está relacionada especialmente à circulação nos hemisférios cerebrais, nos olhos, e parte do nariz. Na região do pescoço, não apresenta qualquer ramificação, porém, ao logo que **penetra** a cavidade do crânio, origina outras artérias

50. **O nervo olfatório** parte das regiões olfativas de cada cavidade nasal, localizadas em sua parte mais alta, **atravessa** pequenos orifícios do osso etmóide do nariz (a lâmina crivosa), e desemboca no bulbo olfatório.
51. **o Rio Mississipi** desempenha papel de destaque, **atravessando** o território norte-americano desde a região adjacente aos Grandes Lagos até sua desembocadura no Golfo do México
52. A participação em sindicatos é maior **na região geográfica** que se estende por uma grande faixa na região central, **atravessando** o Estado de São de Paulo de oeste a leste, **atingindo**, inclusive, a região nordeste e sudeste (Figura 36)

CORPORA NILC/São Carlos

Jornalístico CETENFolha

Cotidiano

1. **A ciclovia**, que **percorre** toda a extensão do parque, tem duas pistas separadas por um caminho para pedestres, também para evitar acidentes, diz Margarida
2. O «piscinão» fica na cabeceira **da bacia da galeria** que **percorre** toda a avenida Pacaembu
3. **A pista que cruza** a praça Charles Miller 'tá interditada desde o início da semana .
4. O governador Carlos Santos (Pp) disse que pretende iniciar a construção da alça viária que ligará Belém **à rodovia PA-150, que corta** o Estado de norte a sul, em 800 km .
5. Nas margens **do rio Maranguapinho, que corta** 35 bairros da zona oeste da cidade, a Defesa Civil calcula que 2.600 pessoas ficaram desabrigadas
6. A atual carga de 'gotos no Alto Tietê, **trecho que corta** a região metropolitana, é de 1.100 toneladas por dia, sendo 700 de origem doméstica e 400 de procedência industrial .
7. Denys recebeu pedido de duplicação **da Br-101, que corta** todo o litoral catarinense
8. As vizinhas relatam o mesmo comportamento de Lula quando acontecem encontros ocasionais **na 'trada que corta** sua propriedade .
9. **O rio Piabanha, que corta** Petrópolis, transbordou .
10. O rio Tietê, **no trecho que corta** a cidade de São Paulo, 'tá hoje 30 % menos poluído que em 1991, quando começou o programa de despoluição
11. **O rio Negro, que corta** a cidade, transbordou na madrugada de ontem
12. **A marginal Tietê, que corta** a cidade de leste a oeste, 'tava virtualmente parada às 18h .
13. Segundo Feldman, o projeto deveria ser avaliado por um órgão federal por se tratar **de rio que corta** dois Estados .
14. Duas outras crianças foram levadas pelas águas **do rio Salgadinho, que corta** a cidade, e 'tavam desaparecidas .
15. Segundo o coordenador-adjunto do Projeto Tietê, Lineu Alonso, 43, a atual carga de 'gotos no Alto Tietê, **trecho que corta** a região metropolitana, é de 1.100 toneladas por dia, sendo 400 de origem industrial e 700 de origem doméstica (veja quadro n'ta página) .
16. A Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente comprovou a poluição **do rio Maguari, que corta** três municípios da Grande Belém
17. As águas **do rio Mundaú, que corta** dez municípios do Estado, foram contaminadas com vinhoto, um dejeito da produção do açúcar .
18. O prefeito de Campo Grande, Juvêncio César da Fonseca (PMDB) , afirmou que o governo federal dará R\$ 1,4 milhão para as obras de canalização **do córrego Prosa, que corta** o centro da cidade .
19. A Secretaria Municipal do Desenvolvimento do Meio Ambiente de Manaus (AM) constatou que peixes **do principal braço de rio que corta** a cidade, o Mindu, 'tão morrendo por poluentes que emitem gases tóxicos.
20. O que mais preocupou o diretor do Contru, Carlos Alberto Venturelli, foi o péssimo 'tado de conservação **da tubulação de 'gotos que corta** a galeria .
21. O principal tema em discussão são as alternativas para o controle da poluição **no rio Paraibuna, que corta** a cidade e é um dos mais sujos do Estado .

22. **O engarrafamento** parou 40 km de 'tradas na região de Niterói, além de **atingir** o centro e zona norte do Rio .
23. **O caminho**, com cerca de 60 centímetros de diâmetro, **atravessa** por baixo do pavilhão 7, passa pelo pátio do presídio e **atinge** a muralha, após **percorrer** cerca de 40 metros.
24. **O túnel Jânio Quadros**, que **atravessa** o rio Pinheiros, é a obra mais cara do governo Maluf .
25. As comunidades de baixa renda, localizadas às margens **do rio Potengi**, que **atravessa** a cidade de Natal, são as mais atingidas .
26. Ele disse ao delegado que arrastou o corpo de Rocha por 3 km **pela rodovia RS-020**, que **atravessa** várias cidades, até sua casa em Taquara .
27. **O túnel**, que **atravessa** o parque e um dos lagos do Ibirapuera, vai ligar a avenida Antonio de Moura Andrade à Rubem Berta continuação da 23 de Maio .
28. A maré alta no litoral de Peruíbe impede que baixem as águas **do rio Preto**, que **atravessa** a cidade
29. Em Cidade Jardim, **um túnel atravessa** o rio Pinheiros e desemboca na avenida Juscelino Kubistchek
30. A partir da ponte Morumbi, uma série de avenidas formam **um corredor** que **atravessa** a zona sul, o Abc e a zona leste, até a marginal Tietê .
31. Esses veículos, a maioria caminhões, deverão deixar de trafegar pelas marginais e **pela avenida do Estado**, que **atravessa** o centro de São Paulo .
32. Ao passar sob a rodovia Fernão Dias **o rio atravessa** umas manilhas que vão sendo obstruídas pelo lixo .
33. Segundo técnicos da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) , a eliminação do semáforo deve melhorar a fluidez do trânsito, nas avenidas Rebouças e Eusébio Matoso, principalmente no trecho próximo **à ponte** que **atravessa** o rio Pinheiros .
34. Uma das alternativas mais procuradas é **a trilha que desce** a serra do Mar no Vale do Rio Itapanhaú (outras opções no texto abaixo) .
35. **O peixe-boi amazônico** (Trichechus inunguis) , que **atinge** 2,5 metros e 250 quilos, e **a 'pécie marinha** (Trichechus manatus) , **que alcança** quatro metros, 600 quilos e possui unhas nas nadadeiras

Turismo

36. Cardoso faz parte **do complexo lagunar Iguape-Cananéia Paranaguá**, que **percorre** 20 quilômetros dos litorais paulista e paranaense
37. **A rodovia que liga Tel Aviv a Haifa percorre** um longo trecho pela orla do Mediterrâneo até Cesaréia, cidade-forte em ruínas, à beira-mar .
38. França -- A Interpoint tem três roteiros de sete dias organizados pela Abercombie & Kent **um** que **acompanha** o rio Dordogne, nas proximidades de Bordeaux (região sudoeste) , outro que **percorre** a Provence (região sudeste) e um terceiro pelas margens dos rios Tarn e Lot (região central) .
39. **Um sistema de túneis** com cerca de dez quilômetros **percorre** o centro por baixo das ruas e avenidas
40. Na Queensberry (011 -- 255-0211) , encontra-se **o roteiro do M / S Alexander The Great, que cruza** o rio Nilo .
41. O roteiro, de 19 dias, tem como ponto alto **uma trilha de 500 quilômetros**, a 5.000 metros de altura, **que cruza** monastérios 'palhados pelo vale do rio Indús .
42. Nos passeios **pelo rio Aquidauana, que cruza** a fazenda, em barcos a remo ou a motor é possível observar tucanos, garças, martins-pescadores, periquitos, tuiuiús e jacarés .
43. **A 'trada que corta** a reserva termina no Ponto do Cabo .
44. Enveredamos por uma das centenas de pequenas 'tradas conhecidas como rotas do vinho, **um trajeto de 30 km que corta** vinhedos e **cruza** aldeias com não mais que algumas dezenas de casas .
45. **A 'trada** era de chão batido e **cortava** florestas e sopés de montanhas.
46. **O caminho atravessa** uma paisagem rochosa e turbulenta, cheia de surpresas .
47. Com seus 142 quilômetros, rodovia inaugurada em 93 **atravessa** 15 rios e liga praias da Bahia e de Sergipe
48. Ao sul fica Reef Bay, acessível por meio de uma **trilha**, com cerca de 4 quilômetros, que **atravessa** uma floresta tropical úmida e termina em uma área de vegetação seca .
49. **A trilha de Cinnamom Bay**, que **atravessa** uma floresta tropical e uma antiga usina de açúcar, é fácil como a trilha Annaberg, próxima a um mangue, onde se pode ver pelicanos e outras aves aquáticas
50. **A 'trada sinuosa atravessa** pequenos municípios nos quais o tempo parece ter congelado .

51. Consegue sobreviver devido a **sua raiz que alcança** até 20 metros de profundidade e consegue extrair umidade do lençol freático .
52. **Uma 'cada que alcança** cerca de 50 metros leva à nascente .
53. A **avenida que rodeia** a Lagoa da Conceição, das Rendeiras, tem várias lojas .
54. A **rodovia** passa a uma distância entre dois e nove quilômetros do mar, **atravessa** 15 rios e possui um quilômetro de pontes.

Ilustrada

55. São onze e meia de quinta-feira, e os seguranças do clube londrino Megatripolis gritam para **a fila que dobra a esquina.**

Brasil

56. Fernando Henrique deu seu apoio à duplicação **da rodovia Br-101, que corta** o Sul do país
57. A ponte seria construída sobre **o córrego da Capoeira, que corta** a ERM-06 (Estrada Rural Municipal) .
58. Diferente do que vem afirmando o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, **o túnel Jânio Quadros** (sob o rio Pinheiros) não é o único que **atravessa** um rio na América Latina .
59. Na Argentina, **o túnel Hernandarias**, inaugurado em 1970, **atravessa** em 2.397 metros o rio Paraná, para ligar as cidades de Paraná e Santa Fé .
60. A ferrovia **atravessa** o parque ecológico Bom Jesus, onde há grutas e cachoeiras .
61. Autoridades israelenses anunciaram ontem a descoberta de 26 pilastras, **parte de uma antiga rota romana** que **atravessava** o deserto de Arab

Mundo

62. Até a Guerra das Malvinas, Canning dava nome a uma movimentada **avenida que cruza** o bairro de Palermo .
63. A **principal 'trada** que liga os territórios sérvios do sudoeste e leste da Bósnia **atravessa** a cidade .
64. Ele pisou em uma bomba instalada **em campo minado que rodeia** a base.

Mais

65. O show começa num palco de três metros quadrados e evolui para **uma passarela 'treita, que corta** o teatro ao meio .
66. O trecho abaixo descreve **a ponte** que **atravessa** a baía para ligar São Francisco a Oakland
67. Ainda hoje, enxergando apenas intensidades de luz mas não mais as figuras a sua volta, e sem conseguir levantar da cama, ela relembra o que gritou carregando uma pedra na cabeça pelos 3 km **do caminho da Santa Cruz, que sobe** o Monte Santo até o pico e a capela construída no século 18.

Esporte

68. **A imagem cortava** a lateral do campo, onde havia anúncios da Brahma.
69. Com o apoio da população, consultada numa pesquisa de opinião, o governador do Estado de Michigan, John Englar, batizou de «World Cup Way 94» **uma rodovia** que **atravessa** a cidade .
70. Para aumentar a segurança, 524 árvores **do bosque** que **rodeia** o autódromo teriam que ser cortadas .
71. A polícia caçava um grupo de ladrões que, depois de roubar uma agência do banco Bamerindus, na av. Marquês de São Vicente (zona oeste de São Paulo) , fugiu **pela favela que rodeia** o CT .

Dinheiro

72. Todas a manhãs, **pela linha ferroviária que corta** a fábrica, chega um trem carregado de motores e caixas de câmbio produzidos nas fábricas de Termoli e de Turim, no norte do país.

73. O Corredor Centroleste é **um complexo rodoferroviário** que **atravessa** a região centroleste do país com destino a Vitória.

Opinião

74. Logo na primeira volta, **no canal que corta** a avenida Visconde de Albuquerque, o carro de Irineu derrapou.

Especial

75. «Você foi grande», aponta uma faixa **no viaduto Aricanduva, que cruza** a marginal do Tietê; o público é numeroso; o carro com o caixão pára a fim de que uma senhora idosa, que invadira a pista, possa jogar três rosas vermelhas em direção ao caixão ;

Jornalístico (outros)

76. Na época da cheia há lama, e, no período de seca, o viajante engole poeira **na 'trada que corta** a floresta
77. Em São Luiz do Paraitinga, já a caminho de Taubaté, no Vale do Paraíba, **o rio que corta** a cidade transbordou, inundando vilas inteiras e causando a morte de três pessoas nas localidades conhecidas por Catuçaba e Purubinha .
78. **O Rio Paraibuna**, que **atravessa** a cidade, sofrerá um desvio de curso, que proporcionará a incorporação de 95 mil metros quadrados de área .
79. **A Br-277**, que **corta** o Paraná de Leste a Oeste, foi interditada em Laranjeiras do Sul, no entroncamento com a PR-158, estrada estadual que **atravessa** a Fazenda Giacomet-Marodin, no Oeste do estado, onde estão acampadas três mil famílias .
80. **A ponte entre o Rio e Niterói**, que completou 20 anos e **atravessa** uma das baías mais belas do mundo, pede socorro
81. Legenda Foto: Subir e descer a cordilheira dos Andes ficou sendo uma constante n'te trecho da viagem de Vitor e Osvaldo; ao fundo **o vulcão Lanin**, coberto de neve, **que alcança** 3.778 m de altura

Literário

82. Em dado momento, passamos perto de **uma pequena passarela que cruza** o rio, e François comenta: «Existe quem é capaz de construir pontes entre os seres humanos.
83. Como era preciso aproveitar o dia, os dois viajantes apearam-se logo, cada qual prendeu o seu cavalo, e introduziram-se na varanda da casa por **uma brecha que cortava** de alto a baixo o primeiro pano de parede .
84. Ricardo dispensou a estrada e foi a pé, pela estrada de rodagem, se assim se pode chamar **um trilho**, cheio de caldeirões, que **subia e descia** morros, **cortava** planícies e rios em toscas pontes.

Ensaio

85. Ao visitar a favela de Capanema, Wigelius certa as condições de pobreza das crianças, a grande quantidade de lixo que, espalhada nos terrenos baldios e a poluição **do rio Belém que corta** a favela

Texto Didático

86. **As ferrovias construídas por Portugal cortam** o país **de leste a oeste**, ligando nações do interior da África aos portos de Moçambique .
87. **Esse conduto** sai da bolsa, passa pela prega inguinal (virilha), penetra no abdome, recebe o líquido seminal, produzido pela vesícula seminal correspondente, **atravessa** a próstata, onde também recebe o líquido prostático, e desemboca na uretra.
88. **A Transiberiana**, a ferrovia que «não tem similares», **atravessa** 8531 km e sete fusos horários — corre ao encontro do Sol durante oito dias e nove noites
89. **O rio Danúbio**, com 2 860 km de extensão, nasce na Alemanha Ocidental e **atravessa** oito países até desembocar no mar Negro .

90. **O rio Reno** (1 326 km) nasce nos Alpes e **atravessa** as terras da França, Alemanha Ocidental e Países Baixos .
91. A mais alta ferrovia do mundo está nos Andes Peruanos, a **uma altitude que atinge** quase 4.800 m.
92. O continente Antártico, com uma área aproximada de 14 milhões de km², estende-se em torno do Pólo Sul e está circunscrito pelo Círculo Polar Antártico aos 66°33' de latitude sul, exceto a **Península Antártica que atinge** menores latitudes em direção à América do Sul.

Revista

93. Com 60 centímetros de largura, o **túnel atravessou** todo o pátio, de cerca de 40 metros de extensão, passou por baixo da parte subterrânea da muralha, a três metros do solo, superou um charco e, finalmente, **atingiu** a casa em que mora o aposentado Manoel Alves de Jesus, 61 anos.

CORPUS NURC

1. Juazeiro e Petrolina são divididos apenas por **uma ponte** que **atravessa** o rio São Francisco, de um lado é Petrolina, no ou... no estado de Pernambuco, o outro lado é Juazeiro pelo estado da Bahia.
2. É, nariz comprido, né? Tem **o nariz de papagaio**, que o meu se assemelha um pouco, que **dobra** assim o lado.
3. Uma plantação de café é em termos de tamanho um negócio monstruoso, enorme, né? Eh, existem fazendas de café, você pega aquela rodovia do, do café, chama, se não me engano, Castelo Branco, se não é Castelo Branco é Fernão Dias Pais, você vê **uma autoestrada lindíssima** que tem, que sai de São Paulo e vai até, vai até o, **pega** todo o norte do Paraná, você pega aquela região, você vai vendo ali as plantações de café um pouco fora da estrada. É um espetáculo.

CORPUS C-ORAL BRASIL

2. *JMG: e **aquele negócio ia subindo** morro / **descendo** morro / exatamente nessa faixa / que é uma faixa / non aedificandi / quer dizer / cê não pode construir / é ali que eles construíam hhh // uai // e assim / cê + //